

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNESPAR - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA

JOSEMI TEIXEIRA MEDEIROS

Da geo-filosofia da libertação em Enrique Dussel ao acampar poético-
geográfico em Paulo Leminski

UNIÃO DA VITÓRIA

2021

JOSEMI TEIXEIRA MEDEIROS

Da geo-filosofia da libertação em Enrique Dussel ao acampar poético-
geográfico em Paulo Leminski

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), núcleo da Universidade Estadual do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador **Prof. Dr. Thiago D. Stadler**

UNIÃO DA VITÓRIA

2021

"Morria-se em massa. E foi de repente. De um dia para o outro, todo mundo começou a morrer. Os primeiros ainda foram chorados, velados e floridos. Mas quando a cidade sentiu que era mesmo a peste, ninguém chorou mais, nem velou, nem floriu. O velório seria um luxo insuportável para os outros defuntos". (Quem não morreu na Espanhola? - Memórias de Nelson Rodrigues no Correio da Manhã)

Dedico esse olhar sobre os povos da América Latina, à todas(os) aquelas(es) que mesmo expondo sua existência, em diferentes tempos, arriscam suas vidas para salvar outras vidas.

“Soy, soy lo que dejaron
Soy toda la sobra de lo que se robaron
Un pueblo escondido en la cima
Mi piel es de cuero, por eso aguanta cualquier clima”

[...]

Aquí se respira lucha
(Vamos caminando) Yo canto porque se escucha
(Vamos dibujando el camino) Oh, sí, sí, eso
(Vamos caminando) Aquí estamos de pie
¡Qué viva la América!”
No puedes comprar mi vida”

(Calle 13. Latinoamérica, 2010)

AGRADECIMENTOS

“Y siempre fue así
y eso tú lo sabes,
que la libertad solo existe
cuando no es de nadie.

Desde que existe el Mundo
hay una cosa cierta
unos hacen los muros
y otros las puertas”.

(CARLOS VARELA. Muros y Puertas, 2000)

Para aquelas(es) que de alguma forma tornaram-se motivo de inspiração poética.

Minha gratidão a todas(os) alunas(os) do Colégio Estadual Arnaldo Faivro Busato, que emprestaram suas histórias cheias de vidas, que expuseram suas ideias para abrilhantar esse texto.

Agradeço as professoras que compuseram banca – Giselle Moura Schnorr e Naiara Batista Krachenski, obrigado pela atenção e carinho com os quais trataram minhas narrativas. Também agradeço as(os) professoras(es) do PROF-FILO UNESPAR que tive o prazer de conhecer e aproveitar as aulas como uma oportunidade de crescimento. Minha gratidão aos colegas da terceira turma (2019) do PROF-FILO UNESPAR que tive a oportunidade de conhecer e aprender junto, em especial a Eliana de Fatima Camargo e Claudemir Pinheiro de Camargo, os quais tive a possibilidade de conviver mais tempo e compartilhar momentos preciosos de aprendizagem.

Agradeço, sobretudo, ao meu orientador, Prof. Thiago D. Stadler, pela maestria na arte de cultivar palavras sem sufocar as frases, que soube manter a serenidade em moldar as ideias sem esterilizar o pensar e com presteza ajustou o fraseado sem neutralizar o ser poético, muito obrigado.

Gratidão à minha família que incondicionalmente sempre foi motivo de amor e aconchego, que sempre estiveram presentes.

RESUMO

O resultado da pesquisa é a produção de um texto desenvolvido a partir da prática docente fundado no pensamento latino-americano e na poesia, para isso, utilizamos o pensamento de Enrique Dussel e o pensamento poético de Paulo Leminski. A construção textual foi desenvolvida em duas partes: a primeira parte a prática docente, em que expomos um relato etnográfico das atividades realizadas pelas(os) as(os) estudantes, de maneira experimental, aproximamos as reflexões do pensar latino-americano e pensar poética, para isso, utilizamos como exercício a produção de textos de cordéis, tendo em vista a construção de uma narrativa centrada no cotidiano das(os) estudantes; a segunda parte encontra-se a fundamentação teórica, em que discutimos as bases do pensar filosófico latino-americano numa perspectiva da libertação, em destaca-se a consequências do processo de aproximação, dominação e colonização dos europeus na América Latina. O texto é uma mescla de passagens poéticas que se articulam com o pensamento filosófico.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia; Poesia; América Latina; Libertação

PROLÓGO	8
INTRODUÇÃO	11
PARTE I: POR UMA PEDAGOGIA DE ALDEIA	18
Capítulo 1: Lua Nova: filosofia da <i>práxis</i> e filosofia do varal	20
Capítulo 2: Lua Crescente: um pensar entre a filosofia e a poesia	35
Capítulo 3: Lua cheia: Produção de Cordel – Escrevendo para entender	43
3.1 Versos sobre o falso descobrimento	44
3.2 Versos sobre a opressão aos africanos em terras colonizadas	47
3.3 Versos sobre a opressão de gênero	51
3.4 Versos de cordel sobre a (in)existência	54
Capítulo 4: Lua Minguante: Leitura dos textos de cordel	56
Capítulo 5: Extra lunar: Visita ao museu de arte indígena.	57
5.1 Analética: uma prática docente libertadora	59
5.2 O olhar sobre o olhar dos outros	62
5.3 O olhar através do filósofo	65
5.4 O último olhar	69
Capítulo 6: O desabrigar que produz povo pensante	70
PARTE II: A FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO E O ENSINO DA FILOSOFIA	
LATINO-AMERICANA	73
Capítulo 1: A descolonização do pensamento latino-americano	74
Capítulo 2: Trançando as ideias: as curvas do pensar latino-americano	80
Capítulo 3: Trançando cestos: da consciência comum à consciência filosófica da práxis	84
Capítulo 4: Os dedos que trançam: uma práxis poética da libertação	92
Capítulo 5: O pensar poético transgressor em Paulo Leminski	95
5.1 Pensamento e obra: sobre o pensar poético de Paulo Leminski	97
5.2 A relação da filosofia com o Catatau	102
5.3 O pensar poético de Paulo Leminski	104

Capítulo 6: A educação libertadora	106
Capítulo 7: (Re)Descobrir: um exercício de libertação	111
CONCLUSÃO.....	114
POSFÁCIO.....	115
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	117
ANEXOS.....	121

PROLÓGO

Josemi Teixeira Medeiros

Começo em versos para terminar em rima
Seguirei em linhas proseadas
E, com anedotas escritas em parágrafos
Com frases que possam desmontar as arapucas armadas pela ilusão colonizadora
Pois, o olhar sobre a vida precisa ser o inverso da prosa
Em verso que rima o Eu e o Outro
Que alterna entre o meu ser e o teu existir.

Não se trata de falar.
Mas, de escutar analeticamente
E quando dizer, dizer desde
Daqui do meu lugar
Do nosso lugar

O trato é sobre o destrato
Que tiraram do prato o gosto
Que se transforma em desgosto.
Não é Ser pior ou melhor?
Isso, NÃO importa
Estamos tratando em Ser.
Em ESTAR.

Não se culpa
Quem não tem culpa.

Se pede desculpas
Quando se carrega culpa,
E, não se age por desculpas
Porque a desculpa era em nome de Deus
E, a culpa será de quem?
Miraram os indígenas “selvagens”

E, depois, culparam as bruxas
E arremataram com todas as mulheres.
As mães e as sem maridos.
E, até as filhas da mãe.
E, depois os negros,
Aqueles que eram chamados de escravos.

Dos gays, das putas, das travestis
E, d’aquelas que a vida corre no esgoto da avenida
Mas, se esgota na fossa do existir junto com a gente.
Libertação é ser junto com o outro
Que sejamos nós,
professores, alunos, pais, mães, negras... trabalhadores.
Apenas gente
Não se ocupa
Daquilo que não preocupa
Se preocupa daquilo que ocupa
O espaço, que ocupa a rua
Que ocupa a terra
Que ocupa os sonhos
Do que ocupa-se na universidade

Se ocupa daquilo que ofusca

Por desculpa.

Se pôs a culpa em quem não tinha culpa

A crença demente à razão sem razão.

Como se tudo tivesse de ser apenas UM,

E, os outros?

Não permitiram ser eliminados.

Onde a razão padece

Somos a carniça

Que aqui se persiste

Que perturbamos em vida

e incomodamos na morte

somos ossos duro de roer

onde a razão destrói seus próprios dentes.

INTRODUÇÃO

Esta será uma narrativa a respeito daquelas(es) que estão do outro lado da história, que foram e continuam sendo golpeados em nome do “ter mais” e que todos os dias perdem pedaços de si para continuar sobrevivendo. Uma explanação contrária à classe burguesa-colonizadora, que expõe apenas uma faceta da vida, a qual podemos chamar de história ensimesmada, aquelas produzidas e contadas para as(os) trabalhadoras(es). Sendo assim, esse trabalho se apresenta como uma proposta capaz de pensar a vida em seu valor pleno e resgatar o desejo de construir um pensar filosófico por meio da dignidade de seres humanos pensantes e participantes desse mundo e da história universal. Para isto, será seguido o caminho da simplicidade filosófica-poética na intenção de estabelecer um exercício racional através de coisas do cotidiano. Após várias tentativas de encaixar as letras nas palavras, até aqui, foi construída uma narrativa em prosa, recheada de combinações de versos, frases cheias de ideias e histórias, pois são narrativas de pessoas reais. Um contexto que traz transformações da vida em palavras e, com pouco esforço, possibilita entender o quanto palavras verdadeiras podem contar histórias reais.

O panorama da pesquisa se revela ao pensar a filosofia na/sobre a América Latina, promovendo uma aproximação entre a filosofia da libertação, em especial o pensamento de Enrique Dussel, articulado a uma racionalidade poética presente nos versos do escritor Paulo Leminski. A pertinência da investigação surge da necessidade em repensar o ensino da filosofia, em especial da filosofia latino-americana, a partir de uma “geo-filosofia”, na qual considera-se o tempo, a cultura e o lugar como as referências da construção da racionalidade, levando em conta a simplicidade do existir como fagulha que desperta o problematizar filosófico, o que não pode ser confundido com o provincianismo. Esta reflexão exige a compreensão do territorial e das heranças sul-centradas, significadas neste trabalho como garantia do processo de repatriação do pensar, por meio da filosofia na/sobre a América Latina. Nesse sentido, homens e mulheres apossados de sua geolocalização pensante ganharão novas configurações no acampamento da existência pensante que voltará a ocupar-se da reflexão do espaço de si, e para si. Como afirma Dussel “o filósofo é aquele que enuncia um discurso filosófico sobre os temas reais, prementes, [...] que respondem à necessidade de estabelecer em última análise a consciência de classe dos oprimidos. [...] Para só mediatamente chegar a tal consciência: seu interlocutor e destinatário real. (DUSSEL, 1977, p.218-219).

Neste trabalho a utilização da poesia aparece como um aporte para revelar os conceitos filosóficos, e com isso, melhorar a estratégia pedagógica no ensino da filosofia latino-americana, tendo em vista que na sala de aula a oralidade é uma das formas de aprender pouco explorada, ou até mesmo menosprezada, ao mesmo tempo, contrário a isso, a oralidade é a forma louvada para pensar a filosofia no contexto latino-americano. Assim, faz-se necessário (re)pensar maneiras instigadoras de refletir sobre o saber filosófico latino-americano e, nesta dissertação, tal caminho fora construído através das poesias de Paulo Leminski - sinônimo de transgressão e de uma escrita subversiva. Com esses aspectos em vista, a proposta é romper com a estrutura racional do pensar tradicional, como diz o poeta, na obra o Catatau: “Penso mas não compensa” (LEMINSKI, 1989, 14). E, ainda, diz mais: “Este mundo não se justifica, que perguntas perguntar?” [...]. Assim, ele afirma que a razão fracassou: “este mundo é o lugar do desvario, a razão aqui delira” (LEMINSKI, 1989, 17). Paulo Leminski transforma a mente do leitor em nômade de seu próprio imaginário racional, isto é, desperta uma racionalidade própria que rompe com o modelo cartesiano de pensar, sendo assim, a subversão é um dos caminhos para superar a dominação do pensar dominante-colonialista.

A problemática desta pesquisa percorre um caminho com vistas fixas sob a prática docente, apresentada no primeiro capítulo, desenvolvida com alunas(os) do Ensino Médio do Estado do Paraná, mais precisamente na cidade de Pinhais. Para isso, coube refletir a respeito das atividades desenvolvidas com as(os) estudantes, bem como da construção teórica feita entorno da prática, que era pensar o educar filosófico na perspectiva latino-americana. Questões norteadoras foram aparecendo: Como acampar um filosofar latino-americano a partir do pensamento de Enrique Dussel e de Paulo Leminski? Quais as dificuldades em utilizar o pensar filosófico latino-americano em sala de aula?

A proposta da prática foi a de promover um reordenamento pedagógico que potencializasse o pensamento reflexivo-filosófico a partir da utilização de poesias no ensino de filosofia latino-americana, a fim de proporcionar aos estudantes o despertar do pertencimento coletivo considerando o lugar geográfico, através de expressões poéticas. Afinal, se Leonardo Boff tem razão, todo ponto de vista é a vista de um ponto; é preciso interpretar a partir de onde os pés pisam. A prática tinha a função de reconfigurar a relação de interesse das(os) estudantes com a filosofia, tendo em vista um pensamento regional entoado pelos escritos de Enrique Dussel e Paulo Leminski. A mim coube ser um propositor, instigando as(os) educandas(os) ao exercício reflexivo e ao aprimoramento da capacidade criativa/criadora poética.

Nossa prática iniciou no dia 30 de outubro 2019, com o estudo sobre filosofia latino-americana. Começamos a pensar a filosofia a partir de nossa realidade, tendo em vista coisas

simples, situações do dia a dia. Pedi para que as(os) alunas(os) pensassem sobre as coisas do cotidiano que pudessem lhes despertar o interesse. Mencionaram sobre: o trabalho, a família, as ruas, a escola, os amigos, as redes sociais, a cidade, o amor, a felicidade, etc. Diante dessa instigação pedi para que as(os) alunas(os) apontassem o espaço da casa, onde elas(es) vivem, que elas(es) consideravam o mais filosófico. As respostas foram desde a cozinha, a sala, o quarto, o banheiro, o quintal e até mesmo os animais que fazem parte da família, como cachorro e gato. Com essas observações expostas, foi possível estabelecer uma reflexão sobre o impacto desses elementos na forma do nosso pensar, no sentido de que esses objetos/situações existem em nossas casas de maneira intencional, e que esses cenários ao passar do tempo vão sendo carregados de sentido, e assim deixam de serem meros objetos adquiridos de maneira involuntária para se tornarem parte da vivência dos indivíduos que compartilham o mesmo espaço e juntos discutem ideias e constroem histórias.

O cenário para o desenvolvimento do trabalho foi a nossa escola real, o Colégio Estadual Arnaldo Faivro Busato, na cidade de Pinhais-PR, com alunas(os) do segundo ano Técnico em Administração. A escola que não se difere dos demais padrões dos colégios brasileiros, a começar pela reprodução de um currículo tradicional, estruturado num esquema com contornos nortecentrados, além de radicalmente burguês, que pretende transformar seres humanos em mão de obra barata a serviço do capitalismo; que pouco se preocupa com a formação cultural do sujeito, mas que tenta treiná-lo para torná-lo servo e operar as técnicas produtivas que estão a serviço do mercado trabalho.

No entanto, na contramão de tudo isso, propomos uma *Pedagogia de Aldeia* que nasce de uma concepção de escola que não é exatamente uma escola, de uma sala de aula que não é exatamente uma sala de aula, de alunos e professores que não correspondem a padrões tradicionais. Mas o resgate da essência de uma educação encarnada ao espírito latino-americano que propõe um educar para além das estruturas e um aprender para além do currículo, um magistério que é capaz de educar-se aos modos dos povos originários, ao exemplo da educação dos povos Guarani, que acreditavam que um projeto político pedagógico de uma escola deve estar alinhado com a história dos sujeitos. Por isso que,

na escola indígena a pedagogia tem mais liberdade, a gente não tem muita aula em sala de aula. A sala de aula é só apenas para finalizar alguns contextos. Ou discutir algum texto que seja possível na língua portuguesa. Que o principal e o foco principal aqui é a língua materna guarani. Então, a gente tem muito disso, de sair para o campo e verificar a questão da ancestralidade, dentro do nosso PPP da escola reforça a questão da ancestralidade (SARMIENTO, 2020)¹.

¹ Depoimento do diretor Richard Thibes Sarmiento sobre a formação do povo Guarani.

Inspirado na concepção da escola indígena Guarani, percebe-se que cabe ao educador colocar em prática uma estratégia que possibilite o desenvolvimento da humanidade das(os) alunos. No entanto, há de se considerar que não existe modelo perfeito a ser seguido, mas caminhos que façam sentido ao caminhar. O que se busca numa proposta pedagógica é que tenha significado na vida real para aqueles que irão fazer parte da execução na prática. A proposta de uma *Pedagogia de Aldeia* baseia-se num olhar existencial do magistério que garante a autoafirmação do sujeito enquanto ser humano que tem uma história a ser narrada, presente no interior de cada um. A educação de aldeia é uma educação de luta pelo resgate do pertencimento e preservação da história de suas próprias tradições, em razão disso o currículo deve tratar de questões que compõe a vida real dos indivíduos e suas narrativas. Nesse contexto, educar é um processo fundamental para consolidação da humanidade, em que os sujeitos sejam integrados numa chamada História da humanidade.

As nossas práticas educacionais deixaram de fazer sentido quando abandonamos a existência das(os) alunas(os) para produzir mão de obra a serviço do sistema mercantil-financeiro. É necessário resgatar os sentidos das nossas práticas educacionais, a exemplo de uma educação indígena, que nos ajudar a entender que não precisamos de um currículo engessado para consolidar a formação de um ser humano, assim como numa escola de aldeia

não há matéria didática, não há preocupação em ser adulto, mas precisa de espaço para desenvolver sua criatividade. O velho chama e conta história. É no momento que a mãe coloca no colo e cata piolho. Através de histórias desenvolve uma pedagogia baseada num ethos integrado. O desejo é possibilitar que o jovem esteja integrado ao processo educativo, ao adulto cabe estar integrado e atento ao despertar. A criança precisa se apoderar daquele momento para que com tranquilidade possa se expor e se integrar aos processos educativos (MUNDURUKU, 2012).

A transcrição de Daniel Munduruku sobre o processo educativo faz a gente repensar o modelo de educação utilitarista que pregamos em nossas práticas docentes, a tal ponto de entendermos que parte das coisas que fazemos em sala de aula não faz o menor sentido para a vida dos nossos alunos. Em razão disso, urge voltar as nossas origens não como um regresso saudosista, mas reavivar o sentido da nossa existência educacional.

Refinando nosso olhar sob o educar, em outro relato, o indígena Kaka Werá Jecupé, na obra “A terra de mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio”, expõe a forma de inserção do sujeito no mundo, em que o conhecimento não é um saber isolado, mas um saber construído a partir da relação do sujeito, mundo e o sagrado. O sujeito é colocado no mundo e seguirá se formando ao comunicar-se com a natureza, como diz a narrativa:

Meus pés percorrem serras, montanhas, florestas e rios que geraram os nossos antepassados. Meus olhos percorrem olhos de parentes desamparados de sua história devido à morte ou silêncio dos nossos velhos. Apalpei a terra estéril e a árvore seca pela raiz fraca em um poente que cobria a vida com um tom pálido. Era a alma do mundo dizendo que um ciclo terminado e que aquele instante, da soma das sabedorias das antigas tribos que o poente insistia em iluminar, mesmo que palidamente, uma nova tribo amanhecerá como Sol. Para isso as raízes teriam que ser resgatadas, a terra precisaria ser recuperada e revitalizada. Foi assim que um menino buscou um guerreiro que buscou um clã que buscou o coração. E todos se puseram a trabalhar em um empreendimento: trazer a milenar sabedoria para as novas gerações, trazer de volta a ciência sagrada enquanto essência, para que seu aroma ampare e permeie como bálsamo os corações e as mentes das futuras gerações (JECUPÉ, 1998, p.12).

A forma de educar apresentada na narrativa de Jecupé é uma exaltação da harmonia entre o ser humano, a natureza e o sagrado. Esse modelo de sabedoria é uma afronta ao educar tradicional, no entanto, será através da transgressão ao modelo de uma pedagogia distante da realidade, que será possível experimentar em nossas escolas urbanas uma estratégia metodológica que permita romper com o modelo imposto, que nasceu fracassado por não se conectar com a nossa vida vivida. Cabe a nós, enquanto educadores e educadoras, repensar nossas estratégias. Diante do caos, propormos uma *Pedagogia de Aldeia*, que consiste em considerar o universo da(o) aluna(o) a partir de situações que façam sentido em seu experimentar de mundo, em um educar capaz de resgatar o elo perdido dessa gente que vai à escola em busca de um saber sistematizado tradicionalmente, impresso em livros didáticos, mas que não narra a história daquelas(es) que decodificam as mensagens sem sentido. Um educar de aldeia é resgate da nossa história, que não pode ser secundário, mas título principal da obra a ser estudada. E, será assim, um repensar numa pedagogia que possibilite uma relação de alteridade entre os indivíduos que compõem os processos educacionais que permitirá ultrapassar as barreiras do anonimato educacional.

Proposta de uma educação libertadora que tem origem na necessidade de resgatar os elementos culturais e, com isso, cabe buscar em pensadores entusiastas de uma educação libertadora, como propõe Enrique Dussel, que se alinha a uma proposta do educar através de uma *práxis* libertadora, propondo uma ruptura com o modelo burguês europeu/ estadunidense, a partir de uma educação que promova a libertação das(os) estudantes do sistema opressor, com o intuito de resgatar a alteridade a partir de um novo *ethos* global.

Sob a perspectiva de uma educação libertadora, Enrique Dussel define que “O ethos da libertação pedagógica exige que o mestre saiba ouvir, no silêncio e com respeito, a juventude, o povo. Só do discipulado paciente e entusiasta do próprio mestre poderá emergir o juízo adequado da realidade na qual se encontra o povo” (DUSSEL, 1977, p. 101). A educação libertadora não é um modelo de reprodução que refaz mais do mesmo, mas uma pedagogia que

se expressa através da própria vida, onde se rompe a opressão para construir uma nova humanidade. Pois o valor maior deverá ser a própria vida, para além do saber sistematizado e da racionalidade instrumental e a violência destruidora do capital.

Sendo assim, o intuito da prática consistiu em abordar o conteúdo sobre filosofia política latino-americana, tendo como conteúdo básico a ideia de liberdade e, para isso, utilizar os textos do filósofo Enrique Dussel, como referência ao pensamento latino-americano, e articular uma estratégia pedagógica através do pensamento poético de Paulo Leminski. A prática foi desenvolvida em 10 aulas, que foram projetadas no plano de ação, que constará em anexo deste trabalho.

Na primeira fase, intitulada de *Lua Nova*, a prática foi desenvolvida para que as(os) estudantes percebessem que o aprendizado da filosofia pode ocorrer a partir da práxis - de quanto à filosofia encontra-se próxima da nossa realidade. O caminho encontrado para tal reflexão foi utilizar a imagem de um varal para trazer o cotidiano das(os) alunas(os) à discussão até formulamos uma definição de filosofia. O objetivo era chamar a atenção das(os) estudantes para pensar a filosofia a partir de situações reais que impactam nosso cotidiano. Pensem as situações que configuram as relações do dia a dia.

A segunda fase, chamada de *Lua Crescente*, foi realizada a partir de um texto em prosa que destacava a imposição dos europeus aos ameríndios. Em seguida foi utilizado o mesmo texto escrito em verso. Relacionamos a concepção de liberdade de Paulo Leminski e de Enrique Dussel, com o intuito em formular um conceito de liberdade política na América Latina, em especial no Brasil. Procuramos repensar as nuances na prática e suas implicações sociais e culturais. Através das ideias de Enrique Dussel identificamos o impacto do falso descobrimento, em Paulo Leminski buscamos pensar o conceito de liberdade analisando como o poeta, de maneira estratégica, expressa seu entendimento de liberdade - inclusive liberdade textual.

Na terceira fase, chamada de *Lua Cheia*, as(os) estudantes fizeram uma produção poético-rítmico ao estilo de literatura de cordel que foi transformada em um livreto de cordel. Cada aluna(o) fez uma produção e a questão abordada foi acerca das situações que ainda hoje geram formas de encobrimento - tendo em vista a ideia de liberdade no contexto da América Latina. Com isso, procuraram destacar as características regionais, os elementos que constituíram a nossa formação enquanto povo e, considerando a relação dos paranaenses com a natureza e o meio social. O exercício filosófico ocorreu a partir da necessidade de mover nosso olhar para uma perspectiva crítica das narrativas históricas sobre o pensamento latino-americano. Utilizamos a poesia como pretexto para pensar as questões filosóficas que, por meio

da literatura em cordel, estreitamos a distância entre filosofia e poesia, com o propósito de revelar os conceitos filosóficos, tornando-os mais claros através da exposição poética.

Na quarta fase, momento intitulado de *Lua Minguante*, foi realizada a finalização do material produzido. A apresentação dos resultados ocorreu em forma de jogral, numa exposição que despertou o interesse dos alunos de outras turmas que foram assistir à exposição. Após a apresentação foi realizada uma exposição na escola do material produzido.

E, por último, a atividade *Extra Lunar*, que foi realizada durante o desenvolvimento da prática, já que foi necessário se adequar a data oportunizada pelo museu, num ajuste com o calendário das atividades da escola. Essa atividade foi realizada no dia 07 de novembro de 2019. A atividade extraclasse foi uma visita técnica ao Museu de Arte Indígena (MAI), a qual proporcionou um despertar das(os) estudantes à repensarem sobre os temas trabalhados em sala de aula.

PARTE I: POR UMA PEDAGOGIA DE ALDEIA

Araucária² saiu lá do fundo da sala, veio até a mesa do professor para falar sobre uma atividade solicitada na aula anterior. Ela é uma garota simples, que senta no fundo da sala. No entanto, foge à regra da turma do fundão, pois tem uma postura delicada e costuma prestar atenção nas aulas. No início do ano a jovem tinha um grupo de amigos, que foi construído em outro espaço fora da escola, provavelmente vizinhos próximos da rua onde mora. A realidade da garota sempre despertou interesse, pela simplicidade, mas também pela delicadeza e educação. Com o passar das aulas, quatro alunos vieram transferidos do turno da manhã - essas mudanças de turno ocorrem por motivos de trabalho. Tais alunos aparentavam uma condição financeira melhor que os demais colegas da turma. No começo Araucária tentou se enturmar com os novos colegas. Sempre muito discreta, com um sorriso fácil demonstrou-se acolhedora. Ao passar das aulas, aos poucos, a jovem garota foi se distanciando do grupo, pois não encontrava mais razão para compartilhar dos mesmos propósitos com aqueles por aqueles colegas. Era fácil perceber que Araucária não conseguia se adequar aquelas conversas, assuntos que sempre se referiam a uma realidade que não lhe interessava. Ela não frequentava os mesmos lugares de seus colegas endinheirados, não tinha hábito de ir ao shopping, aos shows, nem muito menos usar as marcas dos produtos que seus colegas usam. Araucária virou uma espécie de caracol, que aos poucos foi se encolhendo, pois se mostrar não lhe fazia bem.

Ao mencionar uma personagem real, pontuamos a essência do nosso trabalho, fazer perceber a invisibilidade dos sujeitos que compõe o cenário de nosso enredo, com isso deixamos de pensar em narrativas de fatos, para pensar em histórias de seres humanos. Esse trabalho apresentará personagens cheios de sentimentos, de ideias, de sonhos e utopias, que mesmo castrados pelo sistema opressor, se esforçam para se expor ao mundo, para ganhar visibilidade e contar suas histórias. Araucária é um personagem real, que faz parte da engrenagem de um sistema opressor, no entanto, sua existência é carregada de invisibilidade, a tal ponto de ser percebida na sua ausência, quando não está exercendo suas funções, no cotidiano da vida não passam de uma peça igual as demais. Expor narrativas desse tipo é entender que mesmo estando dentro de um sistema opressor, podemos pensar e agir para além daquilo que se é permitido por leis, regulamentos, currículos, etc.

² Durante a exposição textual que segue abaixo utilizamos nomes de plantas que compõem a flora do Estado do Paraná, como estratégia para apresentar as ideias das(os) alunas(os), considerando que a maioria dos alunos são menor de idade, além das questões éticas para preservar a imagem de cada um deles.

A filosofia da libertação, ponto nerval desse trabalho, tem origem no sujeito real, em suas ações diárias, que inspira a pensar uma práxis libertadora. E, é no contexto da vivência diária, onde o sujeito sofre a opressão do sistema explorador, que a filosofia da libertação se torna o mecanismo capaz de pensar caminhos éticos possíveis em busca da libertação dos sujeitos, por meio da construção da subjetividade existencial que se redefine o lugar de existência. Na práxis da libertação o sujeito que é vítima, torna-se o personagem central que deve atuar em prol da libertação, superando a olhar de *ente* imposto pelo colonizador.

Através do personagem Araucária podemos observar três características existenciais, tais como a humanidade existencial, natural e cultural, que precisam ser observadas nos sujeitos que serão expostos nesse trabalho, a partir do entendimento da filosofia da libertação. Nesse sentido, subtendemos que a libertação não pode ser meramente a libertação da racionalidade e desejos. O processo de libertação real do ser humano também considera a constituição moral e física, tendo como propósito a superação da opressão física e psíquica.

As histórias dos filhos dos trabalhadores são narrativas de luta que carregam em suas memórias o germe da opressão de uma sociedade escravagista. Os alunos da Escola Pública, em sua maioria, são a expressão máxima de famílias que acreditam que seus filhos superarão os grilhões de uma sociedade excludente e marginal. Araucária é a regra do sistema opressor. É apenas uma pequena parte da história da história da América Latina.

Nesse sentido, pensar sobre a América Latina é reconhecer que carregamos uma narrativa de luta e resistência ou muitas vezes de resiliência com o opressor. Precisamos continuar lutando, mesmo ao custo da própria existência. É necessário reavivar os muitos corações de uma América Latina pulsante em sua pluralidade, e que impulsiva insiste em viver o hoje e sonhar com o amanhã, que o cheiro de folha verde e semente, em algum momento adormecido, precisa brotar em forma de sonhos, para tornar-se frutífera ao sabor de uma floresta que nunca morreu, mas agora ousa em despertar dentro daqueles que permitem ser terreno fértil para uma nova era tropical. Numa proposta educacional arraigada nas narrativas e cada sujeito o despertar ao aprender precisa ser simples, mas transformador, adubado para germinar uma pedagogia de aldeia, mais solidária, mais viva, mais real, mais gente da gente.

A disciplina de filosofia na Escola Pública precisa ser um instrumento transformador, a tal ponto que propicie ao filho do trabalhador rever as narrativas impostas pela classe dominante. Com isso, acreditamos que qualquer pessoa pode filosofar através de sua vida-arte. Nessa situação, certamente a natureza da filosofia precisa admitir o que fazemos na mesma proporção do que pensamos. Isso constitui o fazer-pensar ou pensar-fazer próprio de uma filosofia da libertação. No mundo dos operários, mulheres e homens se permitem lavar suas

próprias vestes, legitimam o seu pensar através do exercício de expor suas próprias ideias, assim como se estende roupas em um varal na varanda de sua residência. Chamamos de filosofias tudo aquilo que serve de provocação, onde encontramos reflexão e ação, e/ou ação e reflexão, a isso chamamos de práxis, e através disso, por isso, todos podem exercer sua vida-arte de pensar com a mesma intensidade. A filosofia é um afrontamento a si mesmo e um embate desconcertante sob o pensar opressor do Outro. As(os) alunas(os) transparecem a afeição com esse modelo de filosofia, pois entendem que a filosofia que fala da vida é uma filosofia que desperta o desejo em aproximar-se da existência.

Capítulo 1: Lua Nova: filosofia da *práxis* e filosofia do varal

Esse primeiro capítulo foi desenvolvido a partir do despertar para pensar a filosofia tendo em conta as coisas práticas, de coisas que fazem parte do cotidiano ou situações que configuram as relações do dia a dia. Utilizei uma fotografia de uma casa localizada em nossa região, e a partir do cenário da imagem executamos os exercícios de pensar sobre os espaços da casa e o considerar filosófico, tínhamos um cenário montado para despertá-los para a reflexão a partir de uma fotografia de uma casa rural, onde se encontrava um varal exposto. Na imagem constava uma espécie de varanda na parte de trás, que continha roupas estendidas em um varal de cordas, o qual estava amarrado nas laterais das paredes; ainda havia uma rede e vasos de plantas.

Diane dessa fotografia, a ideia era pensar a filosofia a partir de coisas simples, do nosso cotidiano, e foi nessa erupção de ideias que identificamos no varal a tensão necessária para aprofundar a nossa reflexão, a qual tornou-se o nosso ponto de partida para problematizarmos o pensar filosófico. A ideia do varal tornou-se estratégia central para estimular o nosso imaginário, e a estratégia consistiu em pensar o quanto há de filosofia num varal, para isso, os alunos foram instigados a confrontar as diferentes formas que as pessoas estendem roupas, e com isso, refletir sobre a formação da memória pensante dos que estavam presentes. Com isso, queríamos que os alunos percebessem que o exercício do pensar é diverso. Essa atividade termina com a formulação de uma concepção de filosofia e, desse modo, agora, segue o relato das bases que fundaram a construção de uma filosofia latino-americana em sala de aula.



Imagem: Casa localizada no Bairro Planta Karla, em Pinhais-PR. Fotografia retirada por mim, em julho de 2019.

Depois da escada, no início do corredor, é possível avistar lá no fundo aqueles que estão à espera. Ao aproximar-se, como costumeiramente, demonstram simpatia, mesmo transparecendo aspecto de cansados, tanto o professor e de igual forma as(os) alunas(os). A porta quebrada narra a história daqueles que vivem por ali. A fenda na parte baixa na porta da sala de aula é apenas um exemplo da insanidade que abraça a Escola Pública no Brasil, decorrente de momentos de contraversão de alguns alunos mais rebeldes, mas também, resultado do descaso do poder público em cuidar daquilo que é comum a todos.

Na parte da frente, a mesa torta do “mestre” denota que o lugar do professor não é um privilégio, mas apenas mais uma peça operante do sistema educacional a serviço do sistema financeiro. As paredes sujas e as carteiras riscadas demonstram a forma que aqueles indivíduos se relacionam com o mobiliário que compõe o cenário, mas também, configura o tamanho da importância dada por aqueles que são responsáveis em investir e zelar pelo espaço. O quadro verde cheio de pó de giz, próximo ao mural de recados, que não tem nenhuma notícia, narra que muitas coisas acontecem naquele espaço, no entanto, demonstra que nada de novo acontece ou irá acontecer. O ambiente escolar, em especial a sala de aula, é um espaço programado para funcionar a partir de uma determinação/limitação do espaço e tempo.

Após apresentar a proposta de trabalho daquele dia, a aula começa com a exposição da foto de uma casa que expõe uma cena onde se estende as roupas na varanda, na fotografia a casa espaçosa apresenta uma situação típica da realidade da cidade. A casa se encontra uns seis

quilômetros do centro urbano. Nela há uma varanda e um amplo terreno que transparece um ambiente para uma vida de tranquilidade, já que se encontra em conexão com a natureza, pois está cercada por árvores. Na área externa a rede armada, a mesa sempre pronta à disposição de uma convivência num ambiente mais refrescante. A mangueira do jardim, os baldes a disposição dos serviços domésticos, a planta é um capricho daqueles que buscam a sintonia com o meio em que se vive. E o gás instalado na área externa é mais um capricho daqueles que se importam consigo mesmo. Naquele cenário, aquela casa, parecia uma casa de fazenda, que dizia muito mais daquilo aparentava. Ali, no varal, o elemento primordial da foto, estavam expostas todas as vestes, todas as particularidades e individualidades daqueles que conviviam na casa fotografada. As roupas íntimas apresentavam-se em suas cores, expunham a intimidade daqueles que não estavam na imagem, mas apresentavam-se de maneira íntima-oculta.

A proposta da fotografia consistia em pensar que o varal exposto não era apenas um varal, mas um elemento mobilizador capaz de despertar a postura filosófica para além de um aparato teórico obscuro incapaz de ser compreendido. Através de uma imagem do varal projetada em sala, despertamos nos alunos a percepção de que era possível pensar a filosofia a partir de objetos simples. E, com isso, instigados a pensarem sobre os elementos que compõem o cenário de um varal e suas nuances filosóficas. Para acompanhar as nossas conversas utilizamos como referencial teórico os escritos filosófico-políticos do latino-americano Frantz Fanon, em especial alguns fragmentos da obra “Os condenados da terra” - um verdadeiro manual de luta e resistência da existência aos povos colonizados. A partir da união de três aspectos fundamentais [texto teórico; ditos populares e experiências das(os) alunas(os)], essa reflexão nos inspirou a ousar e aproximar a prática do “bater a roupa” com a ideia de luta e resistência sugerida por Fanon [compreendendo que a força do braço será o gatilho da libertação]. Reiteramos novamente o nosso princípio filosófico: há plena necessidade de partir de um cotidiano marcado pela simplicidade para encontrar valor naquilo que ganha os signos do complexo. Os tópicos a seguir são uma espécie de “conjunto de reflexões” que mesclam o cotidiano [varal], com o teórico [Fanon] e os ditos populares. Uma tentativa de demonstrar como se pode trabalhar em sala de aula com coisas simples e buscar, sem a vulgarização do *fazer filosófico*, espaços para debater e repensar o mundo vivido pelas(os) alunas(os). Confrontados, o varal, a teoria e o popular, talvez seja possível estabelecer certas estratégias de um processo de libertação epistemológica dentro de uma escola pública:

a) *pensar o que a corda/fio no qual se penduram as roupas poderia significar* – O fio que segue é o caminho que direciona para onde deveremos seguir. Sabemos que não representa o fim, mas o ponto de partida para uma nova narrativa desde que saibamos o que nós somos e

o que os outros querem que nós façamos. Pois, “o mundo colonizado é um mundo dividido em dois, o mundo do colono e o mundo do colonizador. A linha divisória, a fronteira, está indicada pelos quartéis e pelos postos da polícia. [...] O porta-voz do colono e do regime de opressão é o polícia e o soldado” (FANON, 1961, p.33). Somos a ponta da linha que segue a narrativa histórica e assumimos o nó que segurará até o momento do sufrágio. No dito popular, “a corda arrebenta do lado mais frágil”. Em nossas terras a vida é uma história de resistência que se rompe apenas no limite da vida, e as ideias não serão suficientes para promover uma revolução que obrigará a romper o cordão da história.

b) pensar o que significavam os “grampos” que seguravam as roupas – O processo de colonização confundiu a generosidade do acolhimento dos povos originários com o imaginário de ambição dos falsos aventureiros. Por isso, “a descolonização não passa nunca despercebida, dado que afeta o ser, modifica fundamentalmente o ser, transformando os espectadores esmagados pela falta do essencial em atores privilegiados, amarrados pelo correr da história” (FANON, 1961, 31). As formas de aprisionamento são sempre disfarçadas, pois se cria a sensação de ser momentaneamente “boa” com aparência de novidade, levando os sujeitos envolvidos a proferirem, tal como nos ditos populares, que “depois da tempestade virá a bonança”. No entanto, não deixa de ser uma ilusão, pois aqueles que oferecem “segurança” serão os mesmos que praticarão a opressão.

c) pensar na variedade e utilidade das roupas penduradas - A exposição da militância política é colocar-se na frente da luta, como ato de resistência, que será através da persistência que a conquista virá, pois, como reza o popular, “água mole, pedra dura, tanto bate até que fura”. A utilidade da luta é fazer parte do processo de intervenção, no qual se expõe “a sua nudez, a descolonização permite adivinhar, através de todos os seus poros, as balas e os cutelos sangrentos” (FANON, 1961, p. 32), que as narrativas vivenciadas por aqueles que acreditaram no processo de transformação, mais conhecidos como “escalões que definem uma sociedade organizada, não pode triunfar enquanto não puser em ação todos os meios, incluindo, bem entendido, a violência” (FANON, 1961, p.32). A conquista é resultado da exposição máxima dos diferentes seguimentos sociais, numa luta de classe, onde alternamos entre as vestes da luta e o uniforme do trabalho.

d) pensar nas roupas que se penduram sem os grampos – Aos não dominados, homens e mulheres livres dos aprisionamentos, que não permitiram serem domesticados virarão heróis ou mártires. O não enquadramento ao processo de dominação provoca a destituição da dominação. Claro, “se, com efeito, a minha vida tem a mesma importância que a do colono, o seu olhar já não me fulmina, já não me imobiliza, a sua voz não me petrifica. Já não me perturbo

na sua presença. Praticamente, eu aborreço-o. Preparo-lhe tais emboscadas que em breve não terá outra saída a não ser a fuga” (FANON, 1961, p.41). Aqueles que não se prenderam a opressão do colonizador irão seguir sua luta e suas conquistas, pois, no dito popular, “o que não mata, engorda”. Afinal, quem é livre? Quem não se deixou domesticar pela colonização? Quem realmente consegue se libertar da opressão colonizadora?

e) pensar na estrutura montada para que o varal possa existir – O período de exposição só faz sentido durante a exposição do sol. E, “durante a colonização, o colonizado não deixa de liberta-se entre as nove da noite e as seis da manhã” (FANON, 1961, p. 48). Diz o ditado popular, “quem não é visto, não é lembrado”, no processo de colonização a lembrança exaltada é a do herói colonizador, que é narrado nas páginas do livro didático. Se a história não fosse contada por portugueses e espanhóis, que transformaram assassinos em heróis, os nossos livros nunca estampariam a imagem de Cabral e Colombo. Na história dos colonizadores chamam seus homens de “conquistadores”, já na história dos colonos chamamos de algozes. Nossos heróis não estão nas páginas dos livros de história, pois as memórias dos nossos heróis estão expostas em museus e galerias daqueles que lavaram as joias brutas com o sangue serviçal aos interesses das aves de rapina colonizadoras.

f) pensar naquele que pendura as roupas no varal - As roupas dos colonos e colonizados no varal tem o mesmo estilo, mas não tem o mesmo preço, nem a mesma cor. As roupas dos colonos estão sujas pela exploração do trabalho e as roupas dos colonizados estão sujas de sangue da opressão provocada pela ganância. “A descolonização é realmente a criação de homens novos. Mas esta criação não recebe a sua legitimidade de nenhuma força sobrenatural: a ‘coisa’ colonizada converte-se, no homem, no próprio processo de pelo qual se liberta” (FANON, 1961, p.31). O varal dos colonos tem as marcas das mãos das mulheres que esfregaram as vestes suadas que fedem à opressão; já as roupas dos colonizados são expostas pela dignidade em expor-se a si mesma.

g) pensar naquele que tira as roupas do varal – O recolher das roupas coloca o sujeito numa situação de bons resultados, numa sensação de missão cumprida e roupas limpas. Essa ideia do novo, de conquista, aparece no processo de descolonização quanto se entende que “na descolonização há, pois, a exigência de uma entrega completa da situação colonial. A sua definição pode encontra-se, se se quer descrevê-la com precisão: “os últimos serão os primeiros”. [...] No plano da descrição, toda a descolonização é um êxito” (FANON, 1961, p. 31-32). A descolonização é o ponto de partida para construção de uma nova civilização que, assim como as roupas limpas, será possível construir novas lutas e conquistas.

h) pensar naquela que vê de longe as roupas no varal – É o olhar para o outro que permite ao ser humano perceber-se a si mesmo, mas também se colocar no lugar do outro. O olhar do colonizador é distante, ele se encontra em outro continente, mas dá ordens para aqueles que nem conhece. “Desumanos, sobem por combinações ou por roubos ilegais: importações-exportações, sociedade anônimas, jogos de bolsa, privilégios ilegais, sobre essa miséria nacional. [...] Doutrinação, proclamam a necessidade imperiosa de nacionalizar o roubo da nação” (FANON, 1961, p. 44). Na mente do colonizador, funciona um jogo de ataque, como diz no ditado popular, “quanto mais, melhor”. A tarefa da descolonização é fazer com que o colonizado se perceba enquanto ser humano, como parte da humanidade, que busca por justiça para garantir aquilo que lhe pertence.

i) pensar as funções de um varal – A função do colonizador é secar, retirar da colônia tudo aquilo que é lucrativo, que produz de alguma forma capital. E nesse processo das perdas, o opressor cumpre o dito popular, “antes ele do que eu”. “Nessa zona fixa, a superfície está quieta, a palmeira agita-se frente às nuvens, as ondas do mar rebentam sobre os rochedos, as matérias-primas vão e vêm, legitimando a presença do colono, enquanto que escondido, mais morto que vivo, o colonizado se eterniza num sonho sempre igual” (FANON, 1961, p. 46-47). Enquanto houver opressão não haverá sonhos realizados, pois a condição de submissão do colono impossibilita de realizar qualquer desejo, sendo que suas ações são sempre controladas. Num processo de opressão o sujeito é colocado num estado de paralisia, pois o intuito do opressor é colocar uns contra os outros, por isso “en la lucha de clases, todas las armas son buenas, piedras, noches, poemas” (LEMINSKI, 1985, p.73).

Percebemos como tudo isso funcionaria dentro de uma filosofia que parte do mais simples cotidiano para atingir construções de uma vida distinta, de uma vida mais aproximada de realidades nossas, de realidades de luta. Confrontar as diferentes formas que as pessoas estendem roupas seria uma maneira de refletir sobre a formação e construção das formas de opressão vividas pelos alunos. A ideia consistiu em fazer com que as(os) alunas(os) percebessem que o exercício do pensar é diverso. Em uma de nossas atividades, a produção de uma crônica filosófica, Jequetiba desconstrói o olhar simples sobre o varal ao descrever, “... ainda hoje relembro varais pelos arredores da casa dos avôs, lugar de liberdade, brincadeiras de infância que não voltam mais... Só recordações! Com o passar do tempo percebe-se que ali não estavam apenas roupas estendidas, ali morava a felicidade” (Crônica de Jequetiba. Varal de outrora, 2019, p.01).

Em outro texto, Maricá descreve, “*Roupas dançando ao vento, se agitam através das recordações, alcançando no interior*” (Crônica de Maricá. Sobre danças e roupas, 2019, p.01).

Nas narrativas dos alunos o olhar sobre o varal foi refinado, a tal ponto que a imaginação despertou significado para além de roupas, cordinhas e pegadores. Embaúba encena em seu texto uma narrativa de uma memória recente, *“No varal se vê explícito os trajés deslumbrantes, no qual as marcas de uma noite inesquecível. Será a lembrança mais doce, a qual em simples pedaços de pano se presenciava”* (Crônica de Embaúbas. Roupas limpas são histórias passadas, 2019, p.02). Em outra descrição Baguaçu afirma, *“O que era sujo a água limpou, no mergulho das peças perdeu-se entre todos para encontrar a si mesmo”* (Crônica de Baguaçu. A inimiga da perfeição, 2019, p.03). Em outra menção, as *“roupas estendidas são momentos passados, aromas nelas colocados, lugares visitados”* (Crônica de Canjarana. Histórias lavadas, 2019, p.07). No texto de Peroba lê-se: *“Aqueles pregadores que as roupas prendem, de forma alienada e segurando como se não aguentassem mais o serviço de segura-las. Mas, as roupas permanecem impacientes até o fim do processo para um novo recomeço”* (Crônica de Peroba. A água que sobra da roupa lavada, 2019, p.07).

Durante a interação reflexiva sobre o estender das roupas, Jenipapo disse: *“por que eu não pensei nisso”*. Em outro momento, Canafistula, uma aluna mais prática, proferia a seguinte fala: *“um varal é apenas um varal”*. Peroba, mostrando-se contrária, afirmou que *“é muita coisa apenas para um varal”*. Durante a exposição, Paneira dava muita risada e, quando perguntada por que dava risada, ela respondeu, *“estou lembrando de uma situação”*. Cambará disse, *“Jamais imaginei que podíamos pensar tantas coisas sobre um varal”*. Propor pensar a filosofia para além do óbvio é um exercício que constrange o olhar daqueles que se acostumaram apenas a olhar com os olhos para o mundo a sua volta; que não se permitem educar para perceber possíveis significados que estão postos diante de um olhar perdido, por não despertar a sensibilidade para ver nas próprias coisas complexidades que a simplicidade oculta. Quando ao olhar para um varal se faz um julgamento a partir de uma perspectiva estética, quando se observa um varal se faz um julgamento moral sobre a vida daqueles que estão estendidos. Quando o varal deixa de ser varal torna-se a expressão daquilo que somos. Em cada varal encontramos a narrativa da exigência daqueles que foram lavados.

E eles observavam o desvendar das nuances filosóficas, entre a imagem da fotografia das roupas estendidas e o desenrolar da reflexão, as(os) estudantes confrontavam seu próprio olhar ligeiro do cotidiano, nunca tinham parado para pensar sobre aquela realidade. Naquele momento, o varal deixava de ser um objeto para estender roupas para se tornar um instrumento que despertava o pensar sobre si mesmo. E aos poucos as vozes que eram apenas barulho, foram se transformando em sons que expressavam sobre si mesmo, através da intenção em estar exposto. Não precisou preces de silêncio, apenas o despertar o desejo de ser ouvido, de

se tornarem personagem central do discurso. Foi no reconhecimento do seu próprio espaço, na descrição do olhar do outro, que se começou a pensar que não se era invisível, que por mais simples ou complexo que fosse a disposição dos tecidos no varal, lá estava a história de cada um. Estava lá, tudo exposto para quem quisesse observar.

O exercício da aula seguinte seria o de eles trazerem uma fotografia do varal da casa deles e a partir disso produzir uma “crônica filosófica” sobre o próprio varal. Para isso, após as nossas reflexões, apresentei em sala uma crônica escrita por mim sobre a fotografia utilizada na primeira exposição:

Foi através da varanda vasta que se demonstrou o mundo real. As lembranças estendidas contavam a história de ontem e de hoje. O mundo era travestido de ideias, todos estavam lá. Mas, precisava? Aquele varal era a expressão que existia alguém ali. Que o espaço não era abandonado. Abandonado era o olhar dos que transitavam por ali. A rede era expressão de um descanso que não poderia acontecer naquele momento. Através da sacada aberta apresenta-se ao mundo. Apresentou-se ao mundo para ser visto, pensado e acolhido. Expor-se é deixar ser abraçado pelo olhar. (Josemi, 2019)

Após a desconstrução da ideia de varal, apresentei aos alunos um tutorial de como estender roupas intitulado: “como pendurar roupas para secar” (LOUREIRO, 2019). Eles ficaram um pouco assustados, pois pensavam que isso não era necessário. No entanto, comecei a refletir com eles que aquela era uma forma de fazer algo, mas que sempre poderia existir outras formas em realizar determinadas tarefas. Entretanto, há de considerar que tutorias são formas que se encontrou para direcionar o nosso pensar e agir de maneira programada, exemplo, livros com o título: “10 passos para o sucesso”, de Leonardo Amaral; “Passos para a vitória”, de Carlos Henrique Trote; “7 línguas em 7 anos”, de Débora Barbosa. São estratégias comerciais para rotular a forma que um sujeito deve pensar e agir, mas será que funciona? Pois, apesar da variedade dos caminhos da vida, há um intento de formatar tudo e todos em torno desses “caminhos mais certos”. No exercício da filosofia apesar de conhecermos a maneira tradicional europeia de fazer filosofia, existiam outras maneiras, tal como uma filosofia latino-americana.

Para ampliar nossa reflexão em torno desse distanciamento entre filosofia latino-americana e filosofia europeia, precisamos entender que ambas as formas de fazer filosofia são possíveis, as quais podem coexistir simultaneamente, no entanto há de considerar que há formas diferentes de fazer filosofia. Ao colocar o adjetivo geográfico depois da palavra filosofia, impactamos uma nova perspectiva para repensar a mesma, que consiste na capacidade em descolar geograficamente a América Latina da Europa. Essa necessidade representa a

ruptura da europeização do pensar latino-americano, o que não significa, claramente, a negação da existência de um pensamento filosófico europeu presente na América Latina, pois tal fato é real. Entretanto, a consolidação do pensar filosófico latino-americano se dá a partir da descolonização do pensar, que consiste na reflexão do conteúdo e forma de uma filosofia a partir da realidade latino-americana, nesse sentido, os pensadores buscam não apenas uma readequação dos conceitos europeus ao contexto latino-americano, mas a reformulação de um pensar a partir e na América Latina. É uma filosofia latino-americana, feita na América Latina, mas também sobre a América Latina.

A filosofia latino-americana desmonta a geografia como uma estratégia que ressignifica a demarcação geopensante imposta pela tradição europeia, tendo em vista que os herdeiros dessa tradição persistem em manter o corpo na América Latina e a mente na Europa. E cabe aos pensadores locais buscar a superação da imposição europeia, com o intuito de estabelecer um pensar filosófico a partir das nossas particularidades. Sendo assim, as filosofias originárias na América Latina, propõem uma nova ordem plural do pensar filosófico que abranja a nossa diversidade cultural, com isso, torna-se necessário se envolver com essa terra, para que incorpore a consistência da racionalidade a partir da geografia a qual estamos inseridos. Nesse sentido, há de considerar que a filosofia em sua gênese latina cresceu sobre a sombra do chapéu europeu, no entanto, necessita ir ao sol para contemplar o seu próprio brilho. É um ato de reivindicação histórico-cultural-geográfico de uma região em que pensadores não se negam a pensar o seu próprio mundo, seus problemas e seus sonhos. Esse processo perpassa a necessidade em reformular seus conceitos, mas também tornar consciente que estamos na América Latina e que não somos europeus.

Com esse fato, podemos perceber que as imposições das narrativas dos europeus sobre a América Latina não podem ser compreendidas apenas como uma ocupação de território, de maneira ingênua, mas um conjunto de ações pretensiosas que imprimem as várias facetas de dominação europeia, até mesmo no pensar filosófico. Para não deixarmos apenas em um campo distante e muito desafeito à realidade que estamos buscando entender [a latino-americana], daremos um exemplo dessa “dominação europeia” em termos do pensar filosófico. O exemplo sai do texto “A pena e a lei” de Ariano Suassuna, no Terceiro ato, há um diálogo entre Joaquim [um retirante] e João [um poeta]:

Joaquim: Você, que estava em Taperoá quando eu cheguei, sabe me dizer se eu morri?

João: Morreu.

Joaquim: Morri de quê?

João: Morreu de fome, Joaquim.

Joaquim: De fome? Que morte mais besta! Que morte sem imaginação!
João: Você já viu retirante morrer de outra coisa?
Joaquim: É, mas eu bem que podia ter tido uma morte mais elegante!
João: Você queria bem uma morte por cansaço intelectual?
Joaquim: Era! Cansaço intelectual, angústia, uma coisa assim!
João: Pois não tem conversa não, morreu foi de fome!
(SUASSUNA, 2019, p. 134-135).

O existencialismo é uma corrente filosófica pensada na Europa a partir de pensadores e realidades europeias, em especial pelo filósofo Jean-Paul Sartre que, em suas palavras afirma, que “o homem é livre porque não é si mesmo, mas a presença a si. [...] Está inteiramente abandonada, sem qualquer ajuda de nenhuma espécie, à insustentável necessidade de fazer-se ser até o mínimo detalhe. Assim, a liberdade não é um ser: é o ser do homem, ou seja, seu nada de ser (SARTRE, 1997, p.545). Compreende-se que o destino do homem é ser livre, uma espécie de condenação que o impede de escolher a não fazer escolhas. Há mais de 7.000 quilômetros da França, na região de Taperoá, no nordeste do Brasil, o pensador-poeta Ariano Suassuna sistematizou o modo de funcionamento do existencialismo filosófico na vida do sertanejo, em que a temática surge a partir das vivências de mulheres e homens que constroem o pensar a partir da própria vida e não por uma provação da racionalidade, mas por uma intervenção dos acontecimentos sobre a razão. Tal abordagem foi pontuada no pensamento de Ariano Suassuna, como citado acima no diálogo entre Joaquim e João, em que o existencialismo é demonstrado pela vida do homem sertanejo, o qual foi destinado a morrer de fome. A sina posta frente a vida e morte de Joaquim não permite que o sertanejo tenha outra escolha para sua morte a não ser a predestinada pelo seu meio. Nesse contexto fica clara a distinção de um “existencialismo” sartreano e um “existencialismo” sertanejo. O sentimento da angústia não pertence ao sertanejo, mas pertence ao francês. Aqui, no sertão, morre-se de fome e sem elegância [de acordo com Joaquim]. No sertão de Suassuna, o homem está inteiramente abandonado à fome e falar de liberdade num contexto famélico é uma obscenidade. O problema não é o europeu falar de angústia, pois a realidade deles assim se apresenta, mas entender que a existência pode ser sentida doutra maneira por outros povos e que essa abordagem pode ocorrer nas diversas expressões humanas.

Assim como Jean-Paul Sartre e Ariano Suassuna, que destacam as formas de vida na existência humana, a aluna Cajarana, em seu texto, “Cicatrices enferrujadas”, evidencia a dificuldade em romper com o determinismo cultural, por ser uma aluna trans precisa romper com a tradição que se impõe sobre sua existência, com as palavras dela, tornou-se necessário escutar:

As marcas do passado permanecem como cicatrizes na pele de um veterano de guerra, com as vestes gastas, passadas de geração em geração. A corrosão do passar dos anos não oculta a história por trás da mesma. O passar dos anos aumentam gradativamente a quantidade de marcas deixadas pela constante mudança aos arredores. Sua aceitação em meio aos novos padrões, geram cada vez mais especulações, e as perguntas não se calam? Eu sou mesmo, bem vindo ao mundo? (Crônica de Canjarana. Cicatrizes Enferrujadas, 2019, p.01).

Tal como os autores letrados, cada ser humano tem a necessidade de expressar a vivência que carrega no seu peito, as palavras do poeta e do filósofo resgatam a dignidade humana ao conseguir expressar o que deseja expressar, mas a aluna Canjarana não se intimida diante das letras que vão se montando de maneira truncada para gritar o enfrentamento ao destino que marca sua existência, pela inquietação de não conseguir mudar o passado, e ter a consciência que o futuro não guarda tantas bonanças. A consciência do sujeito se consolida no instante em que a canção e a vida são tocadas no mesmo tom, como podemos perceber no hino da Internacional Comunista:

De pé, ó vítimas da fome!
De pé, famélicos da terra!
Da ideia a chama já consome
A crosta bruta que a soterra
Cortai o malbem pelo fundo!
De pé, de pé, não mais senhores!
Se nada somos de tal mundo
Sejamos nós, oh produtores!

Ao som do hino da Internacional Comunista despertamos o existencialismo, não na perspectiva sartreana, daqueles que transitam de boinas e cachecóis pela Avenida Champs-Élysées, em Paris. Mas encontra ressonância existencial daquelas(es) que são vítimas de alguma forma de opressão, tal como o povo da Martinica que convivem com o sabor da opressão colonizadora francesa, e assim também, tal sentido pode ser estendido aos personagens de Joaquim e João, criado por Ariano Suassuna, na história que se passa na cidade de Taperoá, na Paraíba, inspirada da realidade do sertão brasileiro, onde o hino da Internacional Comunista ganha sentido, mesmo não sendo cantado. Importante, isso só é possível quando se permite estabelecer certas conexões para além do circuito europeizado, tal como faz Fanon, “o lumpen-proletariat, essa corte de famintos destribalizados, descolonizados, constitui uma das forças mais espontaneamente e mais radicalmente revolucionárias de um povo colonizado” (FANON, 1961, p. 106). O sertão de Ariano Suassuna, e de todos nós, é o lugar em que o existencialismo de Frantz Fanon faz todo sentido, como descreve o próprio autor: “nenhuma morte de homem é indispensável ao triunfo da liberdade. Acontece que é preciso aceitar o risco da morte para que nasça a liberdade, mas não é com o coração alegre que se assiste a tantos

massacres e a tantas ignomínias” (FANON, 1980, p.114). Ou ainda, quando Fanon menciona sobre a ideia de libertação, considera que “o processo de libertação do homem, independentemente das situações concretas em que se encontra, engloba e diz respeito ao conjunto da humanidade” (FANON, 1980, p.173).

Para Fanon o ser humano encontra-se preso em si mesmo devido à opressão embutida na existência coletiva. Nessa perspectiva, ao pensar sobre o sertanejo, de Ariano Suassuna, por exemplo, podemos perceber que a prisão é o próprio meio. O sertanejo é um homem que não morre por causa da seca, pois ele acredita no florescer da vida, em razão disso, ele se mantém no lugar que está, pois, a esperança é pela libertação a partir do seu próprio chão. Ele é parte da natureza que não pode se desprender, mas que prefere estar conectado ao mundo em nome do agrupamento que faz parte, sendo assim, o ser sertanejo não é apenas um estilo de vida, mas coabita no João e no Joaquim. O sertanejo é um homem que para ser livre precisa se aprisionar a terra, portanto o ser livre do sertanejo é recusa de outros modos de vida que desfigura sua existência, inclusive a recusa da própria morte. O personagem João considera as diversas forma de morte uma bestialidade, pois no contexto sertanejo a morte de fome é uma determinação da própria vida.

No contexto do sertão, a liberdade aparece como possibilidade de existir e pensar, na medida que a liberdade é a potência da ação, que se configura não pela transformação do meio em que se vive, mas pela capacidade em sobreviver diante da escassez. Nesse sentido, a ação política se vincula com a liberdade e com o valor da natureza, pois uma vez que a harmonia humano e natureza são destruídas abre-se possibilidade para opressão, sendo assim, a sobrevivência no sertão não é uma escolha, mas apenas um desejo, que mesmo na precariedade se potencializa na humanização de ser gente.

E assim sendo, podemos identificar no próprio Fanon o conceito de liberdade que emerge do processo da libertação coletiva, considerando que “o homem colonizado se liberta na e pela violência. Essa práxis ilumina o agente, porque lhes indica o meio e o fim” (FANON, 1961, p. 66). Vislumbramos, aqui, que a libertação do sertanejo acontece quando chove no sertão, percebam que não é uma liberdade individual de viver, mas uma libertação *em ser* que se concretiza em todas(os), afinal a chuva é um regar de existência para o sertanejo. Na mesma perspectiva, de acordo com Fanon, a libertação nacional é a condição do renascimento do Estado, compreendendo que a liberdade não é um elemento individual, mas a consolidação plena da vida comum.

Desse modo, a liberdade e a libertação estão relacionadas, considerando a perspectiva de Fanon, a libertação é a mobilização de uma revolução que perpassa a ideia da descolonização

e de ruptura com o imperialismo, de tal modo a romper com as opressões estruturais, tais como o racismo, questão central das discussões de Fanon, a qual se estende a outras questões entranhadas na mentalidade colonizadora-capitalista. Através da liberdade de sermos nós mesmos, também rompemos com a dominação colonial que é política, social, econômica e cultural e, neste mesmo raciocínio. A liberdade é individual e a libertação é do povo. No entanto é necessário considerar que sem libertação não é possível a liberdade individual se efetivar, pois falta a garantia da existência coletiva.

Nesse contexto, com o propósito em ampliar o pensar filosófico através de uma *práxis*, tornou-se necessário recorrer a situações próximas ao cotidiano das(os) estudantes para pensar a razão humana, como, por exemplo, fazer filosofia poderia ser parecido ao ato de lavar roupas, com isso apresentei um modo operante de pensar a nossa realidade que não seria ao modo tradicional, mas que teria como base nossas próprias vivências. Para isso, apresentei um texto produzido por mim, em que descrevo de maneira metafórica uma forma possível de pensar a filosofia a partir de uma filosofia mais “pé no chão”. Nesse caso, fazer filosofia pode ser algo tão simples que, dialeticamente, chega a ser sofisticado, por isso,

Deve-se filosofar como aqueles que estendem as roupas. O ato começa quando se desfaz de sua história, ao despir-se de suas vestes surradas da história vivida, daquele momento único, que já se foi, mas continua a se pensar sobre ele. É hora! De desfazer-se do vivido. Então, tiram-se as vestes colocam-se no cesto. E com calma, reorganiza tudo - separa por cores e/ou tipos - e aos poucos coloca-se na máquina ou lava-se na mão mesmo. E assim, se desfaz do vivido! Depois do enxágue, aos poucos desmancha o emaranhado de ideias vividas. E, de maneira cuidadosa se expõe no varal. Estender roupas é um ato de expor as memórias lavadas. Filosofar é alvejar, limpar as marcas causadas pelo constrangimento de uma história que não passa em branco. Filosofar é esfregar, bater e estender (Josemi, 2019).

Aos filósofos mais tradicionais causa um certo desconforto pensar a filosofia através de uma simples metáfora, mas será que existe uma forma correta para o exercício da racionalidade humana? Devemos refletir, qual seria a justificativa lógico-racional que legitimaria a racionalidade humana, capaz de mensurar que alguns pensares seriam mais racionais que outros? A tal ponto de se afirmar que a expressão da linguagem utilizada pelos europeus é racional, a exemplo da afirmativa que “só é possível filosofar em alemão”, absurdo atribuído a Heidegger. Ora, se a filosofia é um pensar racional, parece bizarro desconsiderar que na expressão oral de Patativa do Assaré não existe racionalidade, se isso for verdade, poderíamos considerar que seria a negação da própria racionalidade humana. Afinal como diz o poeta, de maneira lógico-racional, “é melhor escrever errado a coisa certa, do que escrever certo a coisa

errada” (Patativa do Assaré). Diante de tal feita, não cabe a nós que lambuzamos a filosofia descartar nossa expressão humana de pensar em nome do autoritarismo europeu.

Parece que pensar o fazer filosófico a partir de situações diversas não é algo tão absurdo, pois na própria tradição do pensamento europeu ocidental encontramos descrições que demonstram situações transgressoras, a exemplo de Diógenes de Sinope, também conhecido como o Cínico, que viveu em 413 a.C., vivia dentro de um tonel, vestia apenas uma túnica e lambia água das poças. Essa vida de abandono não desmerecia a capacidade reflexiva e constrangedora tampouco a postura instigante e provocativa de Diógenes, o Cão. Noutro contexto, podemos nos reportar ao texto de Platão, na obra Fédon, em que o filósofo utiliza uma cena nada comum, como o exercício de esfregar como sendo uma estratégia para entender o pensar das questões filosóficas, tal como, no contexto que antecede a morte, “Sócrates sentou-se no catre e esfregou com as mãos as pernas que foram libertadas das correntes” (PLATÃO, 1999, p.120). Sócrates faz um comentário sobre a relação entre dor e prazer, “isso que os homens denominam prazer. Ela harmoniza perfeitamente com a dor que se acredita constituir o contrário!” (PLATÃO, 1999, p.120). Podemos perceber nessa passagem que Platão coloca o ato de esfregar como sendo uma forma de lidar os opostos, os quais convivem simultaneamente, como é o caso do prazer e a dor. A metáfora do efeito de esfregar mencionado por Platão, mas realizado por Sócrates, demonstra a riqueza de elementos que podemos utilizar para pensar questões inerente a filosofia. E o texto segue, em seguida, com um comentário curioso feito por Sócrates, “creio que se Esopo tivesse pensado nisso, com certeza teria criado uma fábula” (PLATÃO, 1999, p.120). Quando questionado por Cebes sobre a utilização da poesia compreender a ideia de prazer e dor, Sócrates diz: “não pretendi torna-me seu rival em poesia, porque sei quanto isso é difícil, mas simplesmente para encontrar explicação de alguns sonhos e para obedecer-lhes, se porventura, era esse tipo de música, aquela entre as belas-artes na qual era-me ordenado que me explicasse” (PLATÃO, 1999, p.120). Temos aqui uma menção de Sócrates que manifestou o desejo em compor música, no entanto ele considera que, nesse contexto, o fazer filosofia era justamente compor a mais alta música. No entanto, tendo em vista sua própria morte acaba por desistir da ideia.

Após essa recaída ao pensar filosófico tradicional grego, o qual não deve ser uma desilusão intelectual, mas uma reflexão mais ampla, em que precisamos nos permitir aproximar a diversidade de ideias, para enriquecer o debate e reafirmar a nossa legitimidade racional, enquanto sujeito pensante da América Latina, com o intuito de estabelecer um diálogo diante da pluralidade que compõe a filosofia e, com isso, romper com as correntes impositivas do conservadorismo europeu.

Dito isso, retomamos a filosofia da libertação em Enrique Dussel que propõe formulações filosóficas considerando a realidade geográfica, a partir de uma reflexão centrada no outro, no excluído, nos marginalizados pelo sistema político, que clama por justiça. Para Enrique Dussel, “o ‘deslocamento’ geopolítico desse ‘lugar’ e desse ‘tempo’ significará igualmente um deslocamento filosófico, temático, paradigmático, em suas palavras, como segue na afirmação abaixo:

Libertação, ao contrário, tem um sentido mais amplo, de um lado é negação de negação, isto é, se a prisão, opressão e dependência sob a dominação é negação de liberdade, a libertação - como ato e afirmação - é negação da opressão. [...] libertação é afirmação do sujeito que deixa atrás a negação: é positivada da nova ordem, do homem novo. Libertação inclui os momentos pré-revolucionários, a situação revolucionária, a própria revolução como construção da nova ordem (DUSSEL, 1977, p.215).

A negação do outro, pontuada por Enrique Dussel, colocou um fardo sobre os povos latino-americanos e, com isso, exige um processo de libertação na América Latina que se consolidará a partir da exigência de um sujeito livre, que clama por justiça, a partir de uma construção histórica coletiva. Não se trata somente de uma libertação política institucional [de absoluta importância e renovação], mas de acompanhar uma libertação no campo epistêmico. Em seu texto, o estudante Erva Mate, mira em direção ao projeto de um ser humano que se afirma enquanto indivíduo livre, capaz de sonhar e acreditar num futuro brilhante para homens e mulheres trabalhadores, em seu canto o aluno diz que:

a vida com tanto brilho está sempre a sonhar, a imaginar como será daqui a alguns dias ou daqui algumas horas. Então, olhando para o alto percebo que o brilho tinha de algo que me enchia de paz e harmonia comigo mesmo. Confiar, entregar, descansar. (Crônicas de Erva Mate. Teus passos, 2019, p.01).

Sobre percepção do Outro construída pelos europeus, em especial a concepção de René Descartes, em que posicionou o ser humano enquanto sujeito portador da verdade, e com isso, colocou o ser humano numa condição de sujeição do saber, o qual tornou o *cogito* o lugar que aprisiona a verdade, expondo o ser humano numa condição de sujeição, nesse sentido, o indivíduo extrapolou a condição de humanidade, tornou-se um sujeito que oculta uma subjetividade capaz de revelar a existência através do pensamento. Como na crônica de Erva Mate citada acima, a perspectiva daqueles que vivem na área tropical é para o futuro, baseado em desejo de transformação, como propõe Enrique Dussel ao fazer um enfrentamento ao cartesianismo, que se construiu na América Latina, como contra partida ao modelo europeu, surge um pensar libertário como forma de resgatar um sujeito latino-americano, portador de

uma cultural originária, que supera a condição de sujeição cultural europeia, em que se propõe filosofias latino-americanas para pensar os indivíduos a partir de uma construção enquanto sujeito latino-americano.

Capítulo 2: Lua Crescente: um pensar entre a filosofia e a poesia

A exposição da execução dessa etapa pode ser visualizada a partir de três momentos: no primeiro momento, a leitura do fragmento textual de Enrique Dussel intitulado “Da ‘invasão’ ao ‘descobrimento’ do outro”, um texto adaptado para utilizar em sala de aula; no segundo momento, utilizamos um texto em verso produzido antecipadamente a partir do mesmo texto utilizado no primeiro momento; no terceiro momento, utilizamos um fragmento do *Catatau* de Paulo Leminski. A partir do texto do *Catatau* discutimos o conceito de liberdade, tendo em vista a ideia de individualidade e alteridade presente no pensamento de Enrique Dussel.

Naquele dia tínhamos a motivação para enxergar a filosofia com um deslumbre poético, no clima da iluminação lunar. Com isso, começamos o exercício de reflexão com uma frase de Paulo Leminski, da obra *o Catatau*: “animais anormais engendra o equinócio, desleixo no eixo da terra, desvio das linhas de fato. Pouco mais que o nome o toupinambaoults lhes signou, suspensos apenas pelo nó do apelo” (LEMINSKI, 1989, p.12). A reflexão com os alunos era a de que a percepção de Paulo Leminski, no *Catatau*, sobre a chegada dos europeus na América Latina, em que expôs uma visão destorcida da realidade, feita de maneira proposital, tendo em vista que não houve esforço para legitimar a originalidade dos povos originários. A imagem nascida a partir de uma ficção literária, e não de uma história real, realça o imaginário europeu: “de longe, três pontos... Em foco, Tatu, esferas rolando de outras eras, escarafuncham mundos e fundos” (LEMINSKI, 2004, p.12). E a forma de percepção ao avistar inflama o sentimento daqueles que pretendiam dar a importância devida àqueles que aqui viviam, o poeta exclama: “Bestas, feras entre flores festas circular em jaula tripla (...) animais anormais engendram o equinócio, desleixo no eixo da terra, desvio das linhas de fato” (LEMINSKI, 2004, p.12).

Em análise, podemos entender que Paulo Leminski acende uma luz tortuosa sob o cartesianismo através do personagem *Renatus Cartesiusus*, ou simplesmente Cartésio, logo no

início do texto “Catatau”, com a frase, “*ergo sum*, aliás, *Ego sum Renatus Cartesius* cá perdido, aqui presente, neste labirinto de enganos deleitáveis, — vejo o mar, vejo a baía e vejo as naus”. (LEMINSKI, 1989, p.13) O personagem Cartésio encontra-se diante de um mundo inusitado, o qual não consegue compreender, em razão disso, o personagem é posto em uma condição de espera, de busca e compreensão do desconhecido. Cartésio encontra-se diante de uma multiplicidade de coisas, as quais não podem ser entendidas apenas a partir daquilo que já se tem ou apenas por meio da observação. A narrativa é uma crítica direta aos europeus que na maior parte das vezes faz um enquadramento do “Mundo dos Trópicos” sobre o mesmo prisma da cultura europeia. O surgimento de um pensar latino-americano paralelo ao pensar europeu advém de uma possibilidade de reposicionar a racionalidade a partir de outro contexto geográfico e histórico, mesmo tendo a consciência de que o pensar europeu se transmutou na América Latina. No entanto temos que considerar as particularidades que compõe a América Latina de onde virá a formulação de novos paradigmas para a Filosofia. E, talvez, o ponto de partida seja contestar o pensar como produto da racionalidade cartesiana excludente, com isso se propõe uma lógica baseada na correlação do indivíduo e o seu meio.

Esse processo de translocação do pensar se inicia com a vinda dos europeus para as terras que eram descolonizadas, e então, os europeus ao chegarem à América, ao nado do silêncio da existência natural aparece as velas, aquelas que trouxeram as caravelas da costa lusitana, expedição patrocinada pelos reis católicos da Espanha, Fernando de Aragão e Isabel de Castela. Diante disso, na discussão com os alunos buscou-se pensar o impacto/desastre dessa chegada dos europeus na América. Situado o contexto, em forma de diálogo, a problematização ocorreu a partir de questões que tinham implicação direta na vida das pessoas que aqui viviam, e que vivem até hoje, tais como: quais as reais intenções dos europeus, na época, em investir num projeto dessa magnitude marítima? Eram pessoas de boa fé e caridosas? Era apenas uma aventura ou uma estratégia mal intencionada? Eram piratas aventureiros? Qual era o real projeto dos europeus sobre outros povos? Diante de tal feita, de tamanha ousadia do projeto, parece que não cabe ingenuidade em sua compreensão. Mas devemos pensar de forma consciente que esse processo de invasão não foi apenas um momento estanque. Formou-se na América Latina uma comunidade de colonos, com uma mentalidade submissa e uma classe colonizadora com princípios opressores. Nesse processo, que continua até hoje, precisamos pensar, qual nossa postura diante dessa dominação? Em geral, somos a pior classe, somos os oprimidos, com a mentalidade do opressor.

Mesmo a cena criada pelos europeus, do falso “descobrimento”, ter se tornado a notícia de primeira página de jornais na época, continua-se a utilizar até hoje em título de livros e

conteúdo escolar, no entanto, essa encenação representa a contaminação das moléstias físicas e mentais que os exploradores traziam encorpadas em suas vidas, que contagiaram e continua contaminando a vida de todos. Esse processo expansionista do século XV é fruto da decadência do sistema feudal e o início triunfal do capitalismo. Ou seja, é o momento de crescimento da economia de mercado, com a classe burguesa em sua busca pelo apogeu, lucros exorbitantes, urbanização e o impulso dominador próprio do colonialismo. No entanto mesmo a contragosto, é necessário compreender que para os europeus a ideia de “descobrimento” é de certa forma válida, na medida em que estas eram terras realmente desconhecidas por eles. Entretanto, o grande problema do discurso histórico eurocentrado é de que se estabelece a ideia de descobrimento como um fato universal, sendo essa narrativa do “descobrimento” uma abordagem adotada pela própria historiografia latino-americana.

Além do mais, a igreja católica também estava vivendo o desgaste do período final do medievo, vivendo, nesse momento, a gestação das reformas dentro da própria igreja. Desse modo, a igreja aproveitou a situação das navegações para embutir no processo de “conquista” a sua missão evangelizadora. Em nome de Deus ficava mais fácil a justificação das atrocidades, como assim o fez: “na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar. E quando eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também” (João 14, 2-3). O texto sagrado foi a desculpa para tirar a culpa daqueles que posteriormente não encontraram razão para as suas atrocidades. Foi um processo de destruição para recriar o “reino de Deus”, em nome de um projeto “civilizatório” destruiu-se a própria criação.

De maneira poética e ficcional, que lidamos com o conceito de descobrimento como forma de perceber a violência do processo de “descobrimento” impostos aos povos nativos, que serão chamados de latino-americanos. E aos poucos na narrativa do chamado “descobrimento”, precisamos lidar com sarcasmos daqueles que sempre foram nossos algozes. Através de um texto em verso, escrito por mim, o texto foi utilizado com os alunos em sala de aula, para demonstrarmos o cenário teatral montado pelos europeus para se chegar a América no ano de 1492, com o consentimento da Igreja Católica, tendo no explorador genovês Cristóvão Colombo àquele que partiu rumo às “Índias”. E, como um canto de dor e lamento, expomos em versos as lástimas e sofrimentos causados por aqueles que diziam ser “civilizados”:

Aquele que veio do não sei onde,
Sabiam o que queriam explorar.
Tinha um plano ambicioso
De astúcia e dominação.

De aparência duvidosa,
Mal intencionado para dominar.
Os navegantes naufragaram
Na costa da Ameríndia

Os nativos do continente
Foram pego de surpresa
Sem mente desmente a mente
Para tomar demente os que sente.

Desembarcam a má fé
Ofendem a fenda da crença
A força da bala fede a falta de fé
Em nome de Deus, sem deuses.

Nunca visto por si mesmo,
Atravessou na frente ao espelho
Feitiço sobre si mesmo.
Infetizados pelo o olhar de si mesmo.

Encantou a si mesmo,
Negou-se a si mesmo
Esqueceu de si,
Em nome da ilusão do nada.

Que matou a primeira vista o existente,
Em nome da não-descoberta.
Levou-se à prova do falso “novo mundo”,
Em troca de espelhos levou a prova
De valor daquilo que não lhes pertencia.

Feridos pelo olhar alheio,
Desoriginaram os povos originários.
Enxergou-se em um olhar (re)convexo,
Civilização confundida com selvagem
Quem era selvagem?

Missionário ambicioso
Que reza para fazer maldade.
De espada cruzava o corpo
E com a cruz cravou-se a alma

Com instinto selvagem
Atravessou a alma ingênua
Esculachou a terra virgem
Desonrou a própria fé

Cabiosos encajularam a face
Num espelho que refletia o olhar
De um olhar aparente
Distorceu a existência do horizonte

Ao vento da ilusão de um velho mundo,
Lançou-se ao infinito das águas.
Em busca do falso descobrimento,
Perdeu-se a si mesmo ao som da mata.

Aos olhos foram dados ao sol,
Que foi desnudado à nudez selvagem.
De uma Ameríndia nativa pela da,
Coberta de folhas tropicais.

Bárbaros lutam pela honra,
Do incompreendido espírito da floresta.
Da batalha não justa,
Perdida pela pólvora.

“Guerreios” que lutavam por sobrevivência,
Violentam sua própria honra e glória.
Indigno, o opositor se diz sagrado.
Em confronto do massacre da deslealdade.

Aos originários coube a rejeição,
De um falso resgate civilizatório.
Em nome de Deus,
Cristãos apagam as memórias dos pagãos.
Os tiranos tiraram a alma da floresta.

(Josemi, 2019)

Os versos acima pontuam que o processo de colonização na América latina teve como apoio sagrado o cristianismo, sendo parceiro eficaz para impor um dito processo civilizatório, utilizando como argumento que o território a ser “encontrado” era pagão e selvagem. Com isso transformou em vítimas os indígenas e negros, cuja consequência da ocupação foi um processo que produziu uma mentalidade colonialista e racista, a qual reverbera nas relações sociais em toda a história dos povos latino-americanos.

Desde o início do processo de exploração, essa questão tornou-se um tema recorrente para análise de diferentes seguimentos de estudos, com diferentes propósitos e, no nosso caso, resgatar essa discussão é uma tentativa de ressignificação dos conceitos filosóficos narrados sobre essa história trágica. Na obra de Enrique Dussel intitulada “1492: o encobrimento do outro”, encontramos um aporte filosófico que nos situa de maneira consciente na intervenção provocada pelos europeus. Para Enrique

Dussel, "a Europa tornou as outras culturas, mundos, pessoas em objeto: lançado (-jacere) diante (ob-) de seus olhos. O 'coberto' foi 'des-coberto' como Outro. O outro constituído como o Si-mesmo. O ego moderno 'nasce' nesta autoconstituição perante as outras regiões dominadas. Esse 'Outro', que é o 'Si-mesmo'" (DUSSEL, 1993, p. 35). A América foi colonizada com uma proposta de evangelização justificada pela “boa intenção” em “pacificar” os povos indígenas através de uma evangelização catequética, com o propósito de batizá-los para a salvação em Cristo. No entanto, a perspectiva de conversão do colonizador era de violência e destruidora da cultura do “Outro”, que se diferenciava do seu modelo de “civilidade” cristã prometido. No entanto, a “evangelização pacífica” resumiu-se em destruir tudo aquilo que era diferente. Como explica Enrique Dussel, “a América não foi descoberta como algo que resiste distinta, como o Outro, mas como a matéria onde é projetado ‘o si-mesmo’. Então não é o ‘aparecimento do outro’, mas a projeção do si-mesmo: encobrimento” (DUSSEL, 1993, p.35).

A “conquista” foi uma espécie de imposição cultural que ocorreu através de atos militares, que submetia os indígenas a se enquadrarem ao modo europeu de vida. Esse processo reduziu a existência humana e todas as riquezas culturais dos povos nativos da América Latina apenas a percepção da razão e da ciência:

O Outro, em sua distinção, é negado como Outro e é sujeitado, subsumido, alienado a ser incorporado à Totalidade dominante como coisa, como instrumento, como oprimido, como 'encomendado' como 'assalariado' (nas futuras fazendas), ou como africano escravo (nos engenhos de açúcar ou outros produtores tropicais). A subjetividade do 'conquistado', por seu lado, foi se constituindo, desdobramento lentamente na práxis. (DUSSEL, 1993, p. 43)

A negação do Outro é inerente ao processo de colonização, o qual se explicita na anulação da capacidade racional dos demais. Em razão disso se justifica a necessidade de oferecer “progresso”, “civilização”, “emancipação” e “desenvolvimento”. Não há ingenuidade aos colonizadores, a proposta dos europeus era a de enquadrar a população mundial nos seus padrões – todo o contrário seria o não civilizado. Nesse sentido duas categorias mencionadas anteriormente são transpostas da Europa à América Latina: o espaço e o tempo. Cabe ressaltar que para os europeus o modo de vida civilizado deveria ser compatível ao deles, caso contrário, seria uma barbárie.

A chegada das caravelas na costa atlântica funcionou como uma forma de feitiço aos povos originários, na medida que aproximaram da costa atlântica, quebrando as ondas do mar, aos poucos foram enfeitando os olhos daqueles que tinham educação e boa-fé com os estrangeiros. E, à medida que avançaram, perceberam que a deslumbrante mata atlântica tinha mais vida. Ao contrário dos europeus que saíram de seus portos com uma missão explícita, os nativos não tinham noção do que estava por vir. Aquela imagem do encontro entre os dois continentes, certamente, foi o início da construção desarmônica entre duas culturas com características distintas, que não conseguiram estabelecer conexões construtivas, pois não se respeitaram as particularidades, em especial o estilo de vida mais livre dos povos originários. O resultado foi um desarranjo no estilo de vida daqueles que

viviam no continente desconhecido pelos europeus, que mesmo tendo seus conflitos e divergências viviam de maneira integrada aos diversos elementos que compõe o universo ameríndio e, 31 conseqüentemente, mais conectado com os elementos que humanizava a população que aqui viviam.

Apesar dos europeus terem sido recebidos pelos nativos sem as marcas da beligerância, não demorou muito para que a mentalidade interesseira dos europeus sobressaísse à boa relação. Como descrito por Bartolomeu de Las Casas, um relato da época, um bom exemplo que diz:

Por muitas outras forças, violências e vexações que lhes faziam, os índios começaram a entender que aqueles homens não deviam ter vindo do céu. E alguns escondiam suas comidas; outros, suas mulheres e filhos; outros fugiam para os montes para afastar-se de gente de tão duros e terríveis costumes. Os cristãos davam lhes bofetadas, socos, pancadas e até lançavam as mãos sobre os senhores dos povoados. E isso chegou a tanta temeridade e falta de vergonha que, ao maior rei, senhor de toda ilha, um capitão cristão violou-lhe a própria mulher pela força (CASAS, 2017, p.18).

A má-fé do explorador colocou os viventes do planeta numa condição de vulnerabilidade, pois a altivez dos nativos permitiu acolher os saqueadores estrangeiros como filhos do mundo, no entanto, a resposta foi o oposto, na medida que os humanos que aqui viviam começaram a ser tratados como selvagens. E o mais impressionante, como descrito na citação acima, que esse processo ocorreu com o consentimento de vários seguimentos da sociedade europeia, inclusive a igreja.

Diante das narrativas opressoras, cabe ao exercício poético (des)abrigar o significado da relação promíscua de um processo de colonização em território de outrem. Toda e qualquer narrativa terá a palavra furtada para demonstrar tamanha barbaridade executada pelos europeus na América Latina. Como busco entoar nos versos a baixo, numa tentativa de desencobrir a violência daqueles que não se intimidaram com vida humanos e a natureza:

Ao som das docas as(os) “caras-velhas”,

partiram a um “novo mundo”.
tremulou as velhas barcaças,
no mar sem rumo ao mundo.

Porcos que se lamb-USAM em água limpa.
Ruminam o passado para degolarem o futuro.
Vomitam ca viare, digerem as próprias tripas.
Vísceras que consomem os próprios ossos.
(Josemi, 2019)

Diferente da posição de parte dos povos oprimidos que se renderam aos caprichos europeus, a outra parte precisou resistir e se ajustar à nova realidade de exploração. Tornou-se necessário que cada grupo conservasse as suas tradições e peculiaridades, já que nunca existiu uma unidade cultural no ser latino-americano, a não ser o compartilhar de um olhar sobre o território em que vivem. Para isso, precisaram persistir em viver sem abandonar suas narrativas

e tradições, isso aparece na história das reivindicações dos povos latino-americanos que encontramos na composição dos diversos grupos que se conectam, de alguma forma, aos ancestrais para garantir a sobrevivência das múltiplas identidades frente as imposições culturais. Podemos compartilhar de estruturas econômicas, religiosas e políticas no mesmo solo, mas na realidade o que ainda garante a nossa existência é a realidade que se impõe enquanto fato de não sermos europeus, então, o que seria ser latino-americano? Não é uma resposta simples, mas a consciência de que não somos europeus é um caminho possível para repensarmos as diversas variáveis que compõem o nosso ser latino-americano e a nossa forma de pensar.

A conexão entre a poesia de Paulo Leminski e o pensar filosófico de Enrique Dussel se fundem a partir da necessidade em se trazer para reflexão a racionalidade do pensar latino-americano. Com isso, se propõe romper com a tradição europeia como estratégia para se reafirmar enquanto povo portador de uma memória autêntica, capaz de se reafirmar com uma racionalidade plural, que conecta o pensar e fazer. Com narrativas afrontosas à lógica ocidental cartesiana, o poeta e o filósofo constroem um fraseado que rompe com o eurocentrismo e construir um pensar-poético latino-americano. É necessário confrontarmos cotidianamente a invenção da narrativa europeia sobre o processo do falso “descobrimento”, nesse texto temos duas percepções distintas para repensamos o descalabro provocado pelos estrangeiros, apesar de ambos investirem numa trama lógica-linguística para tentar superar a descabida invenção da falsa narrativa europeia, uma intervenção vem do poeta Paulo Leminski e a outra do filósofo Enrique Dussel.

Com a poesia de Paulo Leminski encontramos uma narrativa por trás de lentes poéticas que contorcem a realidade para tentar pontuar na prosa e no verso o absurdo histórico, como mencionado no início deste tópico, na obra *o Catatau*, o poeta faz um jogo criativo reutilizando as imagens dispostas pelos europeus sobre nosso mundo para revelar as reais intenções dos exploradores. Com uma alusão a costa tropical, em especial na cidade de Olinda, comum personagem chamado Renatus Cartesius, uma referência a René Descartes, provoca nos europeus um descompasso da racionalidade cartesiana, pois, mesmo que desejando que aqui fosse parte de si, pelas belezas e riquezas, não poderia ser em razão do deslocamento geográfico, com isso buscou-se perspectiva do absurdo para narrar a desejosa posse sobre as Américas. Paulo Leminski desajusta as lentes do olhar, numa perspectiva poética-filosófica para desconstruir a racionalidade europeia sobre os povos que habitam a América Latina, e a partir disso despertar novos significados e incrementar a nossa imaginação com as mentiras contadas e as verdades não ditas. Paulo Leminski ajuda a entender a armadilha linguística

formulada pelos colonizadores que incrementaram falsos heróis “conquistadores”, com isso, desestabiliza aqueles que viveram uma coisa e contaram outra. A narrativa do Catatau propõe uma reflexão entre a realidade e o desejo imaginário, onde o poeta enuncia um entremeio, entre realidade e ficção, de uma maneira “como se fosse”, em razão dos europeus não se intimidarem em dizer que “descobriram” a América. Assim, na obra se faz um deslocamento de sentido para desajustar a narrativa daqueles que queriam se apropriar de algo que não era deles.

Em outra perspectiva, Enrique Dussel faz uma defesa da legitimidade de entender a existência autêntica da geografia e cultura dos povos latino-americanos, a partir de três vieses: a defesa da consciência de uma herança latino-americana, de que possuímos um modo singular de viver e pensar, que se conecta ao nosso povo, a nossa terra e ao sagrado, a qual nos permite estabelecer relações singulares com outros povos e que religa ao ser humano latino-americano a necessidade de enfatizar o resgate da existência ética; o segundo viés refere-se a construção de uma antropologia que resgate a constituição de um ser humano com características ameríndias, através da observância das vivências cotidianas e concretas, as quais despertam o imaginário acadêmico que eleva o pensar a partir da realidade e, dos elementos que compõe o processo de exploração e dominação da nossa gente; e o último elemento, a construção de uma ética da alteridade, que se baseia no agir frente ao outro, em que o oprimido mereça ser acolhido como igual e ao mesmo tempo diferente, assim promovendo uma ética da libertação, a qual tem como base o princípio da alteridade, o qual me permito ser afetado e me comprometo em ajudar aqueles que são vítimas da exclusão.

Capítulo 3: Lua cheia: Produção de Cordel – Escrevendo para entender

Nessa etapa desenvolvemos a produção de textos em forma de literatura de cordel, com o intuito de sensibilizar as(os) alunas(os) à criatividade pensante, a qual permitiu potencializar a escrita como mecanismo simbólico da expressão humana. Tivemos como resultado a produção de 22 textos poéticos que expressam provocações ao nosso modo de pensar tradicional, promovendo em nossas narrativas costumeiras um desabrigar da nossa existência humana (a partir do contexto do “falso descobrimento”). A produção de textos mais livres tinha o pretexto de pensar as questões filosóficas através de um exercício libertário para pensar e escrever, que resultou num estreitamento entre filosofia e poesia. O início da escrita foi mobilizado através de uma pintura de xilogravura, datada de 1493, a qual foi utilizada por Colombo, em uma carta direcionada aos reis da Espanha, como uma forma de ilustração para explicar o cenário das terras “descobertas”. A reflexão sobre a imagem foi ampliada com um fragmento textual de Paulo Leminski, da obra *O Catatau*, com o intuito de refletir os aspectos do processo de colonização da América Latina. O exercício filosófico ocorreu a partir do estímulo para que as(os) alunas(os) pudessem confrontar a filosofia europeia com o modo debochado do texto de Paulo Leminski. Antes do início da escrita foi realizada uma explicação sobre as características dos textos de cordel, seguido da leitura do fragmento do poeta Patativa de Assaré. A exposição terminou com o texto de cordel utilizado na fase lua crescente, onde utilizamos um texto em prosa e outro em verso para pensar a filosofia na América Latina.

Iniciamos a produção dos textos, e em conversas durante a escrita dos cordéis, foi possível observar que em aulas expositivas era comum aparecer um discurso mais conservador, alinhado ao discurso da grande mídia ou até mesmo de partidos políticos de vis burguês, no entanto, durante o processo de construção das narrativas de cordel, na hora de colocar no papel, os alunos demonstraram outra percepção, ao escrever textos mais politizados, contemplando questões sociais e o bem comum da sociedade, descrições que se associam aos direitos humanos. Talvez isso pode ser compreendido a partir da necessidade de encontrar sentido entre a realidade e o discurso. E, em razão disso, os textos dos alunos pontuaram questões de relevância para a construção de uma sociedade melhor, tais como questões sobre os povos indígenas, negros, mulheres, camponeses, gays e outras questões sociais que precisam ser superadas para consolidar a emancipação do sujeito enquanto ser humano e cidadão, num estado de democrático que vivemos, pois, sem dignidade não tem sentido a vida em sociedade.

A liberdade em expressar resultou numa produção de vinte e dois poemas em forma de cordel que expressava de maneira rítmica o pensar sobre diversas formas de encobrimento

espelhado pelo processo de colonização, dominação e exploração. No total dos poemas, seis tratavam sobre o falso descobrimento; quatro sobre as questões de gênero, sendo um deles sobre o feminismo; quatro sobre as questões étnico-racial; um sobre a questão indígena; sete sobre as questões existenciais que tocam o cotidiano. Como estratégia para análise e exposição desse material, aqui na escrita, agrupamos os textos a partir de um eixo temático, como demonstramos anteriormente. A proposta da exposição da produção dos textos, nesse momento, consistiu em analisar o material, procurando se aproximar de uma abordagem da filosofia da libertação.

Os poemas apresentam um apelo em projetar uma transformação da sociedade a partir de determinados elementos ideológicos que compõem a organização da sociedade, sempre pensando a partir da nossa história, da nossa realidade e projetando utopias. No entanto, parte dos textos fazem uma referência as questões pessoais que tratam sobre a existência humana. Questões de conflitos familiares ou pessoais. São sete textos de cordel que tratam de questões diversas, tais como: autoestima, existência sem sentido, sofrimento, medo, amores e desamores, encantos e desencantos, crença, sobre o tempo, solidão e coisas mais.

3.1 Versos sobre o falso descobrimento

Na liberdade de manifestação as(os) alunas(os) buscaram por meio dos versos enfrentar a sombra de uma narrativa tradicional que violenta o intelecto de várias gerações, no entanto esses sujeitos não se abstiveram de narrar a insanidade do processo de exploração. A inspiração veio da necessidade em narrar um outro olhar, que devia estar em outra direção do colonizador. Os versos são sentimentos expressos daqueles que não sofreram a violência direta, mas sentem as sequelas da imposição cultural, uma verdadeira inflexão oposta sobre o olhar daqueles que sempre contaram a mesma falsa história. São palavras daquelas(es) que sentem as consequências de uma narrativa que levou a barbárie, e continua a marcar a vida daqueles que são herdeiros do sangue derramada pela espada de espada de Cabral e da cruz dos jesuítas. Em seis poemas de cordel, as(os) alunas(os) optaram por enfatizar as marcas da colonização. Através de versos as(os) alunas(os) desconstroem a narrativa fácil das páginas da história tradicional, e em seus versos os alunos não pouparam o olhar crítico sobre o processo de colonização opressora que ocorreu na América Latina. Em cinco poemas de cordel, intitulados de: a) Cordel de Sarandi, com o título “Guerra”; b) Cordel de Crideúva, intitulado de “Uma ganância”; c) Cordel de Mutambo, chamado de “Suposta colonização; d) Cordel de Jequitiba, com o título “Tormenta; e) Cordel de Palmito, intitulado de “Descoberta”.

Cordel de Sarandi com o título, “Guerra”, o aluno expõe a guerra violenta promovida pelos colonizadores, uma guerra injusta, em nome de uma terra, a qual não deveria pertencer a ninguém, mas deveria ser um bem de todos. A luta promovida pelos exploradores foi um jogo de diversão, que nome da reza devasto o lar de uma nação; no Cordel de Crideúva, intitulado “Uma ganância”, o aluno demonstra que o colonizador não se preocupou com as consequências de suas ações; no poema de cordel “Suposta colonização”, o aluno poeta Mutambo apresenta as várias formas de exploração, da terra, da flora, fauna e humanos; Em um texto que pontua a dor sofrida pelos nativos, Jequitiba, com o texto, “Descobrimento e ‘estórias””, alerta que o “desmatamento foi um desmantelamento”; no texto “Tormenta” escrito na aula, Jequitiba declara que a casa dos indígenas foi invadida; e no último texto, sobre essa temática, o poema “Descoberta”, de Palmito, que a poesia se perdeu:

Vocês foram descobertos
Disse o homem sem cor
No seu próprio dialeto
Sem sentir a nossa dor

Nós fomos descobertos
Como um caranguejo de mangue
Roubaram nossa casa, nossa terra
E lavaram-as com sangue.
(Cordel de Palmito. Descoberta, 2019, p. 37).

Em versos Jequitibá, no poema de cordel com o título “Descobrimento e ‘estória””, afirma sobre o desastre do falso descobrimento, ao declamar que o “descobrimento” foi:

O desmatamento foi um desmantelamento,
Em busca de riquezas,
O que restou foi a tristeza.
Portugueses dominaram os indígenas
Indígenas escravizados
Seus pertences roubados.
(Cordel de Jequitibá. Descobrimento e “estórias”, 2019, p.35)

Em outro momento, um entusiasmado aluno de codinome Mutambo, expõe num outro olhar sobre a narrativa da colonização, em que destaca o processo de exploração e saque, através de atos violentos provocaram um verdadeiro massacre. No poema a aluna-autora diz:

Um Brasil explorado
Desmatado e saqueado
Colonizado por exploradores
Explorado por todas as cores.

Nas navegações violavam
Aves, plantas e índios
E quando retornavam

Contaminavam e exterminavam

Para os nobres era simples
A tortura era extrema
E a cultura materna
Foi massacrada
(Cordel de Mutambo. Suposta Colonização, 2019, p.33)

A aluna capta a essência de um movimento de colonização que tinha apenas como propósito o explorar. A percepção das(os) alunas(os) conecta-se a exposição de Gerd Bornheim, que explica a narrativa temporal no arcabouço do descobrimento que aparece como o espaço, seguindo-se sempre os traços de uma tradição, que termina marginalizado o que parece fazer com que a geografia desfaleça em suas bases ontológicas, para se adequar aos interesses dos colonizadores, “seja como for, espaço e tempo desempenham na nova era um papel que já nem poderia ser marginalizado”. (BORNHEIM, 1998, p. 28-29)

Será a partir de um novo significado das categorias de espaço e de tempo que se plasmará uma nova abordagem filosófica sobre o conceito de descobrimento, na medida que se considerará que a história narrada até o momento se funda apenas no tempo do narrador, que tinha a necessidade de articular a narrativa da colonização com as demais histórias criadas pelos europeus. Nesse caso, a ideia de espaço e de tempo são enquadradas em conformidade com o interesse da narrativa.

A construção de uma consciência crítica sobre o processo de exploração na América Latina, em especial a partir da chegada dos europeus, passa pela necessidade em repensar a narrativa de “descobrimento” imposta pelos narradores das navegações do século XV. Os elementos que constam na narrativa do “descobrimento” são uma “ficção” contada pelos europeus que tinha como pano de fundo a construção de uma argumentação que justificasse o processo de dominação, e até mesmo o acomodar de ações violentas promovidas pelos exploradores. Esse processo, chamando descobrimento, será a chave central para o início de um novo período da história que se chamou de Modernidade, tese defendida por Enrique Dussel. Essa narrativa deverá ser capaz de comportar todos os fracassos e atrocidades provocadas pelo mundo europeu, compreendendo que o desvelar dessa nova época é efetivada a partir da necessidade de um mundo em transformação, ou ainda, na última hipótese que a Europa retoma seu poder comercial e político perante cenário mundial na chamada modernidade.

Desse modo, a Modernidade foi fundada com base na ideia de descobrimento, marcada por facetas de um tempo transitório, em que “o homem moderno, que é a invenção de uma forma de olhar, olha até isto: a sua própria invenção desde um olhar outro, que o vê desde fora,

pelo contraste em relação a toda a construção da modernidade” (BORNHEIM, 1998, p.52). Ao desvelar um “novo continente” inventa-se a necessidade de civilidade para formular um discurso que se impõe como autoridade a demarcar o adestramento da “barbárie selvagem”. Tal tese foi utilizada para justificar a implantação de um projeto de exploração e dominação. Como se corrobora. Com isso, criou-se a necessidade de implementação de práticas violentas, com o intuito de neutralizar o Outro. No entanto, esse processo não pode ser reduzido a um mero acidente de descobrimento, já que se compreende que o europeu não vive um estado de selvageria, no entanto “age como se fosse selvagem” argumento defendido por Aimé Césaire. Tal entendimento é corroborado por Krachenski e Stadler:

Uma das teses mais originais e controversas de Césaire é a de que a colonização embrutece o próprio sujeito colonizador, na medida em que o expõe a situações tenebrosas sobre as quais existe um processo de naturalização. Césaire afirma, desse modo, que a colonização promove um processo de “asselvajamento” do continente europeu, vale dizer, incide na sua descivilização (KRACHENSKI; STADLER, 2019, p.4-5).

Na perspectiva da reflexão da autora e do autor, os europeus convivem com a bipolaridade de conveniência ao se fazerem civilizados quando propõe um “novo mundo”, no entanto se tornam selvagem para aniquilar os povos ameríndios. Percebe-se aqui que os europeus agem com más intenções, num jogo de interesse financeiro e vaidade histórica que ultrapassam a moralidade e a civilidade.

3.2 Versos sobre a opressão aos africanos em terras colonizadas

A poesia negra é a expressão máxima de uma gente que não se conformou com uma narrativa histórica mal contada, que diz muito dos outros, mas nunca disse nada da história real dos negros no Brasil-África. As narrativas poéticas sobre os negros são a expressão da força e do poder de uma denúncia que nunca se calou, ao expor os cordéis as(os) alunas(os) negros ou aqueles que assumiram as causas da luta dos negros, manifestavam em sua voz um grito de clamor, que não dá mais. Foram produzidos quatro cordéis sobre a temática étnico-racial: a) Cordel de Cedro, com o título “Violência urbana”; b) Cordel de Jenipapo, chamado de “A cor que mais valia”; c) Cordel de Canafistula, intitulado de “Escravidão do passado”; d) Cordel Embaúbas, com o título “Minha pele”.

O exercício da produção do texto de cordel foi uma tentativa de empatia com o mundo do Outro, um colocar-se no lugar do Outro, buscar entender que o Outro não sou eu, mas que

o meu Eu não deve negar a existência do Outro. A escola é lugar de dividir as frustrações da vida e sonhos do futuro que deve ser feito de maneira coletiva – pensamos que isso é muito apropriado para o ambiente escolar.

Nas poesias aparecem a denúncia de racismo, e os educandos e educandas buscaram superar as molduras montadas pela sociedade, ultrapassando esse enquadramento, que danificou a história de vidas doadas para construir a nossa nação. Em versos, demonstraram não ser aceitável anular a história em nome da cor. Vejamos alguns fragmentos dos cordéis escritos apresentados em sala de aula, a exemplo do Cordel de Embaúbas, intitulado de “Minha pele”, que segue abaixo:

Não é estranho ser negro
Nem pardo, mulato ou pobre.
O estranho é ser racista.
Somos todos iguais,
Sem conversas banais.
Nem preto, nem branco
Somos todos seres humanos.
Não importa a cor
Precisamos de amor.
(Cordel de Embaúbas. Minha pele, 2019, p.19)

Assim como Embaúbas que demonstra estranhamento frente ao preconceito racial, as (os) demais educandos e educandas, que trataram sobre essa questão, em especial no Brasil, não deixaram de considerar a herança dos ancestrais. Nas palavras de Canafístula, “a escravidão do passado, [...] desde o tempo mais distante, humanos eram considerados” (Cordel de Canafístula. Escravidão do passado, 2019). As narrativas dos jovens sobre a questão racial demonstram a dificuldade em compreender e aceitar a violência injustificada da sociedade branca, ao separar seres humanos pela cor da pele. Como justificar isso para uma geração de jovens que nasceram “culpados” por causa do tom da pele? Inexplicável, é a resposta. Mas a inquietação é a busca por entender a agressão gratuita daqueles que apenas querem acomodar a manutenção do *status quo*. Como bem afirma Fanon, “a violência colonial não se propõe apenas manter, em atitude respeitosa, os homens submetidos, trata também de os desumanizar” (FANON, 1961, p.19). Nesse caso, entendemos que a negação é a forma mais sutil aos olhos da coletividade, que faz o possível para ocultar os negros da participação na vida social com a intenção de retirar a importância desses sujeitos na formação da sociedade.

Ao propormos levar para sala de aula o ensino uma filosofia latino-americana, buscamos dialogar com os problemas reais e, com isso, encontramos um alinhamento dos versos das(os) educandas e educandos com o pensamento de uma filosofia da libertação, em que considera que a libertação não é apenas a nossa liberdade, mas a libertação do Outro. Essa

é uma compreensão de um horizonte que se projeta abrigar um mundo melhor para todos. É um se sensibilizar com os demais, no ambiente escolar busca-se ser UM com os OUTROS,

na verdade, nós não somos “a aquele outro” diferente da razão, mas, pelo contrário, o que pretendemos é manifestar eficazmente “a razão do Outro”: do índio assassinado por genocídio, do escravo africano reduzido à mercadoria, da mulher vilipendiada como objeto sexual, da criança subjugada pedagogicamente (sujeito “bancário”, como define Paulo Freire (DUSSEL, 1995, p.47).

A existência dos negros na América Latina é resultado de um processo de violência, em que seres humanos foram retirados de suas terras de maneira forçada, em seguida trazidos para longe de sua cultura e de seus familiares. E o pior, a menção de violência continua até nos versos dos nossos educandos e das nossas educandas, e os negros no Brasil carregaram no sangue a violência que seus antepassados sofreram na pele. Grandes partes dos brasileiros negros vivem em condição de marginalização, como no poema de Canafístula:

Discriminação do passado
Hoje em dia não rola
Seja ela raça ou religião
Não faça disso uma opinião
Para não criar uma discussão.

Mulheres negras
Sofrendo com a escravidão
Trabalhos domésticos
Cozinheiras
Arrumadeiras
Amas de leite
(Cordel de Canafistula. Escravidão do passado, 2019, p.18)

A educanda-poeta reclama-se da divisão provocada pela sociedade brasileira, da opressão aos jovens negros que vivem na periferia e impõem um grito de esperança. Em quatro vozes o som da voz negra expressava de maneira contundente a expressão máxima de luta do movimento negro no Brasil, era um grito de liberdade poética, que se manifestava sem pudor, sem medo, sem receio. E do outro lado os ouvintes brancos carregando um sentimento de vergonha, mas também de reconhecimento que a luta dos negros é justa, e que é necessário reconhecer a violência provocada pelos colonizadores e pelas gerações seguintes. Em outro poema, o educando Jenipapo, com o texto, “A cor que mais valia”, relata a destruição provocada pelos colonizadores na existência dos negros no Brasil, na voz do próprio educando:

Tentando superar
Toda a dor que causaram sem pensar
Tentando alcançar a liberdade
Sem nenhuma lealdade.

Sem ligar para o coração
Ou para o sentimento de uma nação
Trouxe caos e destruição
Nem deu ao menos uma explicação.

Tirou de nós o direito de falar,
De rir,
De brincar
De cantar e até de andar.
(Cordel de Jenipapo. A cor que mais valia, 2019, p. 15).

A partir dos versos das(os) estudantes citados acima podemos observar que o tema da liberdade é de extrema relevância para construção da história do povo negro no Brasil, em especial quando pensamos a(o) educanda(o) negro em sala de aula. Nesse sentido as(os) educandas(os) negras(os) assume um protagonismo de sua própria narrativa histórica. Os sentimentos não são narrados de forma superficial, mas são tencionados frente a postura dos colegas. Suas vivências são expressas de maneira clara, no cordel intitulado “Minha pele”, em que a educanda de 22 anos faz um posicionamento sobre os estigmas posto pela sociedade à figura da jovem negra, ao dizer:

Não é por que sou negra
Que vou roubar,
O jeito do cabelo intercede
Carrego com orgulho a genética que segue
(Cordel de Embaúbas. Minha pele, 2019, p. 19).

A proposta em desenvolver versos a partir de situações que causam o encobrimento do outro na nossa sociedade, coloca as nossas em relevo a violência que cada sujeito sofre na vida pessoal, mas também no espaço escolar. Mas, mostra também a perversidade do agente que gera o racismo e preconceitos, que na maioria das vezes é um sujeito que se esconde atrás de veste de marcas famosas ou uma falsa aparência de educado. Na hora que os alunos liam seus textos a expressão de discordância ou negação do outro estava estampada, talvez, se justifique pelo momento histórico que estamos vivendo, em que parte das pessoas se acha no direito de ofender, justificado da tal liberdade de expressão. Em tempos atuais, o que justifica o racismo no Brasil? A resposta, talvez, não é simples.

Para pensar um pouco mais sobre essa questão recorreremos a obra “Lugar de fala”, da autora Djamila Ribeiro, em que a pensadora apresenta um argumento importante para compreender o espaço de fala da(o) aluna(o) negro na escola, quando ela afirma que, “quem possui o privilégio social, possui o privilégio epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal de ciência é branco. A consequência dessa hierarquização legitimou como superior a explicação epistemológica eurocêntrica conferindo ao pensamento moderno a exclusividade o

que seria conhecimento válido” (RIBEIRO, 2017, p.24-25). É preciso entender o “lugar de fala” do outro, a exemplo do que menciona a estudiosa Djamila Ribeiro, que cada indivíduo fala a partir de um lugar social, de uma estrutura de poder capaz de proteger alguns e expurgar outros. Desde no início desse capítulo, estamos pensando desse conflito de classe, que ocorre entre as(os) próprias(os) educandos e educandas, como na menção que fizemos sobre a personagem Araucária no início do trabalho. Cabe ressaltar aqui, sobre a importância de cada um de nós partirmos do lugar onde estamos, pensar de que modo podemos contribuir para uma sociedade mais justa e livre de preconceito.

3.3 Versos sobre a opressão de gênero

Em quatro cordéis trata-se sobre a questão de gênero, sendo que um deles discute o feminismo, e os aborda sobre a diversidade de gênero, dividido por autores os cordéis têm os seguintes títulos: a) Cordel de Cambara, com o título “Mundo das aparências”; b) Cordel de Erva Mate, intitulado de “Abóbora de Feira; c) Cordel de Ingá, chamado de “O que vão dizer?”; d) Cordel de Jaracatiá, com o título “Feminismo”.

Nos textos de cordel os educandos e as educandas expõem com cuidado as questões tratadas, utilizando de metáforas e de jogos de linguagem para expressar suas ideias, também revelam em suas narrativas quem são, tal como no texto em que a educanda Erva Mate, coloca no título no cordel de “Abóbora de Feira”, no entanto na descrição do texto a educanda não poupa a descrição ao dizer: “Tava apaixonada pela moça que achava ser a mais graciosa das cidades. E que adorava comer tudo que ela cozinhasse bem temperadinho”. (Cordel de Erva Mate, Abóbora da Feira, 2019, p. 24). A descrição da educanda-autora é cheia de figura de linguagem, de uma riqueza impressionante, com a capacidade em seduzir o leitor, se furtar a tratar da questão que se propõe a refletir, a qual para alguns ainda causa constrangimento, no texto se desnuda o pudor em tratar de forma singela de uma homossexualidade. Como segue nos estonteantes versos:

Controlava o samba mais bonito que conhecia.
A vontade era dançar, ali, nas ruas de Curitiba.
Porque hoje veria a moça bonita.
A vida tava sorrindo.

Pra amenizar, cinza estava ali.
A moça bonita dizendo que as coisas iam melhorar
Ela quem deixava colorido
E a esperava do outro lado da rua

(Cordel de Erva Mate. Abóbora da Feira, 2019, p. 24).

Nos versos a educanda reclama dos conflitos que fazem parte ao assumir suas características de mulher negras, mas a situação se amplia na medida em que os conflitos atingem aqueles que estão a sua volta. No entanto, é necessário considerar que essa escrita demonstra que o ambiente escolar, naquele momento, naquele lugar, garantiu que os educandos e as educandas se sentissem à vontade para se expressar com liberdade.

O cenário da diversidade de gênero no ambiente escolar é descrito como um processo de descobrimento e revelação. Os educandos e as educandas de alguma forma são forçados a assumir padrões de identidades, pois há uma pressão entre eles em rotular o perfil a partir de alguns estereótipos.

A luta do movimento feminista atravessa a história, mas não atravessa a individualidade de cada mulher que não se contenta com um discurso pronto que impõe as mulheres a condição de inferioridade. O discurso das meninas/mulheres na sala é a reprodução da vivência da vida real, que reproduz os desajustes de uma sociedade machista, que impõe diferenças entre homens e mulheres da sociedade, tais diferenças colocam os homens em condições privilegiadas e as mulheres em condições de dependência da figura masculina. Diante da hostilidade da sociedade, coube às mulheres construir uma história de luta, e no ambiente escolar essa luta se reproduz. Como veremos nos versos de cordel produzidos pelas(os) estudantes, tal como a educanda Juqueri, que expõe em sua narrativa o olhar da opressão vivenciado na sociedade, no entanto na narrativa o discurso não é apenas para a sociedade, mas um discurso direto para os colegas de turma. Vejamos abaixo alguns versos:

Sou Marielle Franco
Sou Frida
Sou Joana D'Arc
As que lutaram por mim

E o homem não precisa fazer nada
Por que nós mulheres
Temos que sair sempre como medo
Sem saber se voltamos?

Sem medo do seu julgamento
Sem medo de seus olhares
Sem medo de reprovação
Sem medo de ter medo.

(Cordel de Juqueri. Feminismo, 2019, p. 36-36).

O discurso é forte, realça o afrontamento violento da sociedade, que precisa ser combatido num embate entre os preconceitos, ideias e ações. Mudar a mentalidade de uma

sociedade machista passa por um reposicionamento do ambiente escolar, que precisa ser mais comprometido com o feminino, com as pautas feministas. No ambiente escolar a maioria em sala de aula são mulheres, no entanto o discurso masculino se sobressai ao feminino.

Segundo a estudiosa sobre gênero, Judith Butler, os corpos exercem performances que expressam suas características, em que pode haver oscilações de comportamentos, sendo que a identidade não é algo inalterável, por isso, a formação do gênero do sujeito se dá por da performance que o sujeito exerce e a consolidação do discurso no meio em que vive. Em razão disso, “não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais” (BUTLER, 2003, p.27). No ambiente escolar, os hábitos culturais forçam o direcionamento do agir do sujeito, no entanto, os educandos e as educandas tencionam a transformação das concepções tradicionais impostas, como podemos observar na escrita dos poemas sobre gêneros. Temos expressões narrativas daquilo que elas/eles são e como elas/eles gostariam de ser percebidos.

Em nossa sociedade, as noções que possuímos sobre feminilidade e masculinidade, muitas vezes foram e são construídas baseadas em características físicas e fisiológicas do corpo. É comum entendermos que a constituição física do homem o torna um sujeito mais forte que a mulher. Com isso, aprendeu-se historicamente que o “masculino é um ser forte”, enquanto a “mulher sexo frágil”. Não negando a natureza da constituição dos corpos, é importante ter em mente que a compreensão sobre o corpo não é algo natural, ela muda de sociedade para sociedade, de cultura para cultura e também está ligado aos diferentes contextos históricos.

No contexto da colonização, a discussão de gênero é inexistente, esses personagens são sujeitos ocultos, que não ocupam espaço significativo, no entanto, quando posto em sala de aula, essa discussão ganhou espaço, na medida que os sujeitos que são afetados, que se sentem ofendidos, num momento de discussão, esse tema aparece como força resistente e de maneira afrontosa as concepções mais tradicionais, entre os próprios educandos e educandas.

3.4 Versos de cordel sobre a (in)existência

Em narrativa mais livres, os educandos e as educandas abordaram questões do dia a dia, com temáticas relacionadas a existência humana, que buscaram construir uma reflexão a partir de uma análise crítica sobre suas vivências do cotidiano. Os educandos e educandas expuseram a resistência do mundo, a dureza da vida e a luta pela superação pessoal, em sete cordéis: a) Cordel de Pitanga, com o título “Recomeçar novamente”; b) Cordel de Bragatinga, intitulado “A vida é bela”; c) Cordel de Juqueri com nome de “Vida Maria”; d) Cordel de Maricá com o nome de “Para você dar nome”; e) Cordel de Jenipapo com o título, “Roubaram minha vida”; f) Cordel de Peroba com nome “O não nascido”; g) Cordel de Pinheiro, chamado de “Tempo”.

De maneira emblemática esses textos de cordéis se cruzam a partir da individualidade de cada sujeito, que tem uma história para contar, um sentimento para expor. Como podemos observar no Cordel de Pitanga,

Quando a vida lhe bater
E sua alma chorar
Quando esse mundo pesado lhe ferir, lhe esmagar
É hora de recomeças
LUTAR
(Cordel de Pitanga. Recomeçar novamente, 2019, p. 2)

Se nos demais textos há uma preocupação da coletividade, nesses textos aparece uma preocupação com a individualidade do sujeito. A educanda-autora compartilha sua angústia em viver no mundo com dor, mas que é necessário recomeçar. A proposta da atividade se tornou um meio para a educanda compartilhar os seus sentimentos vividos. Em outro texto, um pouco menos melancólico, o educando demonstra a coragem do enfrentamento aos adversários da vida, com seu verso gritado, diz em voz baixa:

Em cada caso
Um grito de coragem
Eu sou de silêncio covarde.
(Cordel de Bragatinga. A vida é bela, 2019, p.3)

Apesar de certa dramaticidade nos versos desses cordéis é relevante considerar que estamos tratando de jovens no início de sua juventude, que buscam se apresentar ao mundo com autonomia e liberdade. Nesse sentido, com esses textos que tratam sobre a existência humana, ou sobre os conflitos humanos, busca-se um enfrentamento consigo mesmo e com o mundo, mas que necessitam legitimar seus ideais e ações. Encontramos nesses versos a

confirmação de suas ações e de sua moralidade, como uma forma de confirmação de sua existência livre. E assim no cordel de Peroba, se expressa os conflitos da imposição social:

O medo do homem que agride
Da sociedade que julga
Da igreja que exclui
E das pessoas que apedrejam
Anseio de não serem entendidas. (Cordel de Peroba. O não nascido, 2019, p. 10)

Uma parte dos textos, dessa temática, abordados pelos educandos e educandas tinham como preocupação central pensar a ocupação do sujeito no seu espaço social, em que manifestaram de maneira uma inquietação com sua existência no mundo. Ao se desvelar como alguém, mostra-se como sujeito livre e que resiste ao enquadramento do outro:

O outro, como outro livre e que exige justiça, instaura uma história imprevisível. O outro como mistério é o para onde, o mais além de meu mundo, que o movimento dialético não pretenderá compreender como totalidade totalizada, uma vez que, por sua estrutura finita, sabe que jamais conseguirá. A totalidade, como o visto feito sistema, opõe-se a infinitização (*infinicion*) de um movimento dialético histórico que se abre para ouvir a palavra do outro, que se revela a partir de uma exterioridade insondável e imprevisível (DUSSEL, 1986, p.187).

Nesse tópico podemos observar a partir dos versos de cordéis dos educandos e das educandas, que há uma preocupação em expor os sentimentos, os quais causam conflitos na relação desses sujeitos e o mundo. Diante disso, é necessário perceber em cada história a exposição de uma narrativa real que busca superar os efeitos das injustiças produzidas pelo meio social. Que mesmo não se compreendendo a totalidade dos conflitos, se tenta amenizar através de uma exposição onde se acredita que será escutado e compreendido pelos colegas de turma. Na sala de aula, essa relação de escutar se dá a partir da percepção do outro em sua individualidade. É a possibilidade de construir uma coletividade mais harmônica.

Capítulo 4: Lua Minguante: Leitura dos textos de cordel

Neste quarto momento ocorreu a finalização dos textos de cordel produzidos pelos educandos e pelas educandas. Para isso organizou-se um espaço de exposição dos textos em varal e após a exposição o material ficou exposto na escola. Em forma de jogral, cada educando e educanda leu seu próprio texto, com a presença de alguns educandos e algumas educandas de outras turmas. A exposição aconteceu em dois dias: a proposta consistia em usar aqueles espaços da escola, sala de palestras e o pátio, como um espaço de fala política democrática. Foi um exercício do direito de fala e escuta através das poesias filosóficas. O ato foi uma intervenção em pensar a filosofia a partir da poesia. Através da utilização do material produzido pelos educandos e pelas educandas desenvolvemos uma exposição filosófica do livre pensar que ocorreu através da reflexão e contemplação das narrativas construídas pelos(as) estudantes. O objetivo central foi compartilhar a experiência do exercício filosófico a partir de variáveis não convencionais no ambiente escolar, como tornar a filosofia um pouco poética ou a poesia com nuances filosófica. Nas imagens que seguem abaixo podemos visualizar o momento em que ocorreu a atividade:



Imagem 1 – Construção dos textos de cordéis fora da sala de aula; Imagem 2 – A presença de outros alunos na apresentação; 3 – Apresentação dos alunos em sala; 4 – A participação dos colegas nas apresentações.

Era para ser uma aula, mas transformou-se em versos cheios de rima, numa canção que saí possibilitar múltiplas experiências do interior de cada um. Virou um verso ao inverso das narrativas tradicionais. Foi nas palavras trocadas que a norma culta foi tocada. O cheiro de escola juntou ao aroma de uma lua cheia que iluminava a noite da proclamação dos versos poéticos que surgiram do interior de cada educando e educanda. Os educandos e as educandas transeuntes observavam em torno da roda de recitação, no entanto, apesar dos holofotes para a atividade daquele dia, o ambiente escolar permanecia intacto, isso era fundamental para completar o quadro de que a escola é lugar para todos e de todos. As delicadas feições do mancebo refletiram, por momentos, uma impressão de profundo desejo de estar ali. A propósito deve-se dizer que os jovens de aparências diversas montavam o cenário inspirador para expressar as utopias e clamor de uma sociedade que se ajustou desde o início da exploração europeia.

Proclamou-se em som de inspiração pelo livre pensar, em forma de prece declamou-se as palavras ao som do silêncio daqueles que queriam escutar o som de um pensar sobre aquilo que já havia tanto falado. Cobertos pelo brilho da lua cheia eram iluminados a sentir o som das vozes que tinham muito a dizer sobre o passado, o presente e o futuro. Pela liberdade em dizer aquilo que queria se dizer, se disse através do olhar travesso que atravessava a tradição duvidosa. A vida se tornava verso, ao inverso das narrativas dos livros que apunhalava uma narrativa fantasiosa que pouco diz sobre os fatos de fato. Fazer uma filosofia a partir de versos é desacostumar-se do olhar sombrio que a história projetou uma sombra sobre o nosso olhar.

Capítulo 5: Extra lunar: Visita ao museu de arte indígena.

O processo de formação do ser humano deve ir muito além de uma sala de aula. O processo de conhecimento deve ser uma oportunidade em que o sujeito conhece a si mesmo e o seu meio, mas que atribui significado às demais esferas que fazem parte do seu meio, e das que não fazem parte do seu cotidiano. A educação sempre foi um instrumento libertador, mas é necessário considerar que a escola em grande parte das vezes é um instrumento a favor de um determinado sistema político-financeiro. No entanto, cabe ao educador o protagonismo de romper os muros da escola e possibilitar múltiplas experiências que sensibilizem os educandos e as educandas para novas formas de percepção do mundo.

A proposta desta prática foi a de levar os educandos e as educandas ao Museu de Arte Indígena, um espaço dedicado exclusivamente a produção artística dos indígenas brasileiros, composto por mais de 1500 peças divididas entre arte plumária, cerâmica, cestaria, instrumentos musicais, máscaras ritualísticas e objetos utilitários. A escolha do espaço para o desenvolvimento da atividade foi motivada pelo compromisso do museu em oferecer uma experiência sensorial da realidade indígena aos sujeitos que vivem no espaço urbano. Com isso, ultrapassar as fronteiras do ambiente escolar, e sensibilizá-los sobre a percepção da cultura dos povos indígenas através da arte, já que o museu visitado tem como propósito sensibilizar os visitantes sobre as vivências dos povos originários. Nesse caso, não se buscava no museu um excesso de informação, mas um despertar sobre a vida povos indígenas. O plano de trabalho consistia em aproximar as(os) estudantes de uma realidade conhecida no imaginário, mas que ainda não tinha sido sensibilizado à vivência dos povos indígenas como uma comunidade de humanos que defendem seus territórios para viverem com dignidade, assim como os educandos e as educandas buscam um modo próprio de viver.



Imagem: Foto retirada no dia 07 de novembro de 2019 durante a visita ao Museu de Arte Indígena de Curitiba.

Durante o relato da prática será apresentado a percepção dos educandos e das educandas dessa experiência, que permitiu a aproximação entre uma sociedade urbana e uma comunidade social formada no interior da natureza.

5.1 Analética: uma prática docente libertadora

A construção desse trabalho é fundada a partir de uma estratégia metodológica de um pensar latino-americano: a filosofia da *práxis* proposta por Enrique Dussel. Nela o autor propôs a analética como método para pensar a filosofia da libertação. Sendo “o momento analético é a afirmação da exterioridade: não é somente negação da negação do sistema desde a afirmação da totalidade. É a superação da totalidade, mas não só como atualidade do que está em potência no sistema” (DUSSEL, 1977, p.164-165). Em diversos momentos da exposição do trabalho didático realizado em sala de aula buscou-se enfatizar a importância da manifestação legítima do sujeito pensante, o qual se atém a uma crítica das narrativas históricas, mas também se afirmar as convicções que orientará as novas relações do sujeito que luta por libertação. Com isso, conforme Enrique Dussel, se abre a possibilidade para “superação da totalidade desde a transcendentalidade interna ou da exterioridade, que nunca esteve” (DUSSEL, 1977, p.165). Temos que considerar que a manifestação escrita, falada ou corporal não é algo dado pelo professor ou pela instituição escolar. Precisa ser entendida como uma conquista humana que deve ser legitimamente garantida. Que a existência de cada sujeito se encontrará presente na totalidade, isso se dará por meio do exercício pleno da liberdade.

A prática didática sobre a utilização de um varal como estratégia didática não é apenas uma interrupção da forma didática, mas é uma interrupção ao modelo tradicional de fazer filosofia, na medida que se instiga a pensar variáveis que se conectam com a nossa existência, entre professoras(es) e educandas(os). “Analético quer indicar o fato real humano pelo qual todo homem, todo grupo ou povo, se situa sempre ‘além’ (anó-) do horizonte da totalidade. [...] O momento analético é o ponto de apoio de novos desdobramentos” (DUSSEL, 1977, p.165). Essa percepção de pensar além ocorre quando as(os) estudantes são mobilizadas(os) para fazer uma transição entre um varal, um objeto do doméstico, para a literatura de cordel, um estilo de escrita, esses elementos promovem um rearranjo para evidenciar o conceito filosófico.

A estratégia de utilizar um filósofo de pensamento latino-americano e o poeta Paulo Leminski como referência demarca a obrigatoriedade em superar o método ontológico-dialético de uma filosofia europeia, com o intuito de remarcar a existência do Outro. Em razão disso, a atividade pedagógica não poderia ser impositiva, em que o professor fosse o detentor do saber, por esse motivo tornou-se necessária ressignificação do lugar de existência, tanto dos educandos e educandas, quanto do professor. O espaço da sala de aula foi ampliado para que pudéssemos perceber o mundo além das fronteiras físicas e ideológicas. A estratégia analética foi de escutar o Outro, pois tinha consciência que a experiência pessoal não seria suficiente

para explicar um conteúdo que era parte da história das(os) educandas(os). Sendo assim, tornou-se necessário buscar o envolvimento de todas(os) na proposta, como se diz, “na analética não é suficiente a teoria. [...] Na analética, visto que é necessário a aceitação ética da interpretação do oprimido e a mediação da práxis, tal práxis é seu constitutivo primordial” (DUSSEL, 1977, p.165). A partir de concepção analética como fundamento da prática docente foi necessário se conscientizar de uma interpretação de mundo que a(o) estudante, no contexto da escola pública, é um sujeito oprimido, em decorrência do enquadramento de uma formação à serviço de um sistema opressor que se impõe sobre as suas vontades.

Num primeiro momento, durante a aplicação das aulas, as(os) estudantes demonstraram certa dificuldade em se expressar através da escrita ou oralidade, pois não se sentiam capacitados para transformar as letras em palavras, para expressar suas narrativas históricas. Esses sujeitos demonstram insegurança, de uma certa forma, por se sentir vítima do sistema político e educacional. A falta desse entendimento provocava nos educandos e nas educandas uma postura de negação de si mesmo.

Outro problema real no processo de construção do trabalho é o fato de que temos um sistema escolar que negativou a capacidade afirmativa do sujeito. Isso se evidencia na prática docente exigindo que a tarefa do professor de filosofia não fosse apenas a de apresentar o saber filosófico, mas estar junto com o outro, professor e educandas(os), ambos coexistindo para reativar a consciência de sujeito político capaz de transformação. Na prática, o professor de filosofia não deve pensar pelos educandos e pelas educandas, nem fazer pelos educandos e pelas educandas, mas construir uma estratégia de aprendizagem emancipadora junto com as educandas e os educandos, para superar a imposição de outros e do sistema. As poesias produzidas nesse trabalho são resultado de uma construção coletiva, de fala e escuta, onde foi necessário formar uma comunidade pensante para narrar de forma poética as diversas histórias. Como afirma Dussel,

o ethos da libertação pedagógica exige que o mestre saiba ouvir, no silêncio e com respeito, a juventude, o povo. Só do discipulado paciente e entusiasta do próprio mestre poderá emergir o juízo adequado da realidade na qual se encontra o povo. O discípulo, juventude e povo admitirão igual o mestre que em sua vida, em sua convivência crítica para afirmar os valores já existentes na juventude e no povo. Atitude de colaboração, convergente, mobilizadora, organizativa, criadora” (DUSSEL, 1977, p.101-102).

Todo esse processo só foi possível porque a filosofia latino-americana ensina que é necessário encarnar o meu lugar de enunciação, através da consciência e não da dominação e opressão, pois esse espaço é transitório, o qual deve ser garantido através do exercício livre

para pensar a prática pedagógica, o qual se legitimará através da participação prática pedagógica com os educandos e as educandas, sendo assim, todos se tornariam proprietários de sua história e de nossas narrativas. Em razão disso, o lugar de enunciação não poderá ser um espaço de poder opressor para que a narrativa não imitasse uma mensagem colonizadora. As aulas não poderiam ser uma aula de colonização, mas sim de descolonização do pensar, em que cada sujeito deveria encontrar a forma adequada para expressar suas ideias e sentidos. Com isso, coube ser um professor que abre espaço para uma filosofia latino-americana, com uma proposta atenta à realidade, capaz de dialogar sobre a nossa existência e, pensar e atribuir significados sobre os assuntos que conectavam as vivências, sem a necessidade de importar de maneira inadequada e sem critério uma filosofia que não correspondesse aos conceitos que estavam sendo discutidos.

A avaliação da prática didática utilizando a filosofia da libertação, com educandos e educandas no ensino médio, foi uma forma de experimentar o estudo de um saber concentrado na necessidade local, pautando temas que inquietava as(os) estudantes, considerando como tema global a filosofia política na América Latina. De maneira consciente, consideramos que a gênese da filosofia da libertação carrega uma crítica às concepções ontológicas que foram construídas a partir de um viés europeu na América Latina, por desconsiderar a preservação da herança dos povos originários. Em razão disso, a nossa prática colocou no centro das discussões as(os) estudantes como sendo os protagonistas a revelar-se enquanto sujeitos de fala, capazes de agirem a partir da pluralidade que compõe cada indivíduo.

A filosofia em sala de aula não é um objeto de luxo, ou uma estrutura a mais para acessar informações para operacionalizar as variáveis do mercado de trabalho. É uma oportunidade para uma geração racionalizar suas vivências, capaz de garantir aos sujeitos a oportunidade de atribuir significados lógico-rationais nas narrativas existenciais. Isso é possível quando a construção de uma narrativa seja mais horizontal, em que professor e educandas(os), se colocam numa situação de fragilidade, com a consciência que compartilhamos a mesma realidade, sendo cada um detentor de sua história.

O desabrigar da existência na América Latina promove o surgimento de um pensar à deriva, e será nesse contexto despretenso do pensar que surgirá uma filosofia autêntica, capaz de enunciar uma abordagem racional do ser, capaz de libertar a racionalidade humana, nesse caso, a filosofia que nasce nesse contexto, segue uma lógica contrária ao pensamento cartesiano, aqui se (re)existe para depois torna-se um sujeito pensante. Será pela capacidade criadora e criativa que se garantirá a superação da condição de ente-colonizado para torna-se um sujeito livre.

5.2 O olhar sobre o olhar dos outros

“Sim, podemos agendar para o dia 07/11. O professor acha que não podemos marcar as 19:00h no museu? Se não existir a possibilidade tudo bem nós adequamos para receber vocês as 20:00h [...] lembrando que o valor é 12,00 (meia) e pode ser efetivado o pagamento na hora em nossa bilheteria, aceitamos dinheiro e cartão de crédito e débito” (DONNER, Samantha. Agendamento de visita técnica. Mensagem recebida por <Josemi.mdeiros@gmail.com> em dia 07 nov. 2019). Qualquer proposta que exija retirar os educandos e as educandas do espaço da sala de aula exigirá do docente um empenho que ultrapassa duas categorias que são significativas para o funcionamento da instituição escolar: espaço e o tempo. No dia a dia da escola há uma preocupação excessiva em cumprir as formalidades exigidas ao rigor da lei, tal como o cumprimento dos horários de estarem em sala de aula. Como apresentado na citação acima, numa troca de e-mail com a coordenadora do museu é possível identificar o conhecimento de alguém que lida com escolas, ao demonstrar sensibilidade para a adequação de horários. E de fato, para se pensar uma atividade fora da escola é necessário pensar o horário, quanto tempo vai durar, hora de saída e hora de chegada, transporte, a quantidade de educandos e educandas que irão participar, quantos professores irão acompanhar. É necessária a autorização da direção, a autorização da equipe pedagógica, autorização dos pais para os educandos e as educandas menores, articular com os demais docentes, pois serão necessárias todas as aulas daquele dia. Ou seja, é um processo burocrático, mas é também o desafio de ser professor. Quanto aos custos ficou acertado que conseguiríamos o ônibus via prefeitura e os educandos e as educandas pagariam a entrada. Atividade fora do ambiente escolar é a quebra das estruturas de um modelo que foi criado para impossibilitar que os educandos e as educandas possam pensar além daquilo que está posto. A escola é uma estrutura engessada que está a serviço do sistema dominante.

Depois de ter feito todo o processo de organização para a aula fora da escola, chegou o dia 07 de novembro, enfim vamos ao museu. Seguimos todo o protocolo de organização, no momento da saída do ônibus, estamos em três professores e um estagiário. De repente apareceu a diretora da escola, chamou o professor Fernando de Sociologia e comunicou que ele não poderia acompanhar os educandos e as educandas, pois faltou um outro professor e iriam ficar turmas sem aula. Após este imprevisto inicial seguimos rumo ao museu sem mais problemas.

O deslocamento do colégio até o museu (MAI) às 19h, no momento que a capital estava se acalmando depois de um dia de trabalho, foi para alguns um olhar diferente para o mundo, já que parte dos adolescentes não têm o hábito de sair do bairro em que vivem. Era possível

observar o olhar deles sobre o movimentar da cidade. O clima amistoso de convivência e entusiasmo foi um incremento de que fora das paredes frias da sala de aula existe na individualidade de cada um a capacidade de conviver bem sem a imposição das regras que dominam o ambiente escolar.

Ao chegar ao MAI, fomos recebidos pela equipe de tutores, formado na área de ciências humanas, que fora treinada para exercer a atividade no museu. Eles estavam em três pessoas responsáveis por organizar a visita guiada. Os educandos e as educandas efetuaram o pagamento na bilheteria e já foram orientados de como seria os procedimentos da visita, a qual teria uma duração de duas horas e meia. O ambiente do museu era num prédio, que ocupava quatro andares. As paredes eram pintadas de preto, com uma iluminação baixa, pois o museu tinha como proposta criar um clima que aproxime do funcionamento de uma oca, em que reproduz os espaços que remete às estruturas que existem numa aldeia.

Durante a visita, a primeira coisa que percebemos foi sobre o comportamento dos educandos e das educandas, pois não foi necessário chamar atenção para observar e interagir nos espaços e nas apresentações. É necessário considerar que parte desses educandos e dessas educandas trabalham durante o dia, por essa razão demonstravam certa cansaço, já que a participação exigiu que ficassem em pé a maior parte do tempo.

Foi possível observar que os educandos e as educandas demonstraram apreços distintos já que cada um tem uma forma diferente de perceber e se interessar pela realidade. No entanto, foram as atividades de interação, como as brincadeiras indígenas e as narrativas sobre a vivência dos indígenas, as que mais despertaram interesse. Durante a visita muitos educandos e muitas educandas fizeram diversas interações, mas despertaram interesse por questões relativas à vivência dos jovens nas aldeias. Com isso, ficou perceptível que os educandos e as educandas queriam se ver como personagem de uma aldeia demonstrando, ao mesmo tempo, tanto interesse quanto certa dificuldade em compreender alguns rituais que fazem parte da cultura indígena. Destaco dois rituais que eles ficaram meio impressionados, destacados pelos educandos e pelas educandas no relatório de estudo:

Uma das histórias contadas foi sobre o ritual das tucandeiras, da comunidade indígena dos Saterés Mawés, que vivem ao redor de Manaus. Nessa comunidade há um ritual de iniciação do jovem à vida adulta, no qual, num misto de fé e coragem, os indígenas adolescentes se expõem ao ferrão de inúmeras formigas cuja picada é muito dolorosa, dançando ao som de batuques e cantorias indígenas. Esse ritual marca a passagem da idade infantil para a idade adulta e os pajés dizem que, desde o início dos tempos, quando Sahu-wato gerou o primeiro

trovão, foi-lhes ensinado este ritual no qual os índios se deixam picar pelas formigas tucandeiras, no intuito de tornarem-se corajosos, fortes e imunes às inúmeras doenças.

Outra história narrada pelas tutoras do museu foi sobre a passagem da infância das meninas da Tribo Kamayura para vida adulta, estabelecida no alto Xingu, Estado do Mato Grosso. A narrativa conta o ritual de transição de jovens meninas para a vida adulta, em que a jovem era "presa" para aprender a confeccionar artesanato, tecer o fio do algodão e a cozinhar com a mãe e outras mulheres do grupo, num intervalo de tempo que pode variar, mas que durará ao menos um ano. Durante esse período, sua franja não poderá ser aparada, crescerá até cobrir-lhe o rosto, o que impede que indivíduos de fora do círculo familiar olhem-na diretamente nos olhos. Concluído o tempo de reclusão, delimitado pelo pai da moça, a jovem é apresentada a toda a comunidade como mulher, passível de pretendentes e propostas de casamento. Além de preparar as jovens para serem esposas e mães (sobretudo de homens), a reclusão as mantém intocadas já que são inacessíveis aos homens, servindo, portanto, como controle de natalidade do grupo e previne que tribos rivais roubem suas mulheres.

Selecionamos essas duas narrativas, em decorrência do interesse dos educandos e das educandas durante a exposição, em que eles manifestaram curiosidade pelos rituais descritos, mas também mencionaram situações correlatas do cotidiano deles aos rituais descritos. Alguns exemplos citados pelas(os) alunas(os) tais como, a exigências para o acesso à universidade, em especial a universidade pública; a obrigatoriedade do alistamento ao serviço militar; habilitação para dirigir; ou até mesmo festas de debutantes para as meninas quando completam quinze anos. Os rituais de inserção desses jovens na sociedade atual são carregados de ritos, que vinculam na maioria das vezes a costumes familiares, religiosos, ao trabalho ou até mesmo a um time de futebol, onde se exige o enquadramento a padrões estéticos e morais.

Outro aspecto a destacar durante a visita é que foi possível sentir aromas, sons, gosto, num ambiente que proporcionou a interação dos educandos e das educandas com a forma de vida dos povos indígenas. Através desta aula de campo foi possível realizar uma vivência em torno da valorização dos elementos que compõe a cultural indígena brasileira e sobre a importância da preservação desses povos a para sobrevivência da espécie humana e preservação do planeta. Através das manifestações dos educandos e das educandas, podemos observar o impacto da experiência sobre a maneira de pensar dos mesmos, referente ao tema tratado.

5.3 O olhar através do filósofo

A partir da leitura do livro “O encobrimento do Outro”, de Enrique Dussel, é possível perceber que o processo de dominação dos povos europeus sobre os povos latino-americanos é marcado pela expressão das(os) educandas(os) ao ouvir as narrativas dos povos indígenas. Apesar que demonstrarem respeito pelos objetos de arte expostos no museu, de terem se comportado de maneira amigável durante a visita, algo deixa inquieto no olhar e nas expressões deles, ao mirar o cenário indígena apresentado pelo museu, o cheiro parecia diferente ou estranho sob o aroma que atravessa as narinas dos educandos e das educandas. Os sons das músicas indígenas entoados durante a visita não era a melhor melodia no ouvido dos educandos e educandas. Apesar do olhar de espanto ser algo precioso para a Filosofia, para proporcionar o pensar, é necessário se inquietar pela falta de sensibilidade em não se deixar tocar pela cultura indígena brasileira. O desconhecimento sobre a cultura indígena talvez não seja a pior das realidades, pois mesmo esse saber tendo sido trabalhado em sala de aula antes da visita, os demais colegas docentes vêm insistindo em trazer para discussões em sala de aula sobre a herança indígena e como estamos marcados em nosso cotidiano sobre elementos que compõem nosso pertencimento nacional. No entanto, é mais conveniente se afeiçoar ao modelo europeu que comungar do ventre sagrado onde se gestou a existência humana de cada ser.

Nas descrições dos educandos e das educandas, eles declaram a importância da atividade que sensibilize o ser humano para um aprendizado, no qual permita uma reflexão a partir da afeição, isto é, de colocar-se no lugar do outro. Pois, no processo de aprendizagem os educandos e das educandas manifestam interesse por narrativas que falam sobre eles, que ajudem a compreender o mundo a sua volta. Na medida em que os elementos são postos frente a frente os educandos e as educandas percebem que eles têm mais de indígenas, do que de europeus: “somos mais índios do que imaginamos” (Paineira).

A ressignificação do educar perpassa pela necessidade de auto desconstruir-se, repensar o reposicionamento no exercício do magistério. E ainda, resgatar a autoestima do ensinar e aprender, que ainda não foi desapartada da existência humana. Nas atividades desempenhadas com os educandos e as educandas, a práxis deverá ser para além das estruturas fixas (o currículo escolar, livro didático, da sala de aula, e até mesmo da escola enquanto prédio) que limitam o exercício da profissão. Acercar-se de um despertar ao desejo em querer pensar sobre o seu próprio mundo e, talvez, atribuir significado às práticas desenvolvidas.

A filosofia latino-americana precisa desmontar a geografia como uma estratégia de ressignificar a demarcação geopolítica que se impõe sobre as formulações filosóficas impostas

ao “novo mundo” para filosofia. Nesse sentido, a filosofia em sua gênese latina cresceu sob a sombra do chapéu europeu, no entanto necessita sair ao sol para contemplar seu próprio brilho. É um ato de reivindicação histórico-cultural-geográfico de uma região, em que pensadores não se negaram a pensar seu próprio mundo, problemas e seus sonhos. Esse processo perpassa a necessidade de reformular seus conceitos e atribuir seus devidos significados, mas também tornar consciente que estamos na América Latina e que não somos europeus.

Com esse fato, podemos perceber que a imposição das narrativas dos europeus sobre a América Latina não pode ser compreendida apenas como uma ocupação de território, de maneira ingênua, mas um conjunto de ações pretensiosas que deve exibir as várias facetas de dominação europeia, até mesmo no pensar filosófico. Como analisa Eduardo Galeano, ao afirmar que:

A epopeia dos espanhóis e portugueses na América combinou a propagação da fé cristã com a usurpação e o saqueio das riquezas nativas. O poder europeu estendia-se para abarcar o mundo. As terras virgens, densas de selvas e perigos, inflamavam a cobiça dos capitães, dos cavaleiros fidalgos e dos soldados em trapos, lançados à conquista dos espetaculares despojos de guerra: acreditava na glória, “o sol dos mortos”, e na chave para alcançá-la, que Cortez assim definia: “aos ousados ajuda a fortuna” (GALEANO, 1979, p. 12).

Através da citação acima, podemos observar a ousadia dos europeus sobre os demais povos, em especial sobre os latino-americanos. Tal impasse exige da filosofia latino-americana a necessidade de se distinguir das demais filosofias. Nesse contexto, há de se considerar que a filosofia desenvolvida na América Latina expresse o pensamento dos latino-americanos. Apesar de que temos que reconhecer que parte dos estudiosos de filosofia que vivem na América Latina desenvolve um pensar filosófico a partir de concepções europeias. Nesse caso, essa filosofia representa as questões pertinentes aos indivíduos que vivem no continente, mas espelha o pensar daqueles que querem fazer filosofia fora da Europa, mas com a concepção filosófica dos europeus.

Nesse sentido, cabe observar que esse modo operante da filosofia expressa a influência dos europeus aos latino-americanos. Como descreve em sua narrativa, Eduardo Galeano demonstra com precisão o impacto da cultura europeia sobre a cultura latino-americana. O autor descreve que o embate entre colonizador e colonizados não pode ser chamado nem de conflito, pois as desigualdades apontavam um massacre étnico aos povos latino-americanos. Como menciona:

Havia de tudo entre os indígenas da América: astrônomos e canibais, engenheiros e selva gens da Idade da Pedra. Mas nenhuma das culturas nativas conhecia o ferro nem o arado, nem o vidro e a pólvora, nem empregava a roda, a não ser em pequenos carrinhos. A civilização que se abateu sobre estas terras, vinda do além-mar, vivia a

explosão criadora do Renascimento: a América aparecia como uma invenção a mais, incorporada, junto com a pólvora, imprensa, papel e bússola, ao efervescente nascimento da Idade Moderna. O desnível do desenvolvimento de ambos os mundos explica a relativa facilidade com que sucumbiram as civilizações nativas (GALEANO, 1979, p. 13).

Em franca lucidez Eduardo Galeano, na obra *“As veias abertas da América latina”*, diz que os navegantes portugueses asseguravam que os ventos do oeste traziam “cadáveres estranhos e às vezes arrastavam troncos curiosamente talhados, mas ninguém suspeitava que o mundo seria, logo, assombrosamente acrescido por uma vasta terra nova” (GALEANO, 1979, p. 10). E continua, “o desejo de metais preciosos, meio de pagamento para o tráfico comercial, impulsionou também a travessia dos mares malditos (GALEANO, 1979, p. 10). O processo de domesticação se aplica a um projeto que se impõe por variáveis impostas, de maneira que os povos nativos foram deslegitimados de seus territórios.

A partir das descrições sobre o envolvimento das(os) educandas(os) podemos observar que parte das mazelas que a nossa geração carrega se revela a partir da negação do Outro, não sendo portadora das narrativas dos nossos ancestrais, em que não manifesta apreço pela vida daqueles que formam a nossa habitação territorial. Nesse sentido, fica claro na manifestação das(dos) estudantes que aquela exposição era uma grande novidade. Talvez seja esse o efeito do processo de colonização nas nossas vidas: impacto sob a nossa percepção de mundo, um aniquilamento da memória, mas também da sensibilidade em reconhecer a existência do Outro. Pensando a partir de Galeano, que descreve as atrocidades ocorridas, podemos entender que a esse grupo de alunas(os) acendeu um alerta sobre a ausência de uma educação que foi descuidada com a herança construída pelos nossos coirmãos.

Esse processo de desterritorialização, dominação e imposição sobre os povos latino-americanos não foi apenas um fato passado, mas em todos os momentos da história da América Latina os povos do “velho mundo” ocuparam-se em sobrepor-se aos nativos que aqui viviam, como podemos perceber na visita o papa João Paulo II, em 1985, quando veio ao Peru. Diante de tal visita, os povos indígenas Andinos manifestaram repúdio ao comportamento da Igreja Católica de vir comemorar a chegada dos europeus na América Latina. Em respostas, os movimentos indígenas publicaram uma carta aberta dirigida à João Paulo II:

Nosotros, indios de los Andes y de América, decidimos aprovechar la visita de Juan Pablo II para devolverle su Biblia, porque en cinco siglos no nos ha dado ni amor, ni paz, ni justicia. Por favor, tome de nuevo su Biblia y devuélvala a nuestros opresores, porque ellos necesitan sus preceptos morales más que nosotros. Porque desde la llegada de Cristóbal Colón se impuso a la América, con la fuerza, una cultura, una lengua, una religión y unos valores propios de Europa. La Biblia llegó a nosotros como parte del cambio colonial impuesto. Ella fue el arma ideológica de ese asalto

colonialista. La espada española, que de día atacaba y asesinaba el cuerpo de los indios, de noche se convertía en la cruz que atacaba el alma india (Carta aberta do Movimento indígena do Peru, 1985 GARCÍA-JOHNSON, 2016, p.135)³.

Temos, nesse fato narrado acima, uma demonstração clara do processo de ocupação da América Latina, um verdadeiro conchavo entre a Igreja Católica e as nações europeias, como sempre aconteceu, que permanece até os tempos atuais. Antes como sempre os europeus utilizaram-se de formas sutis para imporem seus princípios e dogmas sobre a cultura latino-americana. Como defende Eduardo Galeano, “a defesa da fé católica era uma máscara para a luta contra a história” (GALEANO, 1979, p. 19). Por outro lado, podemos perceber no texto, antes e agora, que os povos nativos sempre se opuseram as imposições de dominação e exploração dos colonizadores.

O resultado das investidas dos colonizadores sobre os povos nativos decorre de que os indígenas foram exterminados nas “lavagens de ouro, na terrível tarefa de revolver as areias auríferas com a metade do corpo mergulhada na água, ou lavando os campos até a extenuação, com as costas dobradas sobre os pesados instrumentos de aragem trazidos da Espanha” (GALEANO, 1979, p. 12). A herança deixada pelos europeus à América Latina é o rastro de destruição de uma cultura que sobrepôs sua barbárie vivida na Europa sob os povos que viviam integrados ao seu ambiente natural, aniquilando suas riquezas e tradições. Sendo assim, aqueles que sonhavam em ampliar o reino de Deus na terra, só foram capazes de ampliar seus próprios reinos.

E a conquista foi uma espécie de imposição cultural, que ocorreu através de atos militares que submetia os indígenas a se enquadrarem ao modo europeu de vida. Esse processo reduziu a existência humana e todas as riquezas culturais dos povos nativos da América Latina a apenas a percepção da razão e da ciência.

O territorial da América Latina foi violentamente atingido pelo o excesso de violência de uma gente dita civilizada. O espírito latino-americano manteve-se intacto durante todos os processos de explorações. Tendo em vista que a peculiaridade do ser latino-americano é não abandonar suas narrativas, sua relação com o meio em que vive, eles não abandonaram sua essência de ser, seus hábitos e costumes. É sobre como demonstramos à História as reivindicações latino-americanas, de retornar aos ancestrais, como se vive na América Latina num modelo que nunca se ajustou plenamente aos moldes europeus, que compartilhar de

³ Carta aberta redigida pelos movimentos indígenas dos Andes, através do Movimento *indígena de Kollasuyo, Aymara e Movimiento Indio Tupac Katari, keshwa. Ano de 1985.*

estruturas econômicas e política no solo, mas na realidade ainda o que garante a nossa existência é a resistência por não sermos europeus, mas latino-americanos.

5.4 O último olhar

Os professores de filosofia que se propõe trabalhar com Filosofia latino-americana precisam lidar com uma dupla problemática: no princípio pensar as questões que fazem parte do cotidiano do continente, mas também pontuar as atrocidades europeias sobre nós. Os colonizadores impuseram sua cultura “civilizada” sobre as aldeias, originalmente proprietárias das terras que aqui existiam, mas a golpe de espadas aniquilaram homens e mulheres, a golpe de machado destruíram a vista atlântica, que foi desvirginada pela vulgaridade capitalista-exploradora. Na visita ao Museu de Arte indígena os educandos e as educandas foram tocadas(os) por uma realidade que foi apartada do cotidiano dos indivíduos urbanizados, esse fato reproduz mazelas de uma prática colonizadora que se repete por política pública que não tem a menor preocupação com a construção da memória cultural coletiva.

A filosofia da libertação na América Latina precisa ser um movimento amplo, uma aliança estratégica do pensamento crítico, que se define em função prática, em vista da libertação das nossas nações e classes oprimidas. Esta filosofia não se define por uma opção teórica, mas prática-política que permite uma diversidade teórico-filosófica, a partir de uma unidade prática. A filosofia da libertação deve saber pensar os temas conjunturais essenciais definidos desde o processo estratégico de onde assume sua fisionomia. A visão sobre a América Latina numa perspectiva ético-política apresentada por Enrique Dussel, por exemplo, expõe como estratégia a superação do etnocentrismo, abrindo diálogo com a diversidade que compõem uma reconfiguração cultural da região, com isso se propõe um pensar a partir dos direitos humanos para além da concepção nortecentrada, construindo um movimento libertador que promova a universalização dos direitos humanos a partir da conquista das particularidades de cada cultura.

O desafio é curvar o filosofar do velho mundo ao espírito latino, em que o heroísmo não será cravado por caravelas, espadas e/ou balas. A esquizofrenia colonizadora não nos serve mais, precisamos trilhar a rota dos pré-colonizados, resgatar o elo perdido no deslumbre de uma falsa civilização, que nunca chegou. Ao custo da própria existência reavivar o espírito de uma América Latina que pulsa, e que impulsiva insiste em sonhar no amanhã, que tem cheiro de folha verde e semente, que foi adormecida, mas que precisa fazer brotar velhos sonhos, à

torna-se frutífera ao sabor e cheiro de uma floresta que nunca morreu, mas agora ousa em despertar dentro daqueles que permitem ser terreno fértil para uma nova era tropical. Que não faltarão sonhos, não faltará adubo para germinar uma pedagogia de aldeia, mais solitária, mais viva, mais real, mais gente da gente.

Capítulo 6: O desabrigar que produz povo pensante

No princípio era o desabrigar e à deriva; vieram o entusiasmo e o desejo de engatilhar uma cena de pensar filosófico-poético; e agora, reina a serenidade daqueles que se permitiram desinquietar. Talvez tudo passe, e com certeza passará, por isso, que fazer é acreditar em mundos possíveis. Na primeira aula, do ano letivo de 2020, quatro meses depois, volto à sala da aplicação da proposta acima descrita. Da cadeira, lá do fundo, o tal do Jequitiba aparentemente com um olhar sereno, cheio de desejo, que deve acreditar que coisas boas irão acontecer.

E em voz alta, quase gritando, diz:

– Professor, esse ano vai ter filosofia com poesia?

Naquele momento, eu saí de dentro de mim mesmo. São nesses momentos que ser professor parece estranho, a gente não consegue entender, nem muito menos explicar, mas a gente aprende a viver a lição educar, que é ensinar e aprender. A sala de aula é um espaço de conquista que ocorre por uma sedução através do saber, que se constrói a partir das relações entre professor e educandas(os), e tudo mais que compõe o espaço escolar. E a minha resposta foi simples.

– Claro, sempre haverá filosofia e poesia, e outras coisas mais que ajude a falar da gente, que permitam dizer quem somos. Todos os lugares podem ser apropriados para pensar a filosofia e/ou fazer poesia, mas a escola é um lugar que estar à deriva da história de cada sujeito que ocupa aquele lugar. Nesse sentido, a narrativa filosófica acontece a partir do descontrole que ocorre dentro daquela estrutura. As histórias vividas e narradas, aqui nesse trabalho, são histórias de ideias, em versos que se transformou vidas e vidas que viraram poemas, que o papel se transformou em porto seguro de vidas e de sonhos. No entanto, esses versos levaram-nos a um porto seguro que não é seguro. Esse mesmo ponto que estabiliza a vida, a escrita em sala de aula, é o mesmo ponto que nos tira da zona de conforto, que serve de base para compreender uma prática de ensino de filosofia, será o mesmo ponto de desequilíbrio para racionalizar o pensar filosófico. Dito isso, compreendemos que a experiência aqui exposta é o ponto de partida para a construção de um pensamento racional, e que o conhecimento

racional não terá como fundamento a própria racionalidade, mas terá como base a expressão humana de cada sujeito.

O entusiasmo em expor a experiência prática no pátio e na sala de palestra e transcreve-la foi a chance de revelar o manifesto incorporado pelas diversas expressões humanas dos educandos e educandas, carregado de sentidos e significados. Entretanto, essa experiência, apesar da sua beleza, não será o suficiente para evidenciar a racionalidade lógica filosófica, cabe a partir de agora não mais descrever a experiência vivida, mas a abordar os fundamentos teóricos que carregarão o conceito filosófico capaz de abarcar os diversos significados contidos naquilo que foi expresso e será dito de agora para a frente.

Lançadas as bases para o pensar filosófico da libertação a partir da poesia; considerando o espaço geográfico como lugar de manifestação do ser onde podemos entender que a filosofia se evidencia na liberdade de ser; poder dizer e conseguir fazer. Sendo que a capacidade criadora foi despertada no instante em que o sujeito se encontra à deriva, em cadeiras e carteiras, em frente a giz e quadro verde, que não carregavam sentidos em si mesmo, mas despertava desejo de significados. Talvez seja por que as coisas não precisem de sentido, mas nós precisamos. Tal qual, redes amarradas não pegam peixes, se não for lançada ao mar, como também, barco atracado não navega, é necessário se lançar ao alto mar, em busca de águas profundas; lá estará o tesouro, na coragem de correr riscos. Fazer filosofia é estar à deriva.

Essa cena tem como pano de fundo a superação de uma educação do controle, seguida por uma epistemologia que segue o mesmo entendimento, que o tempo todo cria e reproduz ilusões, imagens distorcidas da realidade, sobre o nosso mundo e sobre o mundo do Outro. Caímos no relativismo exacerbado ou dogmatismo autoritário, professores e educandas(os). A proposta aplicada em sala de aula era a de perder o controle, era criar o caos e desajustar as regras, já que tudo estava perdido. Nos colocamos uma condição de marinheiros sem bússola e marinheiros sem bússola devem olhar para o céu ou olhar para trás, levando em consideração os caminhos já trilhados

Durante o processo de criação em sala de aula ficava fácil perceber as amarras que impediam a nossa criatividade de pensar. Foi necessário um naufrágio, um se permitir pensar errado, para poder chegar ao original. Se permitir ser nós mesmo para que chegássemos a algo mais original possível. Era fundamental permitir que a beleza de cada um estivesse presente. Era necessário se permitir o refazer, até que as letras se transformem em palavras, e essas palavras se transformem em sua história e em canções que fizessem sentido para nós mesmos. Diante do caos à confiança. Assim como eu, assim como eles e elas, e assim como a educação, existia uma crença dogmática que estava tudo bem, e era nessa crença que a gente se acostumou

a se segurar. O problema é que não estava tudo bem, não está tudo bem. E o não estar bem deve-se ao fato de estar estranho, por causa da frase dita por muitas(os) delas e deles, “estudar é chato”, e estudar filosofia, “é mais chato ainda”. A escola é um ambiente em que a vida acontece, mas é uma vida com muitas expressões, mas com pouco sentido. Mas, por que continua a existir? Porque a vida precisa continuar, e se na escola não está bem, então, imagine em casa, no trabalho, na rua, na política, não anda nada fácil.

O caminho para superação foi fazer poesia, recitar verso em pleno caos, a maior experiência foi estética, onde se perdeu o controle, pois a beleza não se controla. O exercício de desabrir as falsas estruturas humanas colocou os indivíduos numa condição de sujeito pensante, pois onde era o sustentáculo a existência foi ruída. Estamos desabrigados das estruturas tradicionais do ambiente escolar, estamos à deriva dos novos sonhos. E foi desse se jogar ao mundo que ficamos à deriva para pensarmos livremente, para fazermos qualquer exercício filosófico. Estamos à deriva, logo existimos, por isso, pensamos!

PARTE II: A FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO E O ENSINO DA FILOSOFIA LATINO-AMERICANA

A imposição “criativa” e maldosa da narrativa sobre o falso “descobrimento” aprisionou os povos originários e as gerações pós “descobrimento” a condição de refém da direção apontada pelos colonizadores, que resultou num acobertamento sobre a história real da opressão dos europeus na América Latina e ocultou as vivências dos povos originários. A falsa narrativa, em partes, ofuscou os esforços para revelar as reais atrocidades provocadas pelos colonizadores. Consideramos a narrativa do “descobrimento” como sendo primordial para entender os engendramentos da nossa história e, por isso, resgatamos esse fator como sendo influenciador na formação do pensar latino-americano a partir do impacto do “achamento” na construção de uma mentalidade do ser latino-americano. Outro entendimento decorre da análise do conceito de descobrimento e seus impactos sobre o nosso paradigma de ser latino-americano. Para isso, utilizamos a abordagem numa perspectiva filosófica de Gerd Bornheim, que reconfigura o entendimento das categorias espaço e tempo, seguido da argumentação de Enrique Dussel o qual faz um enfrentamento a narrativa do “descobrimento” contrapondo com a ideia de invenção.

Apesar da dificuldade linguística para superar a construção impositiva da narrativa europeia, que tem requintes de ficção e astúcias de maldades, utilizamos de metáforas para tentar entender os fatos reais que se abatem sobre o mundo real, que impacta a nossa terra e na vida da nossa gente. Desde a época da invasão europeia até os tempos atuais, carregamos a urgência em repensar a nossa história. Diante disso, utilizamos elementos da nossa vida social como estratégia para pensar sobre o nosso ser latino-americano.

A proposta é pensar a partir da narrativa comum que reflete o cotidiano das pessoas, e a partir disso identificar os efeitos do processo de colonização, e com isso, encontrar uma estratégia para repensar a nossa história, numa perspectiva de uma filosofia latino-americana, que chamamos de filosofia da práxis libertadora, tendo como rumo final a percepção da educação como uma porta de entrada para refazer a nossa história.

Capítulo 1: A descolonização do pensamento latino-americano

As circunstâncias da América Latina exigem de todos um reposicionamento sobre a forma de pensar e agir frente às narrativas de opressão que abatem sobre a nossa gente e sobre a nossa terra, no passado e no presente, em que a cada notícia jornalística de violência continua estampando a manchete da opressão colonial. A luta não é apenas contra os europeus, mas pela superação do capitão do mato que carregamos e expressamos em comportamentos através de gestos de opressão. Em todos os cantos deste continente clama-se por dignidade, exige-se de todos uma nova postura, dos populares ao erudito, um novo olhar, uma nova atitude e um compadecer-se com o Outro. Tomemos o exemplo das favelas do Rio de Janeiro, pois lá do morro vem a voz, “*nada contra ti. Não me leve a mal. Quem descobriu o Brasil. Não foi Cabral*” (MC CAROL. Não foi Cabral, 2016). A batida do funk carioca se impõe ao imaginário lunático pseudo intelectual do morador de Copacabana, que construiu uma narrativa inverídica, e que agora a favela toca freneticamente em um novo ritmo, com um som que vem lá de cima, do alto do morro. É o eco de verdade sobre a planície que sufocou e abafou o som das docas de onde desembarcaram a pele negra e das ocas que guardavam o som da floresta. E, em nome de uma sinfonia surda a vida parecia tranquila, porque a cantiga agradava aos ouvidos daqueles que escutavam apenas seus próprios sons, e com isso, ocultaram as notas da canção que embalava a vida daqueles que também são gente, que tem história, que tem vida e sabem lutar. O funk carioca é o grave da canção que ficou escondido na garganta amordaçada daqueles que não podiam cantar a verdade, porque a verdade é um som insuportável, é uma escala diatônica, que está acima da tônica daqueles que nem sabem dançar. A vida foi destroçada e cabe aos sobreviventes traçar uma nova narrativa, em que a realidade se impõe ao conceito, numa recomposição de existência mosaica dos cacos existentes, no entanto, não se ressignifica o conceito se não mudar o ritmo da música. O funk é apenas um exemplo das tantas coisas que recompõe a construção de uma memória latente dos povos que constitui a vida daqueles que moram no morro, que vivem na viela, que atravessam o beco, que habitam o quarto dos fundos, que compartilham a vida na tribo, que lutam no colombo e tantos Outros que foram colocados na periferia da história. O ser latino-americano encontra-se, nas partes da nossa existência, que se revela através de uma América Latina que aparece na atitude da luz do dia, e não se esconde, se impõe. A história agora será ao som da batida de funk sobre a sombra de buritis, de um Brasil mais colorido, de uma gente que não permite mais ficar de fora da canção. Nas profundezas do nosso continente é possível avistar os pés de buritis, como símbolo de uma nova narrativa, que é tocada em Outro ritmo. Na pisada da dança dos indígenas e na batida do

funk, ecoa da Costa atlântica a Amazônia continental um som transformador, que parte das margens da vida ao interior da terra até atingir ao céu, dessa gente que nunca se aquietou. Utilizamos como símbolo de resistência negra a batida do funk carioca e as tranças de palhas de buriti, símbolos distantes e tão perto ao mesmo tempo, que funciona como expressão da reafirmação da diversidade cultural que resiste às imposições da branquitude europeia.

De volta ao funk carioca, ao som do pedido respeitoso da Mc Carol ao professor, cabe permitir uma intervenção que vem da rua, para repensarmos as narrativas na academia e nas práticas docentes da escola, a qual exige das aulas de filosofia uma nova roupagem, que incorpore a alma esquecida, que será trajada a partir de uma nova veste através da recomposição dos conceitos, reformulação fundamental depois de uma saga de dominação e manipulação. É chegada a hora do morro descer. E descer do morro é reformular a vida, rever os conceitos, como faz Gerd Bornheim, ao tratar sobre a ideia de descobrimento, o filósofo entende que “os efeitos dos descobrimentos não passam de um momento inserido em um sentido bem mais amplo do que a simples aventura náutica, e o que importa está no desvendamento das muitas dimensões que esse sentido pode assumir” (BORNHEIM, 1998, p. 24). Ao discutir a concepção de descobrimento, precisamos pensar o conceito a partir de uma perspectiva ampla que corresponda ao entendimento dentro de uma universalidade, a qual a abordagem não perca sua singularidade.

O ponto de partida para pensar a compreensão da ideia de descobrimento, em Gerd Bornheim, é oportuno analisar a partir de um processo que se criou a necessidade da formulação do conceito. A análise produzida por Gerd Bornheim tem como perspectiva compreender a ideia de descobrimento a partir dos resultados produzidos do falso “descobrimento”. Para Bornheim, a compreensão da ideia de descobrimento dos europeus sobre a América Latina se dará por dois vieses, marcados em duas categorias: espaço e tempo. Tal contexto se arma em decorrência da necessidade de repensar o mundo a partir de um modo totalmente novo que não corresponda ao estatuto existente.

Ao que se refere ao espaço: “o pensamento da finitude quer significar tão-somente a demarcação de um novo terreno, a medrança de um solo Outro que não estipulados pelo escolasticismo tradicional” (BORNHEIM, 1998, p.24). No evento “descobrimento”, a categoria espaço é a demarcação da negação da existência do Outro, que se utiliza mecanismos comparativos culturais, que fomenta a intensidade de ser completamente novo em relação a existência do demais. Será na demarcação da ocupação do espaço onde se mostrará a grandeza daquilo que se quer ser, enquanto ao se deparar diante do Outro caberá a negação, ao ponto que o desejo será da aniquilação, se não for possível a submissão máxima sobre o descobridor. A

má intencionalidade dos navegadores era transformar aquele instante, chamado de “descobrimento”, numa espécie de catarse que pudesse servir de ponto de partida às variadas narrativas a serem construídas naquele momento e para o futuro.

A outra categoria que demarca o impacto do “descobrimento” é a reformulação da abordagem temporal, nesse sentido o espaço é reinventado dentro do tempo, considerando o processo de “descobrimento” como uma conquista espacial, que o espaço conduz realmente, efetivamente, ao Outro, que precisa ser controlado, pois considera-se “dois níveis de história: a dos homens, mas também a história da própria natureza, e estas duas histórias não poderiam ser separadas da categoria tempo visto que tudo é processo” (BORNHEIM, 1998, p. 28-29).

Ao tratar sobre as duas categorias: espaço e tempo, na elaboração do conceito de descobrimento Gerd Bornheim apresenta a seguinte abordagem:

É pelos conceitos do espaço e tempo, pelo inusitado das experiências que sabem suscitar, que principiam a constituir-se os horizontes mais extremos não somente das transformações por que passam a verificar-se as vivências do universal, como também o problema do próprio sentido que o tema possa mostrar (BORNHEIM, 1998, p. 27-28).

A narrativa sobre o processo de exploração da América Latina sobre a égide do colonizador certamente é uma história de sucesso, como afirma Sergio Buarque de Holanda, “se todas as coisas ali surgiam magnificadas para quem as viu com os olhos da cara, apalpou com as mãos, calcou com os pés, não seria estranhável que elas se tornassem ainda mais portentosas para os que sem maior trabalho e só com o ouvir e o sonhar se tinham por satisfeitos” (HOLANDA, 1969, p.4-5). O retorno das navegações repercutiu na Europa como uma descoberta de um paraíso, tal feita, certamente não se bastaria numa visita de cortesia que se contentaria apenas em contemplar a beleza e guardarem na memória uma linda história de conto de fadas para seus compatriotas, e ficaria por isso mesmo, ainda mais quando se trata de uma comunidade dominadora, como a europeia.

Num perspectiva para além do conceitual, segundo Aimé Cesaire, o descobrimento foi um processo de opressão que fundou-se na autoprocamação da cultura europeia em ser a portadora de um modelo civilizatório, cujo “o grande responsável é o pedantismo cristão, por ter enunciado equações desonestas: cristianismo = civilização; paganismo = selvajaria, de que só se podiam deduzir abomináveis consequências colonialistas e racistas, cujas vítimas haviam de ser os índios, os Amarelos, os Negros” (CESAIRE, 1978, p. 15). Essa concepção etnocêntrica de civilidade coloca a humanidade em decadência, pois o discurso de portador da salvação (ou civilidade) não foi capaz de transformar a vida de ninguém, apenas a deles

mesmos, e até certo ponto questionável. Mesmo porque “o bem-estar e o progresso da Europa foram construídos com o suor e os cadáveres dos negros, dos árabes, dos índios e dos amarelos” (FANON, 1961, p.94). Esses são fatos inquestionáveis, até mesmo reconhecido pela comunidade global, no entanto as ditas “civilizações” exploradoras pouco ou nada fizeram para reparar os danos causados aos povos originários, entretanto, essa deve ser uma preocupação daqueles que foram saqueados desde o encontro colonial, essa deve ser uma pauta da comunidade que sofreu a violência do processo de colonização, para que se possa restabelecer autonomia enquanto povo emancipado.

Gerd Bornheim, com a obra, “*O conceito de descobrimento*”, e Enrique Dussel com a obra “*O encobrimento do Outro*”, conectam-se em seus pensamentos sobre a concepção filosófica de descobrimento e seus impactos na América Latina. Ambos destacam a partir das diferentes formulações, como os europeus pretendem emplacar uma nova era, chamada modernidade, tendo como ápice do evento das grandes navegações, a narrativa de um fato extraordinário utilizada para emplacar um feito marcante na história universal. Por essa razão, a narrativa do “descobrimento” carrega contornos inéditos, nem que para isso seja necessário ressignificar elementos já existentes.

Nessa perspectiva de leitura sobre a modernidade realça-se que não se negará “a razão, mas a irracionalidade da violência do mito moderno, não será negado a razão, mas irracionalidade pós-moderna, afirmamos que a “razão do Outro” rumo a uma mundialidade transmoderna” (DUSSEL, 1993, p. 24). Ambos os filósofos argumentam sobre a intencionalidade em justificar as ações dos colonizadores, de maneira óbvia demonstram a mentalidade existente em relação ao Outro, que não faz parte do seu mundo “civilizado”. Com isso, buscou-se elementos externos, “a selvageria”, os quais eram inexistentes aos nativos para justificar elementos internos do comportamento dos exploradores. O desejo de dominação e exploração justificava a necessidade de agir de maneira selvagem, isto é, se fez aquilo que não deseja que o Outro fizesse, chamando os nativos de selvagens, no entanto, quem agiu com selvageria foram os próprios europeus.

O pensador latino-americano, Enrique Dussel apresenta uma série de conferências intitulada “*O encobrimento do Outro*”, uma análise sobre o impacto da ideia do falso “descobrimento” dos europeus na América Latina. Na obra discute o mito da modernidade a partir da negação dos povos originários da América Latina, como pretexto para negar a relevância da formação cultural dos povos originários. A partir da sombra da colonização é necessário cair em si, que seus efeitos devem nos fazer pensar, sobre o impacto da opressão colonizadora que carregamos na construção das nossas relações.

Segundo Enrique Dussel, a tragédia do processo de colonização e dominação dos europeus na América Latina consiste numa invasão no continente desconhecido, em que o processo de apropriação se consolidava a partir do “encobrimento do Outro”, que consistia em práticas violentas, desde os maus tratos na obrigação de execução de tarefas, exploração do território, bem como a contaminação por doenças trazidas pelo contato do homem branco europeu. Desde a chegada dos europeus na América Latina, a aproximação se deu enquanto tentativa de desqualificar e deslegitimar a existência dos povos nativos, que aqui viviam, consideravam o continente "habitado por humanos muito primitivos e nus" (DUSSEL, 1993, p.34). No entendimento de Dussel, os europeus "encobertaram" as nações indígenas e as nações indígenas descobriram os representantes das nações europeias. Em razão disso, fora construída uma falta de liberdade, “a periferia da Europa serve assim de "espaço livre" para que os pobres, fruto do capitalismo, possam se tornar proprietários capitalistas nas colônias" (DUSSEL, 1993, p. 21). Assim, a descolonização do pensar passa pela tese defendida por Enrique Dussel, que considera que o descobrimento tem como pano de fundo a formulação de uma ética eurocêntrica, baseada numa concepção excludente, que tem como princípio a negação do Outro, mas que legitima o processo de violência e dominação. A partir da própria análise de Enrique Dussel, “a experiência não só do 'descobrimento', mas especialmente da 'conquista' será essencial na constituição do 'ego' moderno, mas não só como subjetividade 'centro' e 'fim' da história" (DUSSEL, 1993, p. 23). A invenção da América Latina aos modos europeus aparece como uma possibilidade em atualizar a forma do devir humano. É demonstrada como uma narrativa histórica que faz da América Latina uma invenção à imagem e semelhança da Europa. O índio não foi descoberto como Outro, mas como o 'si-mesmo' já conhecido (o asiático) e só re-conhecido (negado então como Outro), por fim, "em-coberto" (DUSSEL, 1993, p.32).

A chave de compreensão do processo de colonização "não é o 'aparecimento do Outro', mas a 'projeção do si-mesmo': encobrimento" (DUSSEL, 1993, p.35). Esse entendimento dos europeus sobre a América Latina é uma estratégia que justificava o plano de dominação do Outro, tal questão pode ser pensada pelos pensadores latino-americanos, mas não aparece no discurso filosófico dos europeus ou em discussões relativas ao processo de chegada dos europeus na América Latina. Essa é uma reflexão que traz consequências relevantes para o pensar latino-americano. A exaltação de si mesmo configura a busca de legitimidade das ações executadas pelos colonizadores, que quando agem e falam em seu nome estão construindo uma identidade própria que busca a todo custo se distanciar dos chamados “bárbaros” e com isso construir a partir dessa maquiagem um “homem civilizado”, como afirma Dussel:

O ego moderno desapareceu em sua confrontação com o não-ego; os habitantes das novas terras descobertas não apareceram como Outros, mas como o Si-mesmo a ser conquistado, colonizado, modernizado, civilizado, como 'matéria' do ego moderno. E foi assim que os europeus (particularmente os ingleses) se transformaram como dizia antes, nos 'missionários da civilização em todo mundo', especialmente com 'os povos bárbaros' (DUSSEL, 1993, p. 35)

Em vez de “descobrimento”, Enrique Dussel sugere reconhecer a legitimidade histórica dos habitantes primários, com isso, refazer a leitura das narrativas na perspectiva do colonizado. Analisar os fatos a partir da percepção de uma invasão, em vez de conquista será uma estratégia para reformular a recomposição da memória dos povos que formam a pluralidade cultural latino-americana. A partir de uma percepção mais realista da narrativa histórica, houve resistência por parte dos nativos, onde dizimou-se inúmeros nativos. No entanto, a descrição dos fatos é silenciada a partir da ocultação dos elementos que compõe o espaço simbólico de vivência na atualidade. Esse silêncio sobre a resistência é mais uma forma de não conceder ao Outro sua personalidade, sua dignidade, admitir seu saber bélico, sua capacidade de organizar e efetuar uma resistência.

A filosofia latino-americana propõe um realocamento do significado de “descobrimento”. É preciso pensá-lo a partir de uma comunidade que constitui um agrupamento de indivíduos regionalizados e que convivem com a força da opressão e da dominação. O Outro deve ser respeitado enquanto Outro, e não apenas quando ele é irredutível ao exercício do dominador. A filosofia apresenta-se como guia a repensar o sujeito latino-americano na atualidade, a superar a concepção colonizadora, "a filosofia moderna europeia, mesmo antes do *ego cogito*, mas certamente a partir dele, situa todos os homens, todas as culturas, e com isso suas mulheres e filhos, dentro de suas próprias fronteiras como úteis manipuláveis, instrumentos” (DUSSEL, 1977, p.21). As filosofias latino-americanas devem trilhar os seus próprios caminhos, sendo possível ser ao lado das construções europeias, no entanto, jamais seguindo a trilha dos colonizados, a tal ponto de tornar-se submissa das pegadas que levarão ao precipício. O caminhar filosófico latino-americano é uma busca própria que levará ao coração de uma América Latina livre e pensante.

Ao aportar no continente latino-americano é necessário entender que não se trata de descobrir o que não precisa ser descoberto, mas de reconfigurar o localizar, de entender que a geografia não é a mesma das ruínas europeias, que é necessário atualizar o fuso horário. Se trata de uma auto permissão para deixar-se guiar por um som que tem outro ritmo, em que se trata de ouvir o som que vem do morro, de sentir a sombra dos buritis que oferece suas palhas e seus frutos. Se trata de avançar a outras formas de construção social, pautada na solidariedade

e o respeito ao próximo, é um religar-se ao demais povos e a natureza. Talvez, para entender a América Latina os europeus precisem descansar debaixo de um pé de buriti ao som de um funk carioca, não para narrar a nossa história, mas para que possam perceber a bases da marginalização e da barbárie.

Capítulo 2: Trançando as ideias: as curvas do pensar latino-americano

Os Mehinakos são povos originários do alto Xingu, do tronco linguístico Aruaki, que vivem no estado do Mato Grosso, que em uma de suas práticas artesanais produzem à mão um tipo de cesto, chamado de Cesto de Kuño, conforme o ajuste do trançado da fibra de buriti forma uma trama de fios. Considerado o principal utensílio produzido na aldeia, é utilizado entre os Mehinakos para a pesca (cf. GREGOR, T, 2002). Essa mesma experiência de trançar a palha de buriti se repete em outros povos indígenas do Brasil, como por exemplo nos povos Matipu-Nahukwá, “o cesto gameliforme era trançado com folhas de palmeira, buriti, decorado com grafismo espinha de peixe na parte externa (usado para guardar cuias)” (PACHECO, 2015, p. 32). A composição do cesto de buriti é tranças com mão firmes e delicadas, em que o cesto cargueiro se une com varetas de bambu tingidas de preto, “amarradas com fios de fibra vegetal e a alça de embira usada para prender na cabeça, esteira trançada de folha de palmeira, as armas (os arcos e as flechas), os objetos de uso doméstico (cuia, cabaça e pá de virar beiju), a rede de dormir e a máscara de madeira eram característicos dos Matipu-Nahukwá” (PACHECO, 2015, p. 32).

Refletir sobre a descrição desse objeto é uma forma de redirecionar o nosso olhar sobre o nosso mundo, e é um reconectar-se com o Outro que está do nosso lado, que encontra-se próximo, é um voltar-se para uma realidade que compõe o nosso cenário cultural-existencial, a partir de elementos que compõem o funcionamento da vida diária dos povos indígenas, é uma forma de sensibilizar o nosso olhar às vivência dos povos que formam as tramas do cesto que constitui a América Latina. Por muito tempo e por muitas vezes estivemos de costas para pensar sobre nosso mundo e nossas origens, é hora de reconectar-se a nossa cultura, e com isso, compreender que não faz muito sentido pensarmos a construção de uma narrativa filosófica olhando para certos grupos que não querem fazer parte do nosso cesto.

Depois dessa reflexão, podemos indagar, o que significa pensar a filosofia a partir da América Latina? E aos filósofos, o que faz pensar na América Latina? Talvez, pensar a filosofia na América Latina é mirar o olhar sobre nossas peculiaridades, é problematizar nossa realidade a partir de circunstância reais, que atinge a vida daqueles que povoam esse continente. Para

isso, é necessário tramar as palhas secas do buriti, que compõe a nossa história, que representam as nossas lutas, derrotas e conquistas. A nossa história é uma narrativa entrelaçada de folhas secas de buriti, que forma um cesto capaz de colher o necessário para nossa subsistência, que faz seguir a nossa sina através da sobrevivência da/na nossa terra e das gerações futuras. Como enaltece a canção:

Num ponto equidistante entre o Atlântico e o Pacífico
Do objeto, sim, resplandecente descerá o índio
E as coisas que eu sei que ele dirá, fará, não sei dizer
Assim, de um modo explícito

E aquilo que nesse momento se revelará aos povos
Surpreenderá a todos, não por ser exótico
Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto
Quando terá sido o óbvio
(VELOSO, C, 1992.)

Nós, homens e mulheres latino-americanos(as) carregamos em nossa mente um espírito profético-apocalíptico sobre a nossa terra e sobre o nosso futuro, e não é porque queremos, mas resultado das vivências aligeiradas das degradações do meio que vivemos. Que aquilo que as vezes não sabemos dizer, em um dado momento será revelado, como diz a canção acima citada, ou até mesmo, como enuncia o samba de Wilson das Neves, “O dia em que o morro descer e não for carnaval”,

Não tem órgão oficial, nem governo, nem Liga
nem autoridade que compre essa briga
ninguém sabe a força desse pessoal
melhor é o Poder devolver à esse povo a alegria
senão todo mundo vai sambar no dia
em que o morro descer e não for carnaval.
(NEVES,W; PINHEIRO, 1997)

No entanto, essa mesma perspectiva de fim dos tempos, enseja um olhar de esperança e/ou salvação, de destruição e/ou redenção. Como belamente afirmou Kopenawa no texto “A queda do céu”: “a floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-las. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar de calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa” (KOPENAWA, 2015, p.6). Em sintonia com essa cosmovisão, Paulo Freire propõe uma pedagogia da esperança como um despertar, em que “a esperança de produzir o objeto é tão fundamental ao operário quanto indispensável é a esperança de refazer o mundo na luta dos oprimidos e das oprimidas. [...] a educação sozinha, porém não faz a transformação do mundo, mas esta a implica” (FREIRE, 1992, p. 32). Diante de tais entendimentos, não podemos pensar

numa terra livre se ainda há opressão, urge ampliar os sentidos, dessa circunstância, a partir das relações do ser humano com o Outro, com terra e com o sagrado.

Tendo em vista as citações acima, podemos observar que as narrativas históricas na América Latina não ocorreram de maneira linear ou até mesmo espiralada. A nossa história pode ser pensada como tranças que se cruzam para formar uma junção de casos que se compactuam, mesmo em suas diferenças, para formar um caule que suporte ao mesmo tempo: a herança dos nossos ancestrais, que foram guardiões da floresta; as contribuições dos povos europeus, mesmo que de maneira duvidosa sobre as reais intenções, que configura parte do nosso ser, como a língua, religião, elementos culturais, etc; a inserção dos diversos povos africanos, mesmo que de forma forçada e violenta, faz com que nossa expressão humana tenha suas particularidades; a presença dos povos orientais e árabes no continente, mesmo que em menor quantidade. Essa mistura humana provoca um nó forçado para amparar as narrativas momentâneas, que mesmo sendo pouco convincente se compreende como ficção e/ou realidade. E assim, segue a construção de um pensar filosófico latino-americano, na necessidade em formar lâminas de buriti que se ajustem ao pensar a partir de uma complexidade que revele a lógica da nossa racionalidade pensante.

Uma proposta de um pensar de aldeia, requer um rearranjo no olhar, no sentir e no agir, no qual os oprimidos devem perceber a necessidade de romper com a colonização. No entanto, fica um problema, é possível se tornar um sujeito descolonizado?

No primeiro capítulo desse trabalho foi possível pensar uma ressignificação da consciência do próprio sujeito a partir de uma formação descolonizadora. Nas atividades, foi possível perceber que no escrito desenvolvido em sala de aula as(os) estudantes conseguiram entender que pensar uma filosofia de aldeia é valorizar uma construção de um pensar identitário. No entanto, não foi possível identificar de maneira objetiva expressões que formam as características de pertencimento do agir na aldeia, as quais aparecem como expressões indiretas, daquilo que representa o modo de vida deles de fato.

A prática docente desenvolvida no primeiro capítulo tinha o propósito de pensar uma filosofia da América Latina em sala de aula, para além da identificação dos alunos com a proposta de trabalho, e em razão disso, as(os) estudantes se apropriaram da poesia como uma maneira particular para pensar através da filosofia o universo que compõe sua própria aldeia. Esse cenário demonstrou a existência da memória de um povo, que carrega em sua gênese a expressão máxima de um espírito, como se fosse semente cheia de esperança, que aos poucos vai ganhando seu próprio rumo. E aqueles sujeitos que pareciam ressignificar o passado, que

demonstravam pouca expressão sobre o que eles eram de fato, quando se tocam a pensar sobre si mesmo, sobre suas próprias vidas, conseguem tornar-se férteis de esperança.

A escola parece pouco fértil, vive um momento de desarticulação e a perda do desenraizamento do modo de ser e viver, em vez de produzir uma pedagogia viva, em ser um instrumento político de transformação social, ao contrário disso, presta um desserviço à sociedade, inviabilizando os sujeitos na sala de aula e também na sociedade, a tal ponto da sala de aula se tornar um lugar oculto e silencioso, mesmo que o silêncio seja calado com o barulho da agitação dos adolescentes. No contexto da sala de aula, buscou-se respeitar as diferenças sociais, políticas e culturais, plenas de significados e de, ao mesmo tempo, criar as condições para encontrar um terreno e uma linguagem que fossem férteis no processo de criar e pensar, possibilitando um exercício de troca para que pudesse se evidenciar a existência de cada sujeito.

Tanto quanto a oralidade, a escrita é um ato político, em que as palavras são a manifestação subversiva que intervém no mundo opressor. O movimento das palavras escritas pelas(os) alunas(os) foi a expressão da formulação de uma consciência, que se buscou superar o contraditório. Ao analisar os textos dos alunos, busquei captar o estado existencial e político do narrador, considerando sempre a condição social que vive aquele sujeito. Importante destacar, que nas narrativas, as(os) alunas(os) apresentavam uma narrativa que se conectava com suas memórias e histórias, embora individuais, mas afirmavam o uso de valores simbólicos que compartilhavam ou navegam sua realidade.

A sala de aula como espaço de uma narrativa social, que atravessa as diversas relações de poder, em que cada sujeito carrega elementos para produzir uma nova trama social, onde os indivíduos se revelam como detentores de uma narrativa a ser contada, a qual será forjada numa construção coletiva. Dessa forma, as(os) alunas(os) encontraram na atividade uma forma de ampliar e transformar a sua consciência e memória, das experiências vividas, no espaço coletivo. A proposta é romper com práticas educacionais que iludem os educadores que se entendem enquanto detentores das mentes humanas. No fundo, tais educadores são bem descritos na poesia de Paulo Leminski: “gente que mantém pássaros na gaiola tem bom coração. Os pássaros estão a salvo de qualquer salvação” (LEMINSKI, 2013, p. 17). No entanto, ficam algumas questões que ampliaremos a discussão nesse trabalho, qual é o milagre da América Latina manter-se com tanta vitalidade? O que seria um agir de Aldeia? O que torna um sujeito descolonizado? É possível ser um decolonial?

Capítulo 3: Trançando cestos: da consciência comum à consciência filosófica da práxis

A filosofia da práxis é um trançado de palhas que se coadunam para formar um todo, que por meio da resistência se torna capaz de suportar a opressão e o desprezo de organizações com intenções duvidosas. Há de considerado que a palha de buriti quando está unida, será resistente o suficiente para suportar a pressão de forças opressoras, que impede a ruptura do tecido, devido ter sido formada a partir da união de diferentes partes, a qual gerou um todo unificado.

A resistência é a garantia da manutenção de uma unidade identitária, em que a palha de buriti, quando trançada torna-se uma fortaleza capaz de suportar a violência da força bruta da irracionalidade daqueles que tencionam para promover a desarticulação. E, é a partir dessa perspectiva que a práxis libertadora se consolida como se fosse trançados de palhas de buriti, onde cada um deve ser capaz de produzir atos de libertação, garantindo as individualidades, mas que a libertação só se consolidará a partir da existência da liberdade coletiva, em sua totalidade. Enquanto isso, os trançados da racionalidade humana se ajustam diante dos repuxes das lutas diárias.

O termo práxis tem origem na Antiguidade grega, o qual era utilizado para designar a ideia de ação propriamente dita, a qual é chamada de filosofia prática, porém, na Modernidade, alterou-se a terminologia fixando-a enquanto “filosofia da prática”. Sendo assim, na Grécia Antiga a práxis era expressão de ação, tinha uma preocupação ética com a finalidade, com o bem e com as excelências do coletivo e pessoal (arete). Na língua portuguesa fazemos uso também da palavra “prática”, em um sentido simples do cotidiano, ambas as palavras podem ter o mesmo significado. No entanto, o emprego do termo “práxis”, considerando a utilização no grego antigo, atribuía-se o significado de ação, de levar algo a cabo, mas uma ação que tem seu fim em si mesmo, e que não cria ou produz um objeto alheio ao agente ou a sua atividade. Segundo Vázquez, “toda atividade propriamente humana, a atividade prática que se manifesta no trabalho humano, na criação artística ou na práxis revolucionária é uma atividade adequada a fins, cujo cumprimento exige – como mostramos – certa atividade cognoscitiva” (VÁZQUEZ, 2011, p.227). Sendo assim, na atividade prática, o sujeito age de maneira independentemente, conforme sua consciência, e das diferentes operações ou manipulações exigidas para sua transformação. Sobre o objeto da atividade prática é a natureza, como afirma Vázquez,

Objeto da atividade prática é a natureza, a sociedade ou os homens reais. O fim dessa atividade é a transformação do real, objetiva, do mundo natural ou social para satisfazer determinada necessidade humana. E o resultado é uma nova realidade, que subsiste independente do sujeito ou dos sujeitos concretos que a engendraram como sua atividade subjetiva, mas que, sem dúvida, só existe pelo homem e para o homem, como ser social (VÁZQUEZ, 2011, p.227).

No entanto nesse contexto, a práxis é entendida como aquilo que se conecta a um conjunto de ações que não se engendra nada fora de si mesmo, como se fosse um trançado de palha de buriti, que forma um cesto kuño. A práxis é uma ação em que o ato e o resultado da ação não se separam, como se as partes só ganhassem sentido ao estarem juntas. Assim, podemos perceber que a palavra remete à relação do sujeito com o objeto, do objeto através da sua função e do sujeito quanto ao exercício reflexivo, que levará a ação, nesse sentido, a produção e ação são atividades exclusivas do ser humano.

Ao diferenciar o conceito de práxis e poiésis, na Antiguidade grega, a palavra poiésis tinha o sentido de uma produção externa ao próprio homem, sendo assim, a poiésis é uma ação que gera algo para além de si mesma, que resulta num produto diferente que se diferencia do artesanão. No grego antigo o significado de poiésis refere-se, literalmente, a produção ou fabricação, isto é, ato de produzir ou fabricar algo. Nesse sentido, o trabalho do artesão é uma atividade poiética e não prática. Como define Enrique Dussel, “práxis significa operar (operare), obrar com e no Outro, ou Outros; poiésis significa fabricar, fazer (facere), produzir com ou em algo, trabalhar a natureza, relação pessoa-natureza (DUSSEL, 1986, p.18). Sendo assim, a poiética é um agir que proporciona estruturas capaz de encerrar a totalidade, com isso, oferece possibilidade para originar novos pontos a se caminhar. E, a práxis é o ato ou conjunto de atos em virtude dos quais o sujeito ativo (agente) modifica uma matéria prima dada.

Seguindo esse raciocínio, sobre a práxis libertadora, Adolfo Sánchez Vázquez, na obra a “Filosofia da práxis”, faz um verdadeiro tratado sobre as diferentes formas de entendimento da filosofia da libertação. Nesse momento, nos interessa pensar a filosofia da práxis a partir de uma perspectiva reflexiva-criadora, aquela que promove uma revolução de libertação, em que partimos de uma situação concreta, capaz de tragar a realidade a partir das coisas simples para chegarmos a uma filosofia da práxis com o propósito de uma construção racional dos conceitos.

Utilizando-se da narrativa inicial desse capítulo, a metáfora do cesto de palha de buriti, encontramos na alegoria a exposição sobre a internalização da relação do ser humano com o seu meio, capaz de despertar a compreensão de novos significados a partir das vivências coletivas, que intui o anseio pela busca de significado transformador. Isso pode ser pensado através da expressão singela de Vázquez, afirma que “com as mãos o homem aprendeu a vencer

a resistência das coisas, e com elas começou a dominá-las. Com as mãos, o homem começou a imprimir sua marca na natureza” (VÁZQUEZ, 2011, p. 287). Esse tipo de atividade criadora é a representação do próprio sujeito, em que ser humano, natureza e objeto se fundem para aparecer ao mundo. Por isso, “as mãos não só formam, vencendo a resistência das coisas, como também tocam, exploram e, desse modo, por seu contato com elas, as coisas adquirem um significado humano” (VÁZQUEZ, 2011, p. 287).

Seguindo a mesma lógica, na outra obra de Enrique Dussel, *Ética da libertação*, o filósofo define o sujeito da libertação, a partir da práxis, em que se realça ainda mais a importância do protagonismo do ser humano na construção de uma filosofia da libertação, centrada no sujeito da libertação. E, afirma que, “o sujeito da práxis da libertação é um sujeito vivo, necessitado, natural, e por isso cultural, em último termo a vítima, a comunidade das vítimas e os corresponsavelmente articulados a ela” (DUSSEL, 2018, p. 530). O pensador destaca a importância em reconhecer-se como vítima, inclusive do sistema empírico opressor, pois o sistema opressor sempre revela-se de maneira subjetiva, fechado em si mesmo (cf. DUSSEL, 2012, p. 530).

Para Enrique Dussel, a práxis indica a atualidade do sujeito no mundo, e a práxis da libertação põe em questão as estruturas hegemônicas do sistema político. E, é com a transformação institucional que se modifica parcial ou totalmente a estrutura das mediações no exercício delegado do poder (cf. DUSSEL, 2007, p. 115). Nessa abordagem sobre a práxis libertadora, temos o entendimento que o protagonismo do sujeito ocorre pela capacidade de ser um agente transformador das estruturas opressoras. Nas palavras do próprio filósofo, “todo sujeito ao transformar-se em ator, ainda mais quando é um movimento ou povo em ação é motor, a força, o poder que *faz história*. Quando é uma ‘atividade crítico-prática’ esta será denominada práxis da libertação” (DUSSEL, 2007, p. 116).

Percebemos que nessa abordagem não se tem a intenção de compreender o conceito de maneira superficial, mas através de um olhar práxis libertador, como na metáfora utilizada no início do capítulo, quando percebemos que os indígenas Mehinakos produziram seus cestos, é necessário entender que aquela relação é a exposição de uma relação profunda do ser humano com seu meio, que aquele objeto não é apenas um adereço, mas um instrumento propositivo que garantirá a vivência coletiva através de uma catalização de significados, que se consolidará em sua utilidade, o qual tem a função prática de ser um meio para manter a sobrevivência daqueles sujeitos, mas também em carregar significados e existências. E, é nesse tipo de relação simbólica, que Vázquez entende que, “o homem ‘prático’ cuja imagem tem diante de si a consciência comum, vive em um mundo de necessidades, objetos e atos ‘práticos’ que se impõe

por si mesmo como algo perfeitamente natural” (VÁZQUEZ, 2011, p. 37). Por isso, a perspectiva da filosofia da práxis é pensar que “a atividade prática que implica não só a sujeição do seu lado material a seu lado ideal, como também na modificação do ideal em fase das exigências do próprio real” (VÁZQUEZ, 2011, p. 266).

Na filosofia da libertação entende-se que a práxis não é algo secundário, mas a guia que irá orientar a transformação daquele que nunca teve oportunidade de ser um agente de transformação. Em razão disso, “a prática exige uma constante passagem de um plano ao Outro, o que só pode ser assegurado se a consciência se mostrar ativa ao longo de todo o processo prático” (VÁZQUEZ, 2011, p. 266). A filosofia da práxis precisa de avaliação constantemente, no que tange ao processo de libertação, sobre as questões revisitadas, e de maneira mais detalhada para que possa ampliar as possibilidades de discussão e ação.

A Filosofia da práxis, definida por Enrique Dussel como “um saber teórico articulado à práxis da libertação dos oprimidos” (DUSSEL: 1977, p. 247), foi pautando-se enquanto crítica da opressão a partir da tomada de consciência individual e coletiva, enquanto consciência própria da realidade do próprio continente, que irrompe em um modo de filosofar latino-americano, desde América Latina. Numa poesia da práxis de Mario Chamie, com o título “O tolo e o Sábio”, é demonstrada uma relação de dominação, a qual precisa ser rompida, se demonstra na vida real, em que as técnicas de opressão se repetem de diferentes modos, tal como veremos a seguir:

O sábio que há em você
não sabe o que sabe
o tolo que não se vê.

Sabe que não se vê
o tolo que não sabe
o que há de sábio em você.

Mas do tolo que há em você
não sabe o sábio que você vê.
(CHAMIE, 1998, p.143).

O poema acima apresenta a figura do sábio e do tolo, analisado numa perspectiva da práxis libertadora, é necessário um reposicionamento dos conceitos. Na lógica opressora do colonizador, o princípio básico é negação do Outro, então, negar a sabedoria do colonizado é a estratégia para manter o colonizador como autoridade, como superior aos demais. Por isso, o colonizador exalta a sua própria sabedoria. No entanto, o sentido de sábio do colonizado é diferente do sentido de sábio do colonizador, o qual tem como base a afirmação da existência do Outro. A sabedoria é a afirmação da alteridade de uma comunidade que formou um saber

efetivo a partir das vivências e tradições; a sabedoria é uma herança que se reafirma nos sentidos atribuídos pela comunidade, é um saber com o Outro. Em razão disso, é necessário entender que a sabedoria do colonizado, não precisa ser a sabedoria do colonizador, tendo em vista que a sabedoria do colonizar é a esperteza de oprimir. Nesse caso, não cabe ao colonizado ter a mesma sabedoria do colonizador, caso isso venha acontecer, seria como carregar em si mesmo o germe de uma opressão, o qual colocaria o colonizado na condição de um potencial opressor, aquele que iria contra si mesmo e/ou contra seu próprio povo.

O exercício de uma práxis reflexiva se vincula a práxis consciente, esse é o conceito de sabedoria do colonizado apontando para uma práxis revolucionária, capaz de transformar a consciência dos sujeitos, mas também, a própria realidade. Não existe práxis libertadora efetiva onde tem exclusão, onde tem opressão. As determinações teóricas ganham significados efetivos na práxis revolucionária, no agir transformador, ao contrário disso carece de sentidos.

Na construção do pensar tradicional, a percepção da realidade do excluído passa despercebido, no entanto, numa filosofia da práxis, num contexto do pensar latino-americano, é fundamental trazer para o centro das discussões aqueles que estão à margem, aqueles que não foram contemplados pelo pensar do colonizador. Tal como referencia Enrique Dussel, de que “a práxis de libertação não é solipsista, efetuada por um sujeito único e genial: o líder (que deve ser distinto da liderança obediencial). É sempre um ato intersubjetivo, coletivo, de consenso recíproco (que não nega a liderança, como indicamos, mas que deixa para trás o vanguardismo)” (DUSSEL, 2007, p. 118).

A filosofia da práxis da libertação é a superação da negação da existência da sabedoria presente no interior do colonizado. É um exercício de reconhecimento que o colonizado é possuidor de um conhecimento que não corresponde aos princípios éticos do colonizador. É necessário evidenciar que a sabedoria que existe dentro do colonizador é sempre opressora, a qual o colonizado não precisa se apropriar da mesma forma, como instrumento de manipulação, para que não corra o risco de tornar-se um opressor também. O filósofo Enrique Dussel realça ainda, que a práxis libertadora, “é uma ação de ‘retaguarda’ do próprio povo, que educa os movimentos sociais em sua autonomia democrática, em sua evolução política, em ser atores mutuamente responsáveis por seus destinos” (DUSSEL, 2007, p. 118).

No entanto, há um ponto de inflexão que precisa ser problematizado o tempo todo, no processo da construção de uma práxis libertadora: o que estamos fazendo para pensar uma práxis libertadora a partir da nossa realidade local, em especial a comunidade escolar e demais personagens envolvidos no processo educacional? Precisamos pensar uma práxis a partir do local onde estamos, mais uma práxis para o local onde vivemos e agimos. Diante disso, a

percepção das práticas da comunidade nativa, que se encorpa através do reconhecimento do discurso do bairro ou da comunidade, como forma de reorganizar a vida e a sobrevivência, a qual torna-se possível por meio da subversão das práticas impositivas, surgindo uma nova ordem funcional de representar o saber construído pelos grupos locais.

Em nossa comunidade local, torna-se necessário a auto identificação como sujeito a margem da construção social, mas que reconhece a necessidade em tornar-se um agente de transformação. Como alerta Enrique Dussel, o sustentáculo do pensar é um olhar intelectual que reconstrói numa narrativa histórica do sujeito oprimido como transformador capaz de resgatar a dignidade, aquela capaz de garantir a emancipação individual e coletiva. Com a palavra o filósofo diz, “a tarefa, repito, deverá consistir em desenvolver uma ‘teoria’ ou ‘filosofia do diálogo’ – como parte de uma ‘filosofia da libertação’ do oprimido, do incomunicado, do excluído, do Outro” (DUSSEL, 1993, p.8). Como dialogar com quem não quer conversa? A filosofia da práxis é romper com as estruturas que impedem o direito de falar, é estabelecer um diálogo com aqueles que sempre impuseram os discursos de dominação, mas não é um diálogo de submissão, mas uma tônica de igualdade que promova justiça social, garantido o lugar de enunciação.

A filosofia na América Latina a partir da práxis libertadora carrega no seu bojo uma crítica as diversas formas de opressão, ornada pela consciência individual e coletiva, que se enfeita a partir da própria realidade, de uma gente que vive no hemisfério do compadecer-se com o Outro, com isso, esse modo de fazer filosofia sobrevém do lugar, sendo que o pensar é “em/na” América Latina, que se encorpa com narrativas dos povos originários e formadores da região, mas que se efetiva no pensar “desde/a partir” da nossa realidade, com isso, se faz uma filosofia à luz das expressões racionais dos povos. Enquanto os sujeitos não ocuparem as palavras não haverá libertação, a qual foi furtada de maneira mal-intencionada. A filosofia latino-americana se evidencia a partir de uma compreensão que promete um filosofar com o compromisso ético-político, tese defendida por Enrique Dussel, com aqueles que foram negados em razão da condição de serem explorados e esquecidos por um sistema opressor.

A construção da libertação da América Latina pode ser pensada a partir de diferentes perspectivas, tendo em vista a emancipação dos diversos povos que compõem a pluralidade do continente. No entanto é importante ressaltar, Segundo Mance que “a filosofia da libertação não se considera uma reflexão sobre a liberdade. É algo curioso, não se trata de uma filosofia da liberdade, como é o existencialismo, onde a liberdade é compreendida nos processos de escolhas” (MANCE, 2020). O movimento de libertação da América Latina é um movimento mais amplo, que envolve diferentes seguimentos da sociedade, tais como, político, religioso,

movimentos sociais, intelectuais, agrupamentos sociais etc. Essa libertação dos povos latino-americanos é pensando a partir de “um movimento concreto, histórico de passagem de sujeitos que estão dominados e oprimidos para uma condição de pessoas que realizam a sua própria liberdade” (MANCE, 2020). Em razão disso, o processo de autonomia latino-americano se consolidará por meio de uma revolução da emancipação do lugar periférico. Assim, a filosofia na América Latina assume, segundo Mance, “uma reflexão filosófica sobre a realidade concreta, em que vivem as pessoas submetidas a diversas formas de dominação, bem como sobre os processos voltados à transformação dessa situação. Trata-se de compreender a realidade da dominação e o processo de libertação” (MANCE, 2020).

A partir do alerta de Mance sobre o processo de libertação dos povos latino-americanos, podemos entender três diferentes perspectivas para pensar a ideia de liberdade na América Latina:

1 Perspectiva da Filosofia da Libertação: De acordo com o pensamento de Enrique Dussel, conforme demonstrado nesse tópico, a libertação fundamenta-se na ética da libertação que propõe formar uma consciência prática baseada na alteridade, em que se deve tratar o Outro como parte do processo da libertação. Sendo assim, a libertação não é um processo individual, mas uma estratégia coletiva que se firma a partir da garantia da diversidade e pluralidade que compõe cada povo, com isso, se garantirá a superação da opressão colonizadora.

2 Perspectiva da filosofia libertadora ou educação libertadora: a abordagem fundamenta-se na formação da consciência, conforme Paulo Freire, entende-se que o indivíduo supera a opressão por meio da educação, em que garante ao sujeito a promoção da cidadania. Nesse sentido, a educação libertadora é um processo que deve garantir quando o indivíduo se apropria da realidade, sendo assim, a educação libertadora é um instrumento político que deve garantir a formação da consciência da sociedade. Como diz o próprio Paulo Freire, “a conscientização é, nesse sentido, um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se “des-vela” a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo (FREIRE, 1980, p. 26). Podemos observar um diálogo do pensamento entre o pensamento de Enrique Dussel e Paulo Freire, quando percebemos que ambos os autores entendem que a libertação é dialógica, em que esse processo não acontece de maneira solitária. A partir dessa compreensão podemos afirmar que a ideia de uma filosofia da libertação ou filosofia libertadora (ou ainda, educação libertadora), nesse aspecto pode ser compreendida como sinônimo. Ambos pensadores defendem uma prática que siga uma perspectiva ética e do exercício democrático.

3 Perspectiva da filosofia revolucionária: a partir conjunturas políticas, a exemplo do que propõe Fanon para superação da opressão do Estado, o pensador libertário propõe a superação de todas as formas de colonização que expressa opressão. Conforme afirma Fanon, “a sociedade colonizada não é apenas descrita como uma sociedade sem valores. Não basta ao colono afirmar que os valores desertaram, ou melhor, jamais habitariam o mundo colonizado”. (FANON, 1961, p. 31). Nessa perspectiva, o pensar libertário é um exercício de liberdade que é crucial ao fazer críticas as diversas formas de poder, em especial as instituições políticas e religiosas responsáveis pelo reforço dos estereótipos racistas, misóginos etc. Nesse mesmo sentido, pensar uma educação libertária/revolucionária é construir a emancipação do sujeito a partir de si mesmo, e com os demais que se propõe a superar a opressão. O exercício da liberdade no espaço escolar consiste na desconstrução do autoritarismo do Estado e demais estruturas que cerceiam a liberdade de ser e pensar. A formação das(os) educandas numa abordagem libertária deve superar a manutenção das estruturas de exploração, substituída pelo engajamento nas lutas políticas, sociais e econômicas. A educação libertária constitui-se a partir da superação da opressão do próprio Estado que se encontra alheio ao sistema público de ensino.

O processo de libertação é sempre um liberta-se com os outros, nesse sentido o exercício da libertação é muito mais que uma corrente filosófica, mas um movimento amplo que instiga a sociedade a repensar o posicionamento dos diversos indivíduos que compõem a sociedade. A libertação é uma ruptura com as estruturas físicas e psíquicas opressoras que impedem o ser humano de ser o que se é ou o que se deseja ser. Libertar-se é um processo de transformação da realidade, do estar no mundo. Podemos observar que nesse trabalho, a Filosofia da Libertação de Enrique Dussel propõe em vários momentos o reconhecimento do Outro, que deve acontecer não apenas em relação ao opressor, mas também deve se compreender que existe uma marginalização entre os próprios oprimidos. Nesse sentido, libertar-se não é um ato exclusivamente contra o opressor, mas daquilo/daquele que impede de estabelecer um diálogo entre os próprios oprimidos. A libertação é uma busca constante pela liberdade coletiva, que rompe com estruturas estática, que impede a autoafirmação de cada povo e de cada cidadão.

Capítulo 4: Os dedos que trançam: uma práxis poética da libertação

A poesia em seus versos revela o posicionamento livre de cada moça e rapaz, de cada iniciante ao mundo de uma poesia reflexiva e transformadora, de cada sujeito que declama, e o mais impactante ainda, no interior de cada sujeito capaz ruminar o gosto das palavras acontecerá uma revolução. Na poesia espontânea expressada pelas(os) alunas(os), exposta no primeiro capítulo, não se nega as origens daqueles que escrevem, se expõem desejos, sonhos e utopias. Os versos são uma espécie de aconchego que desconcerta o mundo real, que alimenta o opaco das vivências cotidianas e se funde a realidade e a imaginação.

Através de uma práxis libertadora é possível promover um exercício revolucionário, que de maneira mediadora deva transformar a consciência política de uma sociedade, em que potencialize a conquista da liberdade coletiva. Como escreveu Lucero, “la conformación de un arte posicionado como popular y revolucionario constituía una salida para un tipo de mecenazgo ideológico característico de las manifestaciones culturales comprometidas” (LUCERO, 2018, p.245). Diante de uma sociedade caótica, afrontada por um cotidiano violento, resultado de uma racionalidade desumana, as palavras precisam ganhar novos significados, sendo assim a poesia tornou-se uma das saídas possíveis para a desconstrução de um discurso “lógico” opressor. Aos povos que foram oprimidos pelas palavras que não sabiam pronunciar, pois sua língua era outra, nesse momento, tornou-se necessário atribuir novos significados às palavras que não eram nossas, mas são as palavras emprestadas que precisamos para combater a violência verbal. Em nossas narrativas precisamos diversificar nossa linguagem para expressar o que de fato somos, já que a língua do colonizador diz pouco sobre nós, no entanto, é o instrumento que temos para efetuarmos um contragolpe da opressão das palavras que nos foram impostas.

Segundo Kusch, o processo de alfabetização provoca uma certa perda da capacidade oral narrativa, na medida que se uniformiza a linguagem, estabelecendo a busca por uma linguagem precisa, no entanto, na construção poética religamos esse *logos*, ao exemplo do que faz os povos indígenas, como cita o filósofo: “lo poético, o sea la poiesis, o sea la creación, podría reactualizar el horizonte simbólico del indígena, y por conseguinte reintegrar la totalidad de su existir” (KUSCH, 1976, p. 112). O pensador cita a cultura indígena como uma realidade que mantém vivo o hábito das narrativas orais, com isso, se amplia a consciência sobre a realidade.

Numa construção práxis da filosofia, a poesia aparece como um instrumento capaz de resgatar a existência cultural pensante, que através do diálogo, retoma o uso da linguagem em suas variadas formas, para isso inverte-se a lógica racional tradicional, num primeiro momento utiliza-se metáforas para depois chegar aos conceitos. É um exercício de linguagem que observamos as palavras fora do lugar, e será nos versos metafóricos a oportunidade de deixar o silêncio dizer. Devolve ao silêncio o que foi roubado, a ausência de palavras, logo, fazer poesia da práxis é deixar de ocupar o lugar do Outro, é deixar o Outro existir. A poesia libertadora é aquela que permite o silêncio, quando as letras não sufocam as palavras, pois é na folga do ser que irá se reexistir no exercício do pensar.

Através dos versos recuperamos a noção de encanto por utopias, ao romper o constrangimento em tratar de questões sensíveis a individualidade de cada sujeito, mas que socialmente é tratado com desprezo por determinadas estruturas ou classes sociais. E aos poucos, em um ambiente de liberdade foi possível perder o constrangimento de ter que pensar a história e os sentimentos de cada um, pois o que estava em jogo era a capacidade em dizer aquilo que se deseja, sem julgamento ou condenação.

Confrontando diferente pesadores, apesar das diferentes perspectivas podemos observar que esses filósofos latino-americanos compartilham do mesmo entendimento, que a poesia recupera o peso da cultura popular, como um estrato valioso capaz de restaurar as relações comunitárias da coletividade. Através de uma filosofia libertadora, conseguimos nos transformar de gente oprimida a povo livre, atores de suas narrativas. Nas palavras do próprio Enrique Dussel, “o povo aparece em conjunturas políticas críticas, quando toma consciência explícita do hegemônico analógico de todas as reivindicações, de onde se define a estratégia e as táticas, transformando em um ator, construtor da história de um novo fundamento. [...] “O poder se constrói de baixo” (DUSSEL, 2007, p.94). A formação da consciência, enquanto povo latino-americano, tem como exigência incorporar a pluralidade cultural capaz de expor a nossa função na construção dessa sociedade, onde deixamos de ser um sujeito maquiado aos moldes europeus para torna-se um agente de transformação.

No primeiro capítulo, as(os) estudantes escreveram poemas, os quais surgiram de forma intensa e livre, pois o processo de criação foi possibilitado através da espontaneidade e confiança em poder dizer o que se queria dizer. Nesse contexto, só faz sentido pensar uma narrativa libertadora, que possa impactar para além do processo de colonização, que contribua no reposicionamento do pensar daqueles sujeitos no ambiente escolar.

As poesias escritas pelas(os) alunas(os) são narrativas libertadoras, que colocam questões de conflitos sociais em evidência, que tem como fundamento o exercício de uma

prática filosofia que permite aos indivíduos que se expressem, já que o pressuposto que o pensar latino americano encontra-se latente em cada estudante, decorrente da história de cada um. O exercício feito em sala deve reverberar na história estudantil de cada sujeito que comporá a sociedade brasileira no presente e num futuro próximo.

A transformação da educação passa pela descolonização de uma pedagogia opressora, em que a prática docente libertadora formula suas próprias narrativas. A educação tradicional é apenas uma repetição de conteúdo selecionada ao interesse da classe burguesa, que representa a narrativa dos povos europeus e das elites locais, de maneira opressora, que funciona como instrumento de alienação. Pois, tem como pano de fundo a exaltação de um sucesso que corresponde ao interesse de outro continente, mas que desconsidera a contribuição dos diversos saberes produzidos pela pluralidade cultural global. Em razão disso, a escola pública em parte das vezes tornou-se um espaço enfadonho, que as(os) alunas(os) em vez de sonhar se debruçam sobre as carteiras para tirar um pesado sono, com isso, o espaço escolar tornou-se um abrigo de sono em vez de sonhos.

A intenção de utilizar a poesia na filosofia é tornar o pensar encantador. A poesia é um ato sedutor para aqueles que foram violentados pela eficácia da racionalidade lúcida. O poder da racionalidade sobre o pensar genuíno é uma forma de violência que descredita a liberdade de pensar racionalmente a partir de outros modos, que não seja o tradicional. Na metáfora do cesto de buriti, a poesia é a mão que tece as palhas, aquela que é capaz de ser sutil e ao mesmo tempo tensa, ao mesmo tempo delicada e forte. A mão poética que dobra a palha precisa ser delicada para não romper, mas não poderá manter a mesma coisa, a mão poética será capaz de reconfigurar a palha reta, em uma curva suave até produzir um laço, capaz de abraçar aqueles que ficaram fora da trança. No trançado de uma filosofia poética não caberá a exclusão de folhas, pois criou-se uma nova visão, aquela capaz de contemplar todas as diferenças, não é a vida em síntese, mas é vida ampliada, aquela capaz de ultrapassar a sombra do buriti.

O reinventar enquanto sujeito latino-americano passa pela superação da opressão de uma práxis-poética libertadora, em que as vítimas do sistema de opressão atuarão como sujeito transformador, protagonista de sua própria libertação. Através da constituição do próprio indivíduo enquanto ser humano, iguais aos demais, constituído enquanto corpo biológico e cultural, que sente os perrengues da vida humana, que vive no limite da forme e da dor, que busca amenizar o sofrimento físico e ajustar a vida à moralidade. O sujeito da práxis-poética surge a partir da negação da vida humana como uma espécie indesejada no cenário moderno, resultado da imposição da tarefa forçada em ampliar o território europeu sobre o chamado “novo mundo”, mas também temos que compreender que a opressão se ampliar por diversos

seguimentos, daqueles que formam a comunidade global por meio de grandes corporações ou pelos compatriotas que formam as comunidades locais. A composição das comunidades locais, em geral, se configuram a partir de um modelo burguês-patriarcal herdado do processo de colonização, que se impõe de maneira opressora pelo poder econômico, mas também ofendem do ponto de vista moral, na medida que julga, censura, persegue e condena a existência daqueles que diferem do padrão tradicional. Atualmente, os povos latino-americanos são compostos pela pluralidade herdada de diferentes partes do mundo, que resulta numa riqueza que se dá na complexidade das diversas culturas envolvidas.

Capítulo 5: O pensar poético transgressor em Paulo Leminski

Para começo de conversa, ao pensar a obra de Paulo Leminski é primordial considerar que ele era um boêmio transgressor. Um poeta que se perdeu no próprio mundo para encontrar-se nas palavras. Em seus versos fragmentou o silêncio do som poético dissonante e saiu das páginas cheias de letras vazias, transformou-se em palavras articuladas e rimadas, tornando-se um alento à imaginação filosófica. E assim, se fez o poeta, e assim falou poeta:

Eis a voz, eis o deus, eis a fala,
eis que a luz se acendeu na casa
e não cabe mais na sala.
(LEMINSKI, 2010, p.77).

Paulo Leminski, nascido na cidade de Curitiba-Pr, representa um marco na poesia brasileira. Sua poesia, que ganhou visibilidade a partir da década de 70, tornou-se referência na literatura recente, na medida que se apresentou com um olhar refinado à compreensão da linguagem poética nacional. Podemos identificar facilmente na poesia leminskiana uma referência linguística particular, que é próprio do poeta que se faz presente nas narrativas. Textos carregados de um olhar semiótico às artes e comunicação. A obra de Paulo Leminski tem uma profunda conexão com a realidade, iluminada pela luz do cotidiano, a tal ponto, de podermos analisar de maneira livre a expressão poética-filosófica na obra. Em certos momentos precisamos pensar, se estamos lidando com ficção ou realidade. Através dos textos de Paulo Leminski, tornar-se-á possível compreender as particularidades da existência de um ser poético, que, realçada na narrativa diária a intensidade de sua inspiração, através dos escritos que estampam as particularidades de sua linguagem poética.

A obra de Paulo Leminski aproxima o erudito do rústico, o comum do sofisticado. Os elementos estéticos são expostos de maneira clara e objetiva e, assim, o ser poético e a existência juntam-se em palavras:

ascensão apogeu e queda da vida paixão e morte
do poeta enquanto ser que chora enquanto
chove lá fora e alguém canta
a última esperança de chegar
à estação da luz e pegar o primeiro trem
para muito além das serras que azulam no horizonte
e o separam da autora da sua vida
(LEMINSKI, 2018, p.108).

A narrativa histórica da obra de Paulo Leminski é uma descrição do mundo que, perturbadora, às vezes apresenta-se de maneira suave, às vezes dispõe a severidade da vida, por esse motivo seu teor poético propaga-se na escrita que representa a miséria e/ou delicadeza de ser gente na sociedade contemporânea. Nas poesias de Paulo Leminski encontramos um eu-lírico sobrevivente, que confronta o seu passado e presente todo tempo e, por meio das memórias, coloca a toda prova o seu EU poético. É um engajado num mundo de crise e transformação. A leitura da obra do poeta exige da leitora(r) a sensibilidade em compreender o teor generalizante e intertextual na poesia, que é identificado de maneira simples, por uma não linearidade na construção dos seus escritos. No entanto há uma riqueza no que se refere à diversidade de construções da linguística. A linguagem, como sabemos, exerce uma função determinante na existência humana, a tal ponto que definimos a identidade de um sujeito por meio de suas palavras. É o caso do poeta descrito neste trabalho, como ele mesmo descreve:

cansei da frase polida
por anjos da cara pálida
palmeiras batendo palmas
ao passarem paradas
agora eu quero a pedra
chuva de pedra palavras
distribuindo palavras.
(LEMINSKI, 2018, p.92).

A obra de Paulo Leminski apresenta como questão central: a relação entre mundo, pensamento e linguagem. É possível perceber estreitos laços entre o pensar linguístico da poesia e a filosofia, em especial a filosofia da linguagem, como descreve Wittgenstein, *Se a boa ou a má volição altera o mundo, só pode alterar os limites do mundo, não os fatos; não o que pode ser expresso pela linguagem* (WITTGENSTEIN, 1994, p.277) ou ainda, “Os limites de minha linguagem significam os limites de meu mundo” (WITTGENSTEIN, 1994, p.245). A poesia de Paulo Leminski se faz nessa perspectiva da linguagem, se constitui em enigmas

verbais, os aforismas, a simplicidade e ao mesmo tempo uma certa sofisticação crítica das narrativas, ao trato do cotidiano através do trivial e a presença do senso comum e dos jogos de linguagem.

5.1 Pensamento e obra: sobre o pensar poético de Paulo Leminski

A obra de Paulo Leminski é um exercício de descolonização, em que o poeta transgride a linguagem para proferir uma narrativa discordante da convencionalidade histórica, filosófica e linguística. Apesar de preso a uma língua, o poeta rompe os verbetes tradicionais, remonta a história e refaz o pensar, exprimindo suas ideias numa linguagem descolonizadora. O poeta se desprende das amarras para dizer o que quer dizer. A obra de Paulo Leminski é um rearranjo da linguagem, em que a língua portuguesa através da junção de verbetes consegue dizer o que convencionalmente as palavras escondem. É um reposicionamento do popular ao intelectual, do simples ao sofisticado, da oralidade à escrita. Paulo Leminski não abandona a língua do colonizador, mas transgride a escrita para seguir junto às narrativas tradicionais sem compactuar com as imposições da língua do colonizador. Precisamos considerar que Paulo Leminski escreve a partir de um centro urbano, que direciona seus poemas para uma massa da cidade (Curitiba) que tem o desejo de ser uma espécie de “Europa no Brasil”. A proposta transgressora de Paulo Leminski é uma prática estética poética, que tem como eixo o pertencimento a um lugar que independe da tradição que se impõe.

A obra *Catatau* apresenta uma narrativa fragmentada não-linear, com um enredo trançado que se conecta a uma narrativa de característica oral. O personagem Cartésio aparece como locutor da narrativa que alterna suas falas entre o delírio e a realidade. A proposta da obra é um embate entre a tradição oral dos povos originários, a fala popular dos povos colonizados e a cultura letrada colonizadora. É um embate entre o estilo de vida dos habitantes do “Mundos dos Trópicos” (Tupiniquins) e a carga de frustrações desembarcada pelos europeus na região do Recife-PE. Na edição de 1989 (primeira edição em 1975), na obra *Catatau*, Paulo Leminski escreveu um texto adicional na sua obra, que aparece no final do livro, com o título: “descordenadas artesanais” (em algumas publicações esse texto aparece com o título escrito de outra forma: “(Des)coordenadas cartesianas”), em que comenta sobre alguns pontos do texto original. Afirma que “o Catatau é o fracasso da lógica cartesiana branca no calor, o fracasso do leitor em entendê-lo, emblema do fracasso do projeto batavo, branco, no trópico” (LEMINSKI, 1989, p. 208). A percepção sobre tal obra provoca um desconforto

sobre as nossas formulações tradicionais originárias da filosofia e da história, mesmo considerando a obra uma narrativa de ficção e imaginação. Podemos classificar a obra como um romance-ideia, como o próprio Leminski nomeou, em que observamos uma escrita poética livre com nuances ousadas, carregada de trocadilhos, gírias e expressões que têm origem no uso comum e uma crítica as narrativas que segue a lógica ocidental europeia. A narrativa situa-se no nordeste do Brasil ou como chama o autor: “Mundo dos trópicos” ou ainda de “Terra dos tupiniquins”.

Diante da obra é necessário permitir-se seguir um raciocínio não linear, onde buscamos reconstruir o significado a partir daquilo que não limita o nosso pensar. O texto permite recriar as verdades (mal)ditas através do nosso imaginário ou até mesmo a partir da consciência que formulamos diante dos reveses da nossa própria história do pensar. O poeta nos coloca no excesso da percepção sobre o mundo que não percebemos, é necessário ver além, em que se exige atribuir sentidos e significados daquilo que está diante de nós, que por muitas vezes foi negado ao se impor visões imparciais sobre nosso próprio mundo. Como escreve o próprio Leminski no texto os “Quinze pontos nos iis”, que se encontra no final da obra:

O Catatau é a história de uma espera. O personagem (Cartésio) espera um explicador (Artiszewski). Espera redundância. O leitor espera uma explicação. Espera redundância, tal como o personagem (isomorfismo leitor/personagem). Mas só recebe informações novas. Tal como Cartésio. A espera de Descartes/Cartésio é uma espera cibernética. A melhor definição para “informação”: expectativa frustrada. Toda informação nova vem de uma “expectativa frustrada”. O Catatau é uma imagem ampliada dessa noção (LEMINSKI, 1989, p.210).

O personagem central Renatus Cartesius aguarda a chegada de Artyschewsky (baseado no fidalgo polonês Kristof Artiszewski, general que serviu a Nassau, e foi expulso da Polônia por causa de suas ideias antijesuíticas) um sábio que iria explicar o segredo dos trópicos. No entanto a espera foi fustigada com a chegada do sábio, o qual chegou bêbado e não pôde explicar as questões do Cartésio. E nesse tempo de espera aparece também o personagem Occam (Espelha-se no monge e filólogo Guilherme de Ockham, que viveu entre 1285-1349). O personagem Renatus Cartesius ou simplesmente Cartésio é uma alusão direta ao filósofo René Descartes, o texto remonta uma possível vinda do pensador francês ao Recife, com a comitiva de Maurício de Nassau, em 23 de janeiro de 1637. A referência a René Descartes, mesmo que numa situação hipotética, é uma estratégia para pontuar a ineficácia do pensamento cartesiano em “Terras Tupiniquins”, como escreve o próprio Leminski: “batavos não estão mais com a razão nestas zonas, casando conúbios danados com fêmeas toupinambaouls, praticam seu linguajar, que é como os sons dos estalos e zos deste mundo. Duvido de Cristo

em nhengatu” (Catatau, 1989, p. 24). No entendimento de Paulo Leminski a lógica cartesiana não alcança a totalidade do mundo Tupiniquins, em decorrência de uma natureza que não se ajusta às categorias cartesianas, em razão da multiplicidade que compõe as terras desconhecidas pelos europeus.

O clima tropical causa perturbações em Cartésio, que sofre com o calor e a umidade da terra de palmeiras, onde não é possível se compreender esse mundo apenas com a sanidade mental. O personagem apoia numa mão uma luneta, que representa o distanciamento do objeto real, em que busca formular uma abstração conceitual; e na outra uma erva alucinógena, que significa a aproximação e estranhamento do mundo desconhecido à percepção europeia. Cartésio ao fumar a erva começa a ficar estarecido com os exemplares da fauna e flora e nessa terra exuberante tudo se tornou inclassificável, pois a visão sobre a natureza contradiz a lógica do pensar religioso cristão e a percepção civilizadora do europeu colonizador, como descreve na própria obra: “Nestes climas onde o bicho come os livros e o ar de mamão caruncha os pensamentos, estas árvores ainda pingam águas do dilúvio. Penso meu pensar feito um penso. [...] Duvido se existo, quem sou eu se este tamanduá existe? (LEMINSKI, 1989, p.18). A embriaguez provoca em Cartésio a indignação com a natureza do Brasil, pois a diversidade de espécie de aparência exótica faz delirar sua percepção, a qual torna-se inclassificável, como se sente o personagem:

Calor e mosquitos me ruminam o pensamento. A merda do chão é que é filtrada pela flor dos perfumes no ar, fragrância de flagrante. Meu pensar apodrece entre mamões, caixas de açúcar e flores de ipê, mudanças rapidíssimas, absurdos instantâneos, lapsos relapsos, trepidações relâmpago monstro, mais rente a sua excelência recentíssima, tão recente que é quase presente e, sempre não o sendo, irá além, porque vai indo com mais ímpeto, pupilos na puela dos olhos do seu ministro. A cabeça dorme num teorema comendo abacaxi, acordo a boca cheia de formigas (LEMINSKI, 1989, p.32)

Nessa atmosfera desconcertante a narrativa tem o propósito de desestruturar as categorias espaço, tempo e a linguagem, que apenas através da embriaguez será possível reorientar o olhar sobre a fauna e a flora do Brasil. E, que o falares dos indígenas irão reorientar o rumo dessa conversa. A percepção exótica sobre o “Mundo Tupiniquins” torna tudo estranho e inclassificável, esse mundo contradiz o entendimento comum.

O personagem Occam que aparece no Catatau é uma alusão ao filósofo medieval nominalista, o qual deu origem a chamada “navalha de Ockham”, uma referência ao exercício da parcimônia, em que as coisas não devem ir além da necessidade. Ao falar sobre esse personagem o próprio Leminski diz, que “Occam é um monstro que habita as profundezas do Loch Ness do texto, um princípio de incerteza e erro, o “malin génie” da célebre teoria de René

Descarte” (LEMINSKI, 1989, p. 208). Temos aqui uma referência ao gênio maligno ou gênio enganador que aparece na obra de René Descartes, seguido de uma referência geográfica, em que esse gênio maligno vive nas profundezas do Lago Ness, nas Terras Atlas da Escócia, no Reino Unido. Occam é aquele que prova o desequilíbrio da justa medida, que abala a narrativa lógica, seria a própria encarnação do “gênio maligno” pensado por René Descartes, o qual queria afastar o filósofo da verdade. Occam é um personagem que tem uma personalidade totalmente diferente do filósofo medieval, já que deixa de lado a parcimônia para afrontar de maneira assombrosa a lógica cartesiana, sendo mais preciso, ele é um monstro que habita as profundezas das incertezas e o erro, que perturba o significado das palavras, na medida que propõe mudanças no uso da linguagem.

Occam é o personagem que configura o espírito do texto de Paulo Leminski, o próprio autor explica, que se conecta às entidades religiosas, tal como, Ogum, Oxum, Egum ou Ogan, que são seres espirituais, como descreve o próprio poeta:

é um ser puramente lógico-semiótico, monstro do zoo de Maurício interiorizado no fluxo do texto, o livro como parque de locuções, ditos, provérbios, idiomatismos, frases-feitas. O monstro não perturba apenas as palavras que lhe seguem: ele é atraído por qualquer perturbação, responsável por bruscas de sentido e temperatura informacional. Occam é o próprio espírito do texto. É um orixá asteca-ionubá encarnando num texto seiscentista” (LEMINSKI, 1989, p. 208).

Em análise, podemos perceber que Occam (des)constrói a fala dos demais personagens, como também da própria narrativa da obra, na medida que impõe um rearranjo da própria linguagem, utilizando de aglutinações (“palavrasvalises”) e termos “verbivocovisuais”. O personagem é um monstro, que tem a função de transgredir a narrativa, que exige dos demais personagens criatividade para ressignificar os conceitos e as palavras. Vejamos como descreve o próprio Leminski:

Penso meu pensar feito um penso. Olho bem, o monstro. O monstro vem para cima de monstromim. Encontro-o. Não quer mais ficar lá, é aquimonstro. Occam deixou uma história de mistérios peripérisos onde aconstrece isso monstro. Occam, acaba lá com isso, não consigo entender o que digo, por mais que persigo. Reconstro-me, aqui — o monstro (LEMINSKI, 1989, p. 20).

A personalidade de Occam é um despertar aos demais personagens que se atém as ideias tolas, sendo assim um desqualificador dos delírios, que busca desnudar a estrutura da linguagem e do pensamento. Occam é o gênio maligno cartesiano, que provoca perturbações para desarranjar as construções lógicas cartesianas, isto é, desqualificar os delírios. Toda desconstrução provocada por Occam seria resolvida, no final do texto, com a chegada de

Arciszewsky, no entanto a espera pelo oficial do exército tornou-se em vão, pois aquele que traria de volta a lógica cartesiana é visto chegando bêbado. Isso frustra Cartésio que esperava esclarecer suas dúvidas, como podemos observar na última passagem do livro:

A onda está parindo Artischewsky? Este pensamento sem bússola é meu tormento. Quando verei meu pensar e meu entender voltarem das cinzas deste fio de ervas? Ocaso do sol do meu pensar. Novamente: a maré de desvairados pensamentos me sobe vômito ao pomo adâmico. Estes não. É esta terra: é um descuido, um acerca, um engano de natura, um desvario, um desvio que só não vendo. Doença do mundo! E a doença doendo, eu aqui com lentes, esperando e aspirando. Vai me ver com outros olhos ou com os olhos dos outros? AUMENTO o telescópio: na subida, lá vem ARTYSCHESKY. E como! Sãojoãobativista! Vem bêbado, Artyschewsky bêbado... Bêbado como polaco que é. Bêbado, quem me compreenderá? (LEMINSKI, 1989, p. 206)

No fundo, a ideia de Paulo Leminski é demonstrar que o “Mundo dos Trópicos” (Brasil) dificilmente será explicado para os europeus, será sempre uma ideia fracassada, pois a percepção desse mundo dos Tupiniquins será sempre tortuoso (em referência a luneta), enquanto as perguntas serão sempre perturbadoras (efeito da erva alucinógena) e as respostas serão desconectadas do entendimento, como se fosse dada por um bêbado (Artyszewski) construindo um raciocínio confuso, fragmentado e ilógico. Podemos perceber que a narrativa de Paulo Leminski como um romance-ideia é provocar um abalo linguístico e filosófico. Nesse sentido, textos como o Catatau nos indicam certas possibilidades de ressignificação das categorias filosóficas pensadas a partir de um espaço poético-geográfico nosso. O exercício que podemos fazer com esse tipo de leitura é o de que não precisamos ser um caminho seguro, sistemático, mas uma vereda que nos leva a não esperar por alguém, por ninguém, mas buscar nossas próprias respostas. A chegada de Artyszewsky bêbado é a manifestação de que quando se aguarda respostas prontas, a espera é angustiante e vazia, pois será em vão aguardar uma saída de um labirinto sem saída, talvez seja necessário se perder noutras direções ao invés de aguardar um arrebatamento da posição alucinógena que nos encontramos.

5.2 A relação da filosofia com o Catatau

A narrativa de um romance-ideia a partir de Paulo Leminski é o limiar de uma fenda através da literatura para desconstruirmos o pensar tradicional europeu que se impõe sobre as nossas narrativas e pensamentos. A literatura nesse caso não é o ponto final para o exercício do pensar filosófico, mas um despertar sobre aquilo já dito, que já existe, mas que provoca um desvio estratégico para superarmos a subserviência. São os atalhos literários reposicionando a nossa rota para pensarmos a América Latina a partir de outros olhares, de outros lugares e em outros tempos e, ao mesmo tempo, que poderá ser de maneira diacrônica e sincrônica. Encontramos no pensar poético de Paulo Leminski através da ousadia linguística o prestígio transgressor de uma poética da libertação que rompe com o *modus operandi tradicional*. O autor se liberta ao deixar de narrar de maneira sincrônica para contrapor uma narrativa assincrônica, fazendo um contradito das “verdades” que golpearam a percepção do nosso mundo. O autor experimenta um imaginário sem fio, em que as palavras ganham aparência do ilógico, carregado pelo surreal, abandona a evidência, a análise, a ordem e a enumeração. Não existe objetividade na narrativa lemiskiana, a prosa em verso atravessa o tempo e o espaço, com isso o autor convida o leitor a pensar a partir de si, com uma estratégia de co-pensador. No fraseado poético encontramos uma ausência de conexões lógicas-causais que obriga o leitor a suplementar articulações que permita atribuir sentido a construção da obra.

O romance-ideia apresentado por Paulo Leminski carrega a fusão de dois mundos: o de onde vem a racionalidade europeia fundada no cartesianismo e o cenário sensível da América Latina, em especial a expressão concreta dos fenômenos que se expressam como uma racionalidade proveniente da natureza. Estamos diante da ineficiente natureza pensante europeia para desvendar a diversidade racional do “Mundo Tropical”. A impossibilidade decorre das limitações epistemológicas europeias, em que as categorias não conseguem desvendar a pluralidade da fauna e flora. Disjunção ou fora do lugar - a transmutação do mundo europeu para a terra Tupiniquins não faz sentido, na medida em que se transfere para o Brasil o momento histórico que se estava vivendo na Europa, o ápice da Modernidade, enquanto que no Brasil se vivia um momento de impacto da opressão colonizadora provocada pelo desmantelamento da opressão europeia. Não há uma unidade de pensamento, mas ao contrário, uma multiplicidade de elementos que se trançam a partir de diversas matrizes culturais, linguísticas, existências e sociais. O pensamento brasileiro não pode ser concebido desde sempre a partir da tradição intelectual europeia, sendo que qualquer adequação consistiria no

esvaziamento da racionalidade, pois desprezaria a multiplicidade reflexiva que não se amarra num eixo central, mas que se trançam pela diversidade e não pela unidade pensante.

A ontologia no mundo Tupiniquim já não permite que simplesmente os outros animais não sejam dotados de raciocínio, já que a relação entre o ser humano e o animal é estreitada. A superioridade racional dos homens é dissolvida diante da complexidade dos animais. Como podemos observar nesse trecho:

Bichos se fazem reverência, camaleões aos salamaleques viram salomões de doutos cromatismos, afinidades infinitas afinam e desafinam espécies. Formigas da noite picam uma árvore com bandos de papagaios e tudo, acabando de dormir para esticar o esqueleto. Este calor acalma o silêncio onde o pensamento não entra, ingressa e integra-se na massa. Sussurros clandestinos acusam a aproximação de peregrinos. O senhor vai assim toda vida e termina a vida por aí. Muito me admira mas admitir pouco, cada localidade ponha-se no seu lugar. Não, esse pensamento recuso, refuto e repilo. (LEMINSKI, 1989, p.17)

O pensamento de René Descartes é caracterizado, como é sabido, pela exaltação do ego, enquanto condição primeira para formulação do conhecimento de objetos, o qual pretendia estabelecer uma forma indubitável para conhecer a verdade. Sendo assim, o ato de pensar é tornar o ser humano capaz de compreender sua própria existência, devido a capacidade pensante da alma. A partir dessa concepção cartesiana o ser humano limitou-se a qualidade pensante (substância pensante) e natureza corpórea (substância extensa), ou ainda em termos latinos, *res cogitans* e *res extensa*, sendo que a racionalidade humana conduz à perfeição, enquanto que a condição corpórea o torna dependente. Como podemos observar na citação abaixo:

Concluo efetivamente que sou uma coisa que pensa ou uma substância da qual toda essência ou natureza consiste apenas em pensar. E, embora talvez, (ou, antes, como direi certamente logo mais) eu tenha um corpo ao qual estou estreitamente conjugado, todavia, já que, de um lado, tenho uma ideia clara e distinta de mim mesmo, na medida em que sou apenas uma coisa pensante e inextensa, e que de outro, tenho uma ideia distinta do corpo, na medida em que é apenas uma coisa extensa e que não pensa, é certo que este eu, isto é, minha alma, pela qual eu sou o que sou, é inteira e verdadeiramente distintamente de meu corpo e que ela pode ser ou existir sem ele. (DESCARTES, 1973, p. 142).

Em análise, podemos perceber que a crítica de Paulo Leminski ao pensamento de René Descartes decorre da separação entre o homem e o animal. A partir disso, podemos entender que a ontologia cartesiana necessita da existência de uma natureza corpórea, tendo em vista que a existência do ser decorre do pensar. Sendo assim, o que se encontra externamente ao ser é considerado falso. A imposição posta por René Descartes ao exercício do pensar (que precisa

ser clara e distinta) está na razão, sendo que o exercício do pensar está restrito apenas à alma humana ou apenas àquilo que se encontra no EU.

5.3 O pensar poético de Paulo Leminski

A poesia de Paulo Leminski é um exercício de tensão, em que o poeta aproxima emoção e intelecto. O sentimento poético aparece no jogo linguístico das palavras que se apresenta como um ato de resistência política às insatisfações, como na poesia, para a liberdade e luta,

Me enterrem com os trotskistas
Na cova comum
Onde jazem aqueles
Que o poder não corrompeu

Me enterrem com meu coração
Na beira do rio
Onde o joelho ferido
Tocou a pedra da paixão.
(LEMINSKI, 2018, p.74)

No texto poético a marcação da emoção é evidenciada, com isso, a prática da escrita, de maneira fragmentada, mas carregada de emoção é uma manifestação de enfrentamento ao mundo real, que não é possível transformá-lo. Por outro lado, o poeta não nega o viés intelectual em seus textos, ao se manifestar de assuntos mais polêmicos, ao tratar de maneira lógica-argumentativa empenhado no fraseado de maneira intelectual a estratégia linguística para falar de coisas mais confusas, como no poema “ouventure la vie em close”,

em latim
“porta” se diz “janua”
e “janela” se diz “fenestra”
a palavra “fenestra”
não veio para o português
mas veio o diminutivo de “janua”,
“januela, “portinha”,
que deu nossa “janela”
“fenestra” veio
mas não como esse ponto da casa
que olha o mundo lá fora,
que “fenestra”, veio “fresta”,
o que é coisa bem diversa.
(LEMINSKI, 2018, p.74)

O encontro das duas esferas, o sentimento e o intelecto, manifesta a capacidade do poeta em discutir questões que circula o agir diário dos humanos, numa sociedade pós-moderna, em

que nada é negado, nada é escondido, mas nem tudo é percebido. A poesia de Paulo Leminski circula entre o sentimento e a razão. A tensão poética não significa um equilíbrio entre as duas partes, mas de um equilíbrio instável, em que pensamento e emoção convivem simultaneamente. A poesia de Paulo Leminski apresenta-se como um espelho d'água capaz de refletir a realidade, não contentando-se apenas com a reflexão do real, o poeta leva os leitores a um exercício de ver além, com a capacidade de despertar seus leitores e leitoras a pensar o disforme.

Quem lê os poemas de Paulo Leminski precisa naufragar no jogo de palavras, para que possa entender a articulação dos códigos que por vezes se apresentam, outras vezes se ocultam, mas estão nas entrelinhas da narrativa poética. A decodificação dos códigos se dará aos aventureiros que abandonam as águas calmas, para navegar nas tormentas, definitivamente, encarar as narrativas de Leminski é seguir por tempestades.

isso sim me assombra e deslumbra
como é que o som penetra na sombra
e a pena sai da penumbra?
(LEMINSKI, 1991, p. 77).

A poesia tem a função de transversalidade na construção do discurso pensante, e a filosofia é um percalço lógico às narrativas poéticas, que obriga aos seres humanos a repensarem o tom dos seus livres versos. Um desencontro que terá, por isso, a forma de um realojamento das ideias estabelecidas. A poesia, no caso das narrativas de Paulo Leminski, apresenta-se como uma travessia pelos princípios lógicos-rationais e linguísticos presentes na formulação dos conceitos filosóficos. É claro que o encontro entre filosofia e poesia não é novo, mas se mostra como uma possibilidade de explicar duas narrativas que estão próximas e tão distantes ao mesmo tempo. Há de ser considerado que ao falar de poesia e filosofia não estamos falando de uma só coisa. Filosofia e poesia juntas, metaforicamente, é uma espécie de Jano, presente na narrativa mítica romana, um deus que tinha dois rostos, que olhavam em direção opostas, mas estavam no mesmo lugar. Seguindo a metáfora, uma espécie de lua e sol, que se aproximam, às vezes, mas que nunca serão a mesma coisa.

Capítulo 6: A educação libertadora

O cenário posto por Enrique Dussel para pensar a educação na América Latina é se apropriar das contribuições de Paulo Freire, e com isso, propor uma educação da libertação, a qual é gestada a partir das vistas de um educar que rompe com as correntes da opressão epistemológica e política, que se torna capaz de transformar os sujeitos oprimidos em seres humanos livres e éticos e, com isso, construir uma sociedade mais humana e solidários uns com os Outros. Sendo assim, o ponto de partida para pensar a educação em Enrique Dussel é uma atitude de repúdio ao sistema explorador que produz uma realidade de degradação humana na “periferia” do mundo.

O educar deve romper com as amarras da opressão, o educador precisa sentir o Outro, como expressão de respeito. Pois, o Outro carrega em si o germe que compõe a existência da humanidade, o qual é expressão de ser e existir de todos nós. Na “quebrada” habitam as vítimas que constituem a comunidade excluída do sistema, a que precisa construir uma consciência crítica, capaz de produzir uma racionalidade sobre o seu próprio mundo. As vivências na margem da dignidade humana impulsionam o educador a experimentar as classes mais empobrecidas e isso deve ser um aporte para pensar uma educação libertadora. O educar libertador deve superar a opressão a partir de um espírito que acolhe o Outro, capaz de abraçar a cidadania, como um ato ético que garante a escuta daqueles que foram silenciados, como um ato que promove um educar livre a partir da ética da libertação.

O educador deve ser um hospedeiro da semente da liberdade que se consolidará a partir de uma existência ética, de uma educação que liberta a si mesmo e os demais a sua volta, ideia defendida por Paulo Freire. Com isso, o princípio básico para pensar a educação em Enrique Dussel é considerar a razão como um instrumento que promove a consciência coletiva, capaz de formar um sujeito ético, que instiga uma pedagogia da libertação através de uma práxis libertadora, num exercício do magistério capaz de inferir sobre os processos sociais. Como afirma o próprio Enrique Dussel,

O processo transformativo das estruturas de onde emerge o novo ‘sujeito social’ é o procedimento central da sua educação progressiva, liberdade que se vai efetuando na práxis libertadora. Por isso, não é só a inteligência teórica ou moral (isto se supõe, mas não é o objetivo principal), nem sequer o desbloqueio pulsional para uma normal tensão da ordem efetiva [...], mas algo completamente diferente (DUSSEL, 2012, p.435).

Entendemos que a proposta de Enrique Dussel é pertinente na medida em que aposta na superação da dialética como estratégia de romper as sucessivas narrativas histórica de

opressão, sendo a analética uma estratégia viável para reposicionar as práticas educacionais. Há de se considerar que não é possível vislumbrar as saídas para a superação da opressão e da dominação em que o ponto de partida seja a escuta. A estratégia é pensar a saída da opressão por meio da escuta, seguido de um diálogo justo.

O entendimento de Enrique Dussel é apresentar a educação como um instrumento de emancipação ética do sujeito, que se consolida através da liberdade, que se dará a partir da consciência coletiva, onde se liberta a si mesmo e o oprimido, que se consolida numa construção social de libertação coletiva, por isso, educação é acolher o nosso próprio mundo e o mundo do Outro, num exercício que expulsa os elementos que desconfigura a nossa herança, que se tornou objeto de opressão. E, a apropriação da educação se dará através de um “processo pelo qual o educando irá lentamente efetuando toda uma diacronia a partir de uma certa negatividade até a positividade, como um movimento espiral, de contínuas decisões, retornos, avaliações”. (DUSSEL, 2012, p. 437). É um ajuste ético das relações humanas a partir de um re-educar a si mesmo e proporcionar para que aqueles que estão a nossa volta também se eduquem.

Seguindo o mesmo entendimento, dessa proposta libertária, bell hooks pensa numa educação a partir da superação de práticas colonizadoras, numa educação para transgressão, como um exercício que possibilite aos indivíduos o não se aprisionar aos ditames das verdades alheias, sendo a desobediência uma estratégia de se reafirmar enquanto ser, garantindo a existência enquanto indivíduo autônomo. Como ela mesmo afirma, “a educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender” (HOOKS, 2013, p. 23). E ainda, mais que “a educação libertária quando todos tomam a posse do conhecimento como se fosse este uma plantação em que todos temos de trabalhar” (HOOKS, 2013, p. 26).⁴ Nesse sentido, a proposta de bell hooks é uma prática pedagógica que supere toda e qualquer abordagem excludente, e o professor deve ser aquele que promove um exercício revolucionário para transformar o pensar opressor. A proposta de uma prática libertadora consiste na teorização a partir da dor e da luta como instrumento capaz de restaurar a si mesmo e a libertação coletiva, em que se funde teoria e prática, inclusive as narrativas orais que dialoga com a escrita, a autora compreende que a teoria nasce do concreto onde se busca entender a vida a partir do cotidiano.

⁴ A ideia uma pedagogia libertária proposta por bell hooks é uma referência a uma concepção política libertária, que tem como base a transgressão às estruturas tradicionais, uma estratégia para superar a opressão e dominação. Na prática pedagógica libertária o educar é um exercício que potencializa um agir revolucionário a partir daquilo que se aprende nas vivências.

Outra proposta bastante relevante, que propõe uma educação com o mesmo sentido libertador, é a do pensador Fonet-Bettencourt, que reflete sobre a construção de uma consciência intercultural. Nesse sentido, a educação é um processo de ensino-aprendizagem sem imposição cultural, em que se busca olhar para o Outro a partir dele mesmo, com isso, se reconhece a dignidade do Outro a partir das diferenças, onde se promove um encontro entre iguais, reposicionando a(o) educanda(o) ao seu lugar de pertencimento, como descrito na citação abaixo:

De esta manera la “alfabetización” en la escuela del diálogo intercultural sería el aprendizaje necesario para hacernos cargo de que los nombres con que nombramos las cosas desde nuestras tradiciones de origen son nombres contextuales que necesitan ser redimensionados desde las perspectivas que se abren en los nombres de otras tradiciones culturales. (FORNET-BETANCOURT, 2001, p. 11-12).

A perspectiva de Fonet Betancourt, como um pensador latino-americano, é tratar a educação como um elo que aproxima as diversas rupturas no processo de colonização. Com isso, se faz um convite ao diálogo a partir da interculturalidade. É uma convocação a boa convivência com as diferenças, em que se aprende com o Outro. A estratégia de escutar o Outro tem a função de restabelecer o diálogo, que tem como ponto central construir novas relações. Pois, será no reconhecimento do Outro, como sendo portador de uma herança, como aquele que tem uma história a ser contada, no exercício da escuta que será restabelecido a construção de uma justiça recíproca.

Enrique Dussel em diálogo com Paulo Freire, entende que o processo de educação libertadora ocorre a partir de um educar para libertação de si mesmo e do Outro, como uma prática de co-responsabilidade, em que se educa e ao mesmo tempo é educado, numa construção solidária consigo e com os demais. A proposta de Paulo Freire é construir uma educação em que a(o) educanda(o) eduque a si mesmo, sendo a(o) protagonista de sua própria libertação. A participação do educador crítico é um momento sempre delicado, pois não é necessário separar o ato de ensinar do ato de aprender, em que as experiências não são transplantadas, mas moldadas a partir da relação dialógica, como afirma o próprio Paulo Freire:

O eu dialógico, pelo contrário, sabe que é exatamente o tu que o constitui. Sabe também que, constituído por um tu – um não – eu -, esse tu que o constitui, por sua vez, como eu, ao ter no seu eu um tu. Desta forma, o eu e o tu passam a ser, na dialética destas relações constitutivas, dois tu que se fazem dois eu (FREIRE, 1987, p. 165).

Em Paulo Freire, o diálogo aparece com um instrumento capaz de viabilizar a transformação da realidade, sendo uma estratégia para romper com as formas de dominação e

o autoritarismo, através do diálogo se estabelece o processo de aprendizado de que a transformação da realidade nunca será individual. O processo de construção do saber ocorre por meio da contribuição das diversas pessoas envolvidas nas práticas educacionais.

A proposta de uma filosofia da libertação põe os(as) alunos(as) à caminho da libertação, pois, ultrapassa a necessidade da construção de um conhecimento sistemático amparado pelos saberes tradicionais, mas também, leva em conta as experiências diárias, atrelado por uma luta ética como estratégia de superação das diversas formas de opressões. Mas, como construir uma proposta de educação urbana libertária? Considerando que os elementos burgueses pressionam os sujeitos ao enquadramento à mão de obra servil. Nesse sentido, compreendemos que a concepção libertária é uma possibilidade do exercício político que permite aos cidadãos uma ruptura com as hierarquias sociais opressoras para garantir a igualdade e a liberdade. É uma proposta de uma educação que visa a emancipação das(dos) estudantes na sociedade capitalista e suas opressões cotidianas, tais como as problemáticas apontadas pelas(os) alunas(os) nos cordéis, como as questões de classe, raça, gênero ou posturas políticas. Uma proposta pedagógica libertária trata de um agir em oposição à situação histórica, política e social. Nesse sentido, todas as pessoas envolvidas no processo educacional são protagonistas de uma libertação coletiva.

Os diversos pensadores que discutem a filosofia latino-americanos partem de sua localização geográfica como estratégia para formular um pensar filosófico que contemple a diversidade cultural que compõe o continente, como estratégia para superar pensar colonizador, propondo assim uma filosofia de viés libertário, com isso, as filosofias latino-americanas têm participado/pensado sobre realidade dos povos da América Latina, com o intuito de proporcionar reflexões sobre a emancipação pensante desses povos, para que sejam portadores da sua própria libertação, capaz de questionar a realidade opressora e repensar na reconstrução de uma proposta política a partir de uma práxis pedagógica libertadora, os quais, deverão promover uma revolução através da transgressão, para que assim possam expressar-se enquanto sujeitos autônomos.

A educação libertadora deverá promover uma construção de um novo modo de ser gente, em que ultrapassa os limites do individualismo, promovendo a construção de uma mentalidade que acolhe a multiplicidade do pensar e agir, tendo em vista a multiplicidade das expressões culturais que forma nossa gente. Uma proposta de uma pedagogia libertária considera as diversas formas de pensar, menos aquelas que impedem de pensar. Segundo Enrique Dussel, a educação opressora destrói o lugar do Outro, tornando a existência inviável, enquanto que a educação libertária promove o encontro com o Outro, pois tem como base a

construção da consciência ética, onde se reconhece a originalidade do lugar e do tempo alheio. E, o educar da libertação ocorre a partir da alteridade, em que a escuta é um exercício da garantia de proximidade, nesse sentido, a voz do Outro é a expressão máxima que garante a existência, sendo que não é dada por ninguém, ela existe por si e para si, quando não escutamos o Outro, silenciemos as verdades, reduzimos a existência do Outro a nossa própria existência.

A educação libertária acontece num espaço fronteiro, onde os conflitos estão postos, no entanto é necessário reatar as relações e promover novos diálogos para que supere as diferenças. E, o mais importante, o entusiasmo em promover uma educação libertadora é acreditar que existem outras percepções sobre a nossa realidade, as quais devem estar para além do enquadramento de uma educação burguesa, para além de uma perspectiva de dominação e exploração.

No primeiro capítulo, utilizamos a poesia como uma estratégia pedagógica de um pensar libertário, por entender que a “racionalidade poética” realocando o filosofar colocaria as(os) estudantes numa condição de deriva, onde se iria reposicionar as(os) alunas(os) numa reconquista libertadora. Compreendendo a educação a partir da poesia, em especial de Paulo Leminski, entendendo que “poesia, para mim, tem que ser alegria e esperança. O puro júbilo do objeto, esplendor do aqui e o do agora. Ou a canção assobiada que ajuda a caminhar nas estradas, na viagem rumo à utopia” (LEMINSKI, 1978, p. 56), a vida em direção a uma utopia assume um agir subversivo, pois transformação é um movimento perigoso, porque toda transformação incomoda. “Poesia, aliás, é território limítrofe entre o verbo e outras artes” (LEMINSKI, 1978, p. 56). Quando se aproxima a filosofia e a poesia, criamos um contexto de entre-lugar, uma fronteira limite onde as ideias não são “bem definidas”, um estado de ser pensante, nesse sentido o pensamento passa a se orientar pela desconstrução. Sendo assim, uma práxis pedagógica poética libertadora deverá permitir ao ser humano se autoconstruir, através da possibilidade em se humanizar enquanto ser livre. E além do mais, “afinal, que é poesia senão discurso desvio, mensagem-surpresa, que, essencialmente, contraria os trâmites legais da expressão, numa dada sociedade?” (LEMINSKI, 2013, p. 29). Paulo Leminski entende que a poesia aproxima as pessoas da vida, coloca os seres humanos perto das coisas, situa o caminhar na rua de onde se vive, realoca o pensar na província, onde as coisas acontecem, e a poesia torna-se mágica ao que nos tira do real e traz à realidade. A poesia é o exercício de educar o sujeito no tempo, de uma lembrança do passado até a transformação do futuro, com os poemas dissolvemos a violência da opressão, pois a liberdade acontece nas palavras. A proposta de utilizar a poesia é acreditar que a libertação passa pela construção de um imaginário subversivo.

Tendo em vista a exposição do primeiro capítulo dessa pesquisa, com o desenvolvimento de uma prática pedagógica que articula filosofia e poesia como uma estratégia de uma filosofia libertadora, entendemos que é um caminho possível o pensar de uma prática docente do ensino de filosofia da libertação, nesse contexto, é trazer a luz, os seguintes elementos: (a) a educação libertadora precisa ser ética, capaz de escutar a voz do oprimido, que garante a co-existência dos indivíduos a partir de relações éticas, que estabelece o princípio de justiça social [Enrique Dussel]; (b) a educação libertadora precisa libertar, que através do diálogo se ensina e se aprende [Paulo Freire]; (c) a educação libertadora precisa ser transgressora como estratégia de superação da opressão [bell hooks], (d) educação libertadora deve promover um pensar identitário a partir intercultural [Fornet Betancourt]; (e) educação libertadora é poética, que proporcione aos educandos o exercício da subversão [Paulo Leminski].

Capítulo 7: (Re)Descobrir: um exercício de libertação

Existe uma anedota que pode ajudar a gente a repensar o nosso lugar, o nosso papel enquanto educador, enquanto estudante e enquanto ser. E, talvez o mais problemático de todos, o que é ser latino-americano. A ideia não é resolver essas questões, mas apenas repensar como uma forma de organizar-se para o exercício filosófico. Na anedota conhecida de muitos, proleia a seguinte situação: um elefante é um animal de grande porte, aparentemente forte e carrega uma série de atributos. Em circos, costuma-se utilizar elefantes presos pela pata com uma corrente e uma estaca no chão. A pergunta é, como é possível ele não se soltar? A conclusão é simples, certamente não é por falta de força, mas pelo condicionamento a que ele foi submetido desde pequeno, a submissão, a obediência e visão limitada, que lhe foi habituada a manter-se preso, em razão disso, não força desprender das amarras impostas. Hipoteticamente, o animal não foge porque desconhece sua força e não treinou sua capacidade de lutar.

Porque as(os) alunas(os) não fogem? Não é necessário muito empenho ou censo de observação aguçado para perceber as trancas opressoras que se fazem presente no espaço escolar. Talvez caiba uma pergunta a esse tipo de comportamento: o comportamento opressor de parte daqueles que frequentam o ambiente escolar é o reflexo da sociedade ou essa postura irá determinar o funcionamento da sociedade? No ambiente escolar, em especial na escola pública no Brasil, em geral, expressamos nas salas de aula, nos corredores, na porta da escola e até mesmo na sala de professores, prestamos o desserviço em desumanizar (acorrentar) ao inferiorizar determinados grupos sociais, tais, como negros, mulheres, lésbicas, travestis,

idosos e/ou todos aqueles que foram colocados à margem por não corresponderem ao padrão do patriarcado-burguês, por isso,

a ética torna-se o último recurso de uma humanidade em perigo de extinção. Só a co-responsabilidade solidária, como validade intersubjetiva, partindo do critério de verdade vida-morte, talvez possa nos ajudar a sair com dignidade do tortuoso caminho sempre fronteiro, como quem caminha qual equilibrista sobre a corda bamba, entre os abismos da insensibilidade ética irresponsável para com as vítimas ou a paranoia fundamentalista necrofílica que leva a humanidade a um suicídio coletivo (DUSSEL, 2012, p. 574).

Talvez seja o brutal impacto na vida de homens e mulheres, que separa o mundo em dois universos distintos, aqueles que foram educados e aqueles que não tiveram oportunidade de ser educar, que poderão entender que não há razão para o aprisionamento do elefante. A brutalidade em não carregar a consciência sobre o mundo em que vivemos nos coloca numa situação de refém dos outros e de nós mesmos. A sutileza daqueles que utilizam da má-fé intelectual para colocar parte dos seres humanos numa condição de inferioridade utilizando de estratégia da dominação e exploração.

Essa é uma tentativa de pensar a filosofia da libertação relacionando com uma concepção de educação libertadora, a partir de alguns pensadores latino-americanos foi possível refletir sobre o impacto de um desastroso processo de colonização e opressão [o elefante amarrado na infância continua se achando impotente para romper a frágil corda da opressão]. A ideia de libertação que cada ser humano, consciente ou não, guarda dentro de si mesmo em algum momento irá se acentuar por acreditar que homens e mulheres livres constroem pontes e os opressores erguem muros [nesse caso, o elefante apenas precisa saber que é um elefante]. Tendo como referencial principal a concepção de libertação de Enrique Dussel, a ruptura da opressão ocorrerá por meio de uma ética da libertação. A reflexão parte da necessidade em entender o processo de opressão durante o período do falso “descobrimento” ao enfrentamento do modelo colonizar burguês que se impõe no ambiente escolar nos dias atuais. O real propósito é convergir uma prática poética pedagógica libertadora atrelada a uma filosofia da libertação, afinal de contas, o elefante continua preso porque alguém acha engraçado, porque alguém paga pra assistir “o show”, em outras palavras, *“se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”* (FREIRE, 1987.p. 52). Ou ainda, em outras palavras, *ditas por Enrique Dussel: “Somente se pode desejar a liberdade. A libertação do Outro que é o pobre, a partir dele e não a partir da totalidade, que é quem realmente pode instaurar uma política de justiça.* (DUSSEL, 1979, p.19).

A filosofia da libertação se apresenta como um caminho possível para a construção de uma pedagogia-poética-libertadora que carrega como princípio um reconquistar por meio da

representatividade, que possibilite a significação da voz daqueles que foram silenciados. É uma proposta analética que tem como fundamento escutar o Outro. O pensamento pedagógico libertador é aquele que viabiliza na relação professor/aluno se conecta a partir da reafirmação enquanto indivíduos portadores da mesma herança, que se efetiva a partir de um exercício de inclusão expresso por meio de uma ética que garante a existência de si e do próximo. A filosofia latino-americana se efetiva na conquista através da empatia pela luta dos moradores de ruas, dos sem-terra, das mulheres, dos LGBTQIA+ e todos aqueles e aquelas que foram silenciados, sendo a consciência social o caminho para se promover um futuro mais justo.

A exposição desse capítulo trouxe três perspectivas para pensar o ensino da filosofia latino-americana no Ensino Médio: a primeira, o falso “descobrimento”, como sendo o fator histórico que nos colocou numa posição de elefante acorrentado; a segunda parte, buscar entender o que seria uma filosofia na libertação ou ainda a construção de um pensar filosófico na América Latina [Como é possível se libertar?]; e por último, como pensar uma educação libertadora, tendo em vista, a perspectiva de uma prática docente que permite a libertação dos estudantes [Por que não nos libertamos?]. Pois bem, pensar uma educação a partir da América Latina é pensar como devemos nos desvencilhar do circo que aprisiona, e continuamos presos por acreditar que estamos amarrados, nesse caso, se libertar é entender que a corda não é resistente e que o tronco não é grande, mas apenas um imaginário.

CONCLUSÃO

Ao entardecer as folhas das araucárias tremulam em frente à luz do pôr do sol, onde se produz uma paisagem extasiante entre a vida iluminada e a noite que gestará um novo amanhecer. E aquela paisagem que dia a dia repagina o viver, cenário onde as(os) jovens adolescentes esperam a hora da aula. Ali situa-se a vista mais privilegiada da escola, uma varanda de frente para o pôr do sol. Na mureta de altura mediana, localizada na parte superior da escola, serve de acento para o descanso e aconchego da boa conversa e as deliciosas risadas daquelas(es) que têm muito a viver. Aos poucos vão chegando do trabalho rotineiro ou veem do convívio familiar, aos poucos vão se aglomerando para alguns minutos de convivência. Esse é o instante de encontro, onde se troca ideias e narra-se histórias vividas, de coisas que aconteceram, dos dramas que estão vivendo e dos sonhos a realizar.

É o momento de brincar de viver, onde a graça brota da alma.

É lugar de se chegar mais perto sem censura.

É a hora do abraço.

É o instante em que cada um pode ser o que quiser ser.

São pouco minutos que o pôr do sol ilumina o viver de uma juventude talvez (in)satisfeita com aquilo que o mundo tem a oferecer, (in)quieta com as atribuições de um mundo que exige cada vez mais e oferece cada vez menos. E nesse ambiente (lugar) míseros minutos (tempo) que a vida acontece.

E nesse espaço-tempo desvenda-se a festa da vida. E, é nesse instante que o modo de viver é interrompido pelo sinal da escola. O aviso interrompe o funcionamento da naturalidade das relações humanas em troca de aulas que ofertará supostas verdades, que “guiará” a vida de “todas(os)”. O viver é interrompido pelo “aprender a viver”. É o instante em que se deixa de falar da gente para aprender sobre outras gentes. Deixa-se de falar entre eles(as) para falar para elas(es).

É enquadramento no regulamento para alinhar a ordem e a disciplina que transforma seres (homens e mulheres) livres em homens colonizados.

POSFÁCIO

Josemi Teixeira Medeiros

Entre filosofia e poesia: libertação ou morte

Nem somos daqui, nem somos de lá.
Estamos por aqui... e muitos querem viver por lá.
Somos um pedaço da terra sem terra
Braços do sonho daqueles que continuam a nos comprar
Se não é possível curar a sina,
Se não queres curar a dor
Se não pode reparar as lágrimas
No trunfo da morte encontraremos a liberdade.

Se aqui fosse um instante de antes
Se fossemos antes de ser Brasil,
Se hoje fosse antes de ontem
Se os filhos do passado fosse os pais do presente
Se América Latina antes fosse a de hoje
Se os filhos do quilombo,
Fossem herdeiros da colônia
Talvez a sombra dos amputados em sonhos
De um mundo impossível de ser nesse mundo
Poderia se fazer em muitos mundos possíveis

Mais poesia
Nas veias abertas da ameríndia
Onde se vive a mercê sem merecer
Se perece mesmo com prece
Com desatinos que dribla o destino
De um hoje que parece ontem
De um amanhã sem amanhecer

Tomara que fique a lição
Em lição de (dí)vida
Se transforma letras em liberdade
Precisa evidenciar as tortuosas linhas de palavras
Em palavras tortas que muda em ventos
Da imaginação que se delinea
Num horizonte sem caravelas
Aquele que a vida precisa deletar

Em quadros (enquadro) negro sem letra
Sabotados pelas folhas da pele branca
Indiferente ao preto que se diz em tom grafite
Gravado na memória sem história
Linhas imaginária que nos transformam em estrangeiros

Em vez de caneta e papel
Se vive a margem da linha
Da esmola dos desmiolados

Se a vida fosse organizada poeticamente
Certamente a mente não demente
Numa ciranda de vida não faltaria sentido.
Ir ao encontrar o outro é libertação.
Liberdade individual precisa ser universal.
Filosofia produtora de mundo induzidos,
A poesia se produz desejo
Em assimetria injusta tem como pena a desigualdade
A vida foi minguada

Exótico e atrasado
língua que não consegue dizer
O que se sente na pele e
Que se passa na mente
Da boca de insulto
Surta
Desanima
Descolonização
Virou a esquina.

Pesticidas desenfreado
Que tampa os olhos e escancara a boca
De um gado que berra por sangue
Exumados às profundezas da história
Patriarcado e escravagista,
Que aclamam a tirania
Vozes cavernosas
Que cavam a própria cova
Mitigados aos mausoléus dos miliciados
Independia ou morte,
Apenas muitas mortes
Mentalidade câncervadora

Se prefere viver em paralelo
De uma tempestade que seca os sonhos
Na carnificina gerida pelas mãos brancas
Do sol nascente que não nasce
A vida não será (a)pagada

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BORNHEIM, Gerd. **Conceito de descobrimento**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- Calle 13. **Latinoamérica**. Artistas em destaque: Susana Baca, Totó la Momposina, Maria Rita. Porto Rico, Sony BMG, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DkFJE8.ZdeG8>, Acesso em: 20 de jan de 2020.
- CASAS, F. BARTOLOMEU DE LAS. **O massacre dos nativos: na conquista da América espanhola**. Le book, 2017.
- CESAIRE, Aimé. **O discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: livraria Sá da Costa Editora, 1978.
- CHAMIE, Mário. **O tolo e o Sábio**. In Caravana Contrária: poemas. Geração Editorial: São Paulo, 1998.
- DESCARTES, René. **Meditações**, São Paulo: Abril Cultural, 1973
- DUSSEL, Enrique. **Filosofia da Libertação: crítica à ideologia da exclusão**. 2ª ed. São Paulo: Paulus: 1995.
- DUSSEL, Enrique. **Ética comunitária: libertar o pobre**. Petrópolis: vozes, 1986.
- DUSSEL, Enrique. **1492: o encobrimento do Outro** – a origem do mito da modernidade. Petrópolis: Vozes, 1993.
- DUSSEL, Enrique. **20 teses de política**. São Paulo: Expressão popular, 2007.
- DUSSEL, Enrique. **Método para uma Filosofia da Libertação**. Trad. Jandir João Zanotelli. São Paulo: Loyola, 1986.
- DUSSEL, Enrique. **Europa, modernidade e eurocentrismo**. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Org.: LANDER, Edgardo. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- DUSSEL, Enrique. **Filosofia da libertação: na América Latina**. Piracicaba: Edições Loyola, 1977.
- DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação: na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Lisboa: Ulisseia, 1961.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FANON, Frantz. **Em defesa da revolução africana**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1980.

FORNET-BETANCOURT, Raúl. **Transformación Intercultural de la Filosofía**. Concordia, Reihe Monographien – Band 37. Wissenschaftsverlag Mainz, Aachen 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 36ª edição. Rio de Janeiro: Paz & terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um encontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz & terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Conscientização, teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Moraes, 1980.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. 44 edições. tradução de Galeno de Freitas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GARCÍA-JOHNSON, Oscar; ACOSTA, Milton (Org.). **Conversaciones teológicas del sur global americano: violencia, desplazamiento y fe**. Espanha, Puertas abiertas, 2016.

GREGOR, Thomas., **Povos indígenas no Brasil - Povos Mehinako**. Publicado em 2002. Acesso em 10 de out de 2019. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Mehinako>

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo, brasiliana, 1969.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo. 2013. Editora Martins Fontes, 2013.

JECUPÉ, Kaká Werá. **A terra de mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio**. São Paulo: Editora Petrópolis, 1998.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRACHENSKI, Naira; STADLER, Thiago. **História, colonialismo, epistemologia: Aimé Césaire, Frantz Fanon e o pensamento decolonial**. Revista estudos libertários (REL), UFRJ, Vol. 1. Rio de Janeiro, 2019.

KUSCH, Rodolfo. **Geocultura del hombre americano**. Buenos Aires: Estudios Latinoamericanos, 1976.

LEMINSKI, Paulo. **Caprichos & relaxos**. 3ª Ed. São Paulo: brasiliense, 1985.

LEMINSKI, Paulo. **Catatau**. São Paulo: Iluminuras, 2004.

LEMINSKI, Paulo. **A cultura letrada está morrendo**. In: Escrita: revista mensal de literatura. Rio de Janeiro: Vertente, ano IV, nº 28, p.55-58, 1978. Acesso em link <http://www.arquivoabreviado.com/wp-content/uploads/2018/04/leminski.pdf> .

LEMINSKI, Paulo. **Catatau**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 1989.

LEMINSKI, Paulo. **Toda Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LEMINSKI, Paulo. **Vida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LEMINSKI, Paulo. **A pau a pedra a fogo a pique: dez estudos sobre a obra de Paulo Leminski**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2010.

LEMINSKI, Paulo. **La vie en close**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LOUREIRO, Irene. **Como pendurar roupas para secar**. Canal como faz. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W9zc2_ned7I>. Acesso em: 14 de set. 2019.

LUCERO, María Elena. **Resistir juntos, desencanto y conversión estética em poéticas brasileira**. ALEA | Rio de Janeiro | vol. 20/2 | p. 244-256 | mai-ago. 2018.

MANCE, Euclides André. **Desafios que a Filosofia da Libertação Enfrenta**. Solidarius, 2020. Disponível em: <http://www.solidarius.com.br/mance/biblioteca/desafios-fafimc.htm>. Acesso em: 10 de novembro de 2020.

MC CAROL. **Não foi Cabral**, 2016. Álbum: Bandida. Rio de Janeiro, Funk Music, 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XchG_QRQ6Rc

MUNDURUKU, Daniel **Olhar Indígena: Daniel Munduruku fala sobre educação**. Povo Munduruku-PA, Vídeo Publicado em 1 de fev. 2012. Acesso em 02 de abril de 2020. <https://www.youtube.com/watch?v=WSyjdC4QKsE&t=467s>

NEVES, W; PINHEIRO, P. **O dia em que o morro descer e não for carnaval**. Álbum: O Som Sagrado de Wilson das Neves. Rio de Janeiro, Gravadora Cid, 1997. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mr0ZUETRnJk>

PACHECO, Ana Paula. **A arte através do tempo: uma análise iconográfica dos desenhos xinguanos**. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2015

PLATÃO. **Fédon**. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

RIBEIRO, Djamila. **O que é o lugar de fala**. Belo horizonte: Letramento, 2017.

SARMIENTO, Richard Thibes. **A formação do povo Guarani: Pedagogia intercultural indígena Guaranai**. Escola Indígena Guarnai Wheará Tupã-Poty. Disponível em: <<https://youtu.be/gbW8eyQIzI>>. Acesso em 02 abril 2020.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaio de fenomenologia ontológica**. Tradução de Paulo Perdigão. 5º ed, RJ: Vozes, 1997

SUASSUNA, Ariano. **A pena e a lei**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: agir, 2019.

VARELA, Carlos. **Muros y puertas**. Álbum Nubes, 2000. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D-10VQQtAnw>

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. Tradução de Maria Encarnación Moya. 2ª edição. São Paulo: expressão popular, 2011.

VELOSO, Caetano. **Um Índio**. Álbum: Circuladô vivo. Rio de Janeiro: Gravadora Universal Music, 1992. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MpdP5G3cpSo>

WITTGENSTEIN, L. **Tratado lógico-filosófico**. São Paulo: Edusp, 1994.

ANEXOS

ANEXO 1 – Crônicas de Varal

1. Crônica de Jequetiba - Varal de outrora

Ainda hoje relembro varais pelos arredores da casa dos avôs, lugar de liberdade, brincadeiras de infância que não voltam mais... Só recordações! Com o passar do tempo percebe-se que ali não estavam apenas roupas estendidas, ali morava a felicidade. Felicidade e liberdade hoje, difíceis de encontrar. Uma vida escassa de improviso, ar livre e natureza. Em tempos de vidas cercadas de grades, cercas, muros altos e tecnologia, ainda há quem busque paz, tranquilidade e presença no varal da vida que outrora, cedo ou tarde, não estará mais ali. O vento corre com os cães, tempo que passou, vento que soprou, saudade que ficou.

2. Crônica de Maricá - Sobre danças e roupas

Roupas dançando ao vento, se agitam através das recordações, alcançando no interior. É um sentimento de saudade imensa, que veio ao encontro do coração, [que se] encontrou com a alma. No perfume do sabão de pedra, o cheiro forte de grama verdinha e o pinheiro bailando no quintal, [montaram o cenário da lavagem. Em cada lembrança se transformou numa criatura viva, desfilando pelas corredeiras da imaginação. É a saudade do interior pendurada no coração.

3. Crônica de Canjarana - Cicatrizes Enferrujadas

As marcas do passado permanecem como cicatrizes na pele de um veterano de guerra, com as vestes gastas, passadas de geração em geração. A corrosão do passar dos anos não ocultam a história por trás da mesma. O passar dos anos aumentam gradativamente a quantidade de marcas deixadas pela constante mudança aos arredores. Sua aceitação e meio aos novos padrões, geram cada vez mais especulações, e as perguntas não se calam? Eu sou o mesmo, bem vindo ao meu mundo?

4. Crônicas de Erva Mate – Teus passos

Naquela tarde calorosa daquele dia, com o céu todo azul e ensolarado, enxergou-se uma vida a ser exposta ao mundo. A vida com tanto brilho está sempre a sonhar, a imaginar como será daqui a alguns dias ou a daqui algumas horas. Mas, quem algum dia poderá saber? Então,

olhando para o alto percebo que o brilho tinha de algo que me enchia de paz e harmonia comigo mesmo. Confiar, entregar, descansar... Mas, o que é aquilo seria ser não um cabide de história. Guardiã das vestes de lutas e de glórias, solene expositor das peças que contam lágrimas e vitórias, onde estão tuas moradas? Teus passos jamais alguém conhecerá a não ser tu mesmo...

5. Crônica de Jenipapo – Linhas do tempo

Nas linhas do varal, as histórias aumentam em casa peça de roupa, sendo novas ou antigas. Histórias boas ou ruins que passam de pessoa para outra. Em um ambiente fechado e em pouco espaço se encontram roupas limpas com cores vivas demonstrando um ambiente feliz e com amor e muito espaço para histórias novas, com momentos inesquecíveis que narram as voltas da vida. As roupas antigas contam histórias longas e até de pessoas que tiveram momentos com tais roupas que até passaram para outras pessoas, em que aumentava ainda mais as histórias.

6. Crônica de Embaúbas – Roupas limpas são histórias passadas

O varal, lugar de roupas limpas, as roupas que são lavadas logo ficam encarcadas, e são esquecidas pelas pessoas que lá as deixaram. As roupas são balançadas ao vendo, dando sinal que já secaram. Assim como as roupas do varal que ninguém vê secar, e o tempo que passa num piscar. No varal também há história de muitos dias nem sempre bons, nem sempre ruins, mas dias que impactam muita gente ao olhar para o meu varal. Lembro-me de roupas que usava e do sentimento sentido. Assim também lembranças se vão a cada roupa que lavo na mão.

7. Crônica de Pinheiro – Separados da casa

Ao passado deve-se separar as vestes das coisas, lazer das responsabilidades, do dia a dia cansativos, da sujeira e de todas as coisas pesadas. Aliviar o espírito, depois de todo o estresse. Pedalando para superar os dias após dia. Subindo na vida, exercitando os conhecimentos, mas sempre mantendo o equilíbrio. Pedalar para amadurecer mentalmente e assim aprendendo a lidar com situações difíceis.

8. Crônica de Capixingui – Colocar conforto nos pés para a longa caminhada da vida

Usamos meias desde o princípio da nossa vida, em cada dia vivido, na infância, na adolescência ou na vida adulta, até o fim dos nossos dias. Cada par de meias carrega uma história, uma lembrança, como as aventuras e desventuras, tragédias e momentos de euforia, tristeza, ansiedade, encontro em cada passo um juntar-se a nós.

9. Crônica de Ingá – Roupas limpa

Em minha frente vejo várias histórias. Todas estendidas na mesma linha, em frente a uma casa que já viveram novas histórias... em minha frente vejo uma fortaleza de histórias. Cujas maioria dessas histórias foram vividas com todas forças... forças aquelas que nos sustenta como um varal. Mas algumas dessas roupas caíram como um vendaval, qualquer vendaval emocionais, que tornaram as roupas peças frágeis. Simples e ao mesmo tempo complexas, com vários objetivos e ao mesmo tempo manter as roupas no varal até secarem e finalmente serem usadas. Todas as roupas, neste grande varal sem fim... ainda formaram um só varal.

10. Crônica de Uvaia – Minha vó cuidava do varal

Olhando este varal me vem muitas lembranças, me lembram quando eu era pequena e minha mãe com minha avó estendiam um tapete ao lado casa delas. Elas colocavam meus brinquedos para eu brincar enquanto estendiam roupas, ai que saudades de quando minha única preocupação era brincar, não me importava com nada, somente tem brincar. Hoje olhando este varal vem no meu peito o apertar da saudade, lembro me também da minha vózinha que aqui já não estar mais, a saudade apertada no meu peito sem dó, tenho tantas lembranças da minha infância, talvez voltar no tempo seria bom, mas é algo que infelizmente não se pode ter o privilégio de voltar. A vida poderia ser como as roupas sujas, que lavamos e depois voltamos a usá-las novamente, como se fossem novas.

11. Crônica de Cedro – Roupas estendidas é solidão

No varal há uma pessoa tentando esconder seus sentimentos. Ela finge que tem poucas ou nenhuma, não consegue se expressar. Pois, essas cercas são muralhas, que vivem presas em apenas um lugar. O medo impede de tentar coisas novas, por temer o fracasso. Na muralha existe uma abertura pequena e estreita, onde as pessoas desistem no meio do caminho, mas se conseguir alcançará a felicidade, que ultrapassa os limites da solidão. Felicidade é um caminho simples, mas não tem placa, é fácil se perder, sua família e amigos é bússola, que sempre vão te guiar e proteger.

12. Crônica de Bagaçu – A inimiga da perfeição

Em um varal vejo pessoas com muita pressa, que estende suas roupas correndo. Pois, talvez estivesse atrasada para o trabalho ou para algum compromisso. Uma pessoa que colocou as roupas no varal, mas na colou os grampo em cima das roupas. A imagem pode ser também

comprada com sua vida pessoal, pois uma pessoa que não tem tempo de organizar suas roupas, imagine sua vida. O que era para ser previsão de tempo acabou se tornando um raciocínio de sua vida, obtendo um olhar da pressa de ser. Não adiante ter pressa, com seus deveres, pois a pressa é inimiga da perfeição.

13. Crônica de Sarandi – Linha estendida de cores e pensamentos

O varal da minha casa parece um jardim, repleto de flores, pois é composto por muitas cores. E isto significa, o que? Que a minha família é alegre, as várias cores demonstram isto! Uma família feliz é a base da vida, se somos felizes alcançamos todos nossos objetivos. Mas, como um varal pode dizer tanto sobre uma pessoa? Uma pessoa com cores mais vibrantes são pessoas mais alegres, já pessoas com roupas neutras, por exemplo que usa preto e branco traz a impressão de que a pessoa é menos alegre. Podemos comparar o varal também como uma linha de pensamento e as roupas lá estendidas como novos pensamentos, um simples varal nós faz pensar em tantas coisas, que por isso ele se torna importante. Qualquer coisa é uma base de pensamento, pensar que nos faz sermos quem somos.

14. Crônica de Mutambo – O tempo de voa

Uma criança que cresce é uma camisa que se perde. As roupas lavadas de hoje lembram as brincadeiras de ontem, a roupa suja de comida fazem lembrar a primeira alimentação do dia. Crescer é perde-se, mas também é descobrir-se desde do aprender a engatinhar e andar, a criança descobre que também pode falar. A imensidão do mundo é de mais para ela, com o olhar cheio de brilho a criança revela. Crescer é perde-se, mas também é ganhar-se a criança que se perde e o homem que nasce.

15. Crônica de Gurucaia – Árvores de cores

O estender e as árvores, em tapete verde natural se estendem as histórias, as histórias que vem e vão. Ao lado os vizinhos, amarelo, branco e vermelho. Com os pés no chão se estende as histórias e as intimidades. A divisória de maracujá que deixa a desejar, a laranjeira ao lado que é linda de olhar. As roupas coloridas que pertencem a cada membro de uma família, em verde, azul e vermelho, tudo isso visto do fundo de uma casa.

16. Crônica de Gurucaia – Trapos

Panos de prato não são apenas trapos, que são utilizados para enchugar ou limpas, mas sim panos que contam uma história de vida. Eles passam por vários lugares até chegarem em

nossa mãos, passam até pelo momento de enfeite para ficar bonito. Mas, quando estão escuros, sujos e molhados todos rejeitam e acabam jogando para lavar, eles lá tristes dentro de um cesto cheio de novidades, eles não tem apenas sua história, mas também a vivência quando se encontram com objetos que sei lá de onde viveram, mas quando estão de lado jogados em um cesto eles sabem que tem pessoas que admiram. E levam para lavar e colocam para secar, é como se voltasse a brilhar. E, lá ficam eles em um varal cheios de panos de prato ao sol para logo voltarem a sua rotina, revigorados e cheio de energia. Nunca esquecendo que por mesmo que seja um trabalho duro e pesado, que poucos dão importância a eles, mesmo assim possuem um valor. Não devemos se prender às opiniões de terceiros, mas ter a certeza que cada coisa em seu devido lugar tem seu devido valor.

17. Crônica de Jaracatiá – jogos de lembranças

Foi através da varanda que demonstram o mundo real. As lembranças estendidas ao ar livre são histórias de ontem. O mundo era visto pelas vestes. As blusas representam o peito coberto. Lavamos as roupas para jogar as lembranças antigas, pois “águas passadas não voltam”. Uma simples peça de roupa pode significar o olhar de cada um, uma viagem em um dia especial.

18. Crônica Painera – Uma secagem de roupas

Num belo dia de calor extremo, os pingos caem sobre folhas secas. As toalhas balançam ao vento em segurança, com o portão de ferro e o muro enorme, a iluminação que vem do sol aquece o nosso mundo. As cores das roupas apresentam o estilo de vida da nossa família.

19. Crônica de Pitanga – Sentimentos em varal

No varal ao ar livre, se destaca uma realidade em cada veste. O objetivo é mostra-se ali um pouco de lembranças e realidade. A realidade exposta em um quintal aonde todos vêm e pouco dizem, somente o olhar observador será capaz de perceber que existem pessoas que vivem ali. Pois, mostra que há uma pessoa sem medo de expor sua realidade e suas lembranças, e não é necessário fingir, ali estão às coisas como elas são. Ali se expõe a realidade, sem medo de julgamento e do fracasso, analisamos que cada realidade existe sentimentos vivos.

20. Crônica Capixingui – Tempos de varal no quintal

Lembra-me de quando era pequeno, onde morava em uma casa humilde com meus pais e meus irmãos, não tínhamos muitos recursos e minha mãe passará muitas horas no tanque,

pois éramos em muito e minha mãe lavava muitas roupas. Ela estendia todas as roupas, que ocupada todos os varais que tinha no quintal. Eram muitas, todos cheios de roupas, ficavam todas mutuadas e voava com o vento, em nós as crianças brincavam na sombra embaixo das roupas que estavam secando. As roupas da minha mãe eram a sombra para minhas brincadeiras.

21. Crônica de Erva Mate - De lado a lado

Apenas um varal? Não, ele deixa de ser quando olhamos a fundo e abrimos nossa imaginação e coração pra realmente olhar o fato. Roupas penduradas nos fios uma o lado da outra, como palavras distribuídas nos versos de crônicas. Crônicas como qualquer texto tem o toque do autor que estendeu cada expressão e sentimentos a maneira de cada um. Como a dona de casa, que mesmo em um varal deixou seus costumes e a intimidade de suas roupas dispostas a seu modo. A filosofia é exercício demorado para se aperfeiçoar, assim como a dona de casa que passa anos treinando maneiras que ajudem a melhorar a forma em estender suas roupas. É possível por trás dos varais, existam laços tão forte quanto às linhas que compõem as cordas estendidas para expor as roupas. A vida precisa ser tão forte quanto os pegadores que seguram as roupas nos varais.

22. Crônica de Jenipapo – O varal dos sentimentos

As cores expostas ao sol. Vemos aquilo que não sentimos no dia a dia, tanto boas quanto ruins. É assim que nós somos e vivemos, expostos entre sol e cores. Através do branco, temos o sentimento de paz. O olhar escuro desperta sentimentos de perda. Não se expõe apenas roupas, mas expomos sentimentos.

23. Crônica de peroba - Entre duas paredes

Numa tarde de sábado, no início da primavera existem alguns indivíduos de tecidos, de tamanhos e cores diferentes. Alinhados, mas não organizados. Escondidos entre duas paredes com as histórias perdidas na lavagem. O resto de história permanece enquanto penduradas, um pouco pinga e o evapora de qualquer forma se vai a esperança de um novo dia e novas aventuras. Na esperança de um novo dia e as novas aventuras.

24. Crônica de Peroba – A água que sobra da roupa lavada

Por trás das roupas lavadas se escondem sentimentos vivenciados, cansaço e lutas passadas. Em um canto fechado, a sombra das pobres roupas se mostra no gramado, até as paredes sentem o frio que elas passam. Com um olhar largado, elas de certa forma enrugadas

desejam estar novamente limpas e purificadas para um novo ritual. Aqueles pregadores que as roupas prendem, de forma alienada e segurando como se não aguentassem mais o serviço de segura-las. Mas, as roupas permanecem impacientes até o fim do processo para um novo recomeço.

25. Crônica Maricá – Lembranças remotas

Hoje são apenas roupas vazias, nada de cor, muito menos amor. Naquele varal surrado depositam suas lembranças mais remotas. Dispondo de um espaço apertado e um tanto confinado, descartam suas memórias as deixando ir embora. Buscam novas vivências, mas sem esquecer das antigas experiências. frase p exposição: "apenas roupas vazias, nada de cor, muito menos amor".

26. Crônica de Canjarana – histórias lavadas

Roupas estendidas são momentos passados, aromas nelas colocados, lugares visitados. Sentimentos que vão embora ao passar pela água com sabão e renovados ao entrar em contato com a luz do sol. Histórias lavadas, com o início da escolha no guarda-roupa e fim ao serem deixadas na máquina de lavar. “Tecidos que chegam com cheiro de suor e com “sangue”, pois se mata um leão por dia. “Se mata um leão por dia”.

27. Crônica de Araucária – O brilho da vida seca roupa

Na tarde calorosa daquele dia, com o céu todo azul e ensolarado, enxergou-se uma vida a ser exposta ao mundo. A vida com tanto brilho está sempre a sonhar, a imaginar como será daqui a alguns dias ou a daqui algumas horas. Mas, quem algum dia poderá saber? Então, olhando para o alto percebo que o brilho tinha de algo que me enchia de paz e harmonia comigo mesmo. Confiar, entregar, descansar... Mas, o que é aquilo seria ser não um cabide de história. Guardiã das vestes de lutas e de glórias, solene expositor das peças que contam lágrimas e vitórias, onde esta tuas moradas? Teus passos jamais alguém conhecerá a não ser tu mesmo.

28. Crônica de Cambará – Amontoados e atordoados

Na mais voraz e obscura lembrança se vêem em mente seu rosto, um profundo pesar por chegar a esse ponto. Ali se encontra uma parte sua e infelizmente outro ódio nascendo. Aqueles mundos amontoados de dias que se passaram, nada vejo mais, o que se tornou? Que rumo tomou? Não sei. E suas escolhas refletidas em gente como os dentes de leite, uma cópia

autêntica sua, isso não é bom. Não sinto orgulhos, não criei um monstro. Você ainda não aprendeu nada além do seu ego inflado por coisas inacabadas.

29. Crônica de Canafístula – Roupas lavadas

Da sacada observa-se as roupas tão pequeninas... A grama que precisava ser cortada. Naquele dia, os cachorros até haviam dado uma trégua e saído de debaixo do varal. Pois, o calor estava absurdo, o que é ótimo para secar roupas, mas para os doguinhos estava exaustivo e o varal lhes proporcionaria uma bela sombra. As roupas, tão pequeninas, que carregavam em si muito amor. Roupas que foram lavadas, após um dia de muita risada, e sem dúvida de muitas descobertas. Roupas usadas pelas crianças, que representam as mais alegres do mundo. Se aproveita os bons momentos, pois quando passam ficam só as lembranças. CARPE DIEM!

ANEXO 2 – Poesia em Cordel

1. Existencial.....	130
1.1 Existencial - - Recomeçar novamente	130
1.2 Existencial - A vida é bela	131
1.3 Existencial -- Vida Maria	133
1.4 Existencial - Para você dar nome	135
1.5 Existencial - Roubaram minha vida	137
1.6 Existencial - O não nascido	138
1.7 Existencial - Tempo	140
2. Questão Racial	141
2.1 Étnico-racial Violência urbana	141
2.2 Etino-racial -- A cor que mais valia	143
2.3 Etnico- racial - Escravidão do passado.....	146
2. 4 Étnico-racial - Minha pele	147
3. Sobre Gênero.....	149
3.1 Gênero - Mundo das aparências	149
3.2 Gênero - Abóbora da Feira	152
3.3 Gênero – Isabelle B. Camargo	154
4. Sobre o falso “Descobrimento”.....	156
4.1 Falso descobrimento	156
4.2 Descobrimento - Uma ganância	157
4.3 Descobrimento - Suposta Colonização	158
4.4 Descobrimento - Descobrimento e “estórias”	160
4. 5 Descobrimento - Tormenta	161
4.6 Descobrimento - Descoberta.....	162
6. Feminismo.....	163
6.1 Feminismo	163
7. Sobre os Indígenas.....	166
7.1 O desabafo de um índio	166

1. Existencial

1.1 Existencial - - Recomeçar novamente

Quando a vida lhe bater
E sua alma chorar
Quando esse mundo pesado lhe ferir, lhe esmagar
É hora de recomeças
LUTAR

Quando tudo for escuridão e nada iluminar
Quando tudo for só medo e você não duvidar
É hora de recomeçar
Recomece a ACREDITAR.

Quando a estrada for maior que o previsto
E seu corpo definhar
Quando não houver uma luz
É hora de recomeçar
Recomece a CAMINHAR

Quando o mal for evidente
E o amor se esconder
Quando o peito doer
Quando o abraço faltar
É hora de começar a AMAR

Quando você cair
E ninguém estar por lá
Quando a força conseguir lhe derrubar
É hora de recomeçar
Recomece a LEVANTAR

Quando a fé faltar
E decidir lhe pegar,
Se for difícil agüentar...
É hora de recomeçar
Recomece a SONHAR

É preciso de um final
Para poder recomeçar
É preciso cair, chorar e gritar,
Para poder se levantar
Nem sempre engatar a ré
Significa para algumas horas de voltar

Remarque aquele encontro perdido
Reconquiste o amor sofrido
Reúna os amigos que lhe querem bem
Reconforte o CORAÇÃO.

1.2 Existencial - A vida é bela

Em cada caso
Um grito de coragem
Eu sou de silêncio covarde.

Ao raiar do sol
Um ânimo ao brilho do luar
Um desânimo.
Sobre vários sons muito não entendem
Os meus barulhos.
Será no silêncio a escuta

Entre afeto e reciprocidade
Quem demonstra sempre é desligado.

Tudo na vida tem um propósito,
Nada acontece ao acaso.

Certas pessoas vão embora,
Para que outras pessoas cheguem.

Ou, as vezes alguém chega,
Por causa da ausência de outras.

Muitos dizem
“Hoje eu não saio”
Mas, poucos dizem
“vou dar um jeito”

A distância pode impedir
Um abraço, um beijo, um toque.
Mas, não pode impedir um sentimento.

Uma vida baseada em motivar as pessoas,
Com palavras que eu não também preciso ouvir.

Palavra é atividade,
Sevem para andar juntas
Senão é possível de queda.

Hoje em dia o mundo estas em apuros,
Em pura violência.

Hoje em dia esse mundo,
Os futuros pais e mães estão com medo.

Medo de deixar os filhos e filhas
Viverem nesse mundo de violência.

O mundo de hoje em dia.
Precisa de mais,
Mais não muito mais.
Amar e compaixão ao próximo.

Mesmo que demore
A pessoa certa chegará a esse mundo,
Em dias certos.

Basta esperar não importa o tempo,
Seja paciente,
Seja a paciência.

1.3 Existencial -- Vida Maria

Vida Maria, uma vida
Sem eixo e sem linha.
A vida que poucos geraram,
Gerada na pele da solidão.

Um eixo que só a própria Maria entende.

Que o sofrimento mais novo
Que o desejo de ser reinará
Um desejo que não foi realizado
Por motivo do não desejar
De alguém que convivia ao seu lado.

O tempo passa e nada muda
O continuo sem lixo,
Sem linha ou sem vida,
Por muito tempo passado
Desacreditou-se

Ali, várias gerações cresciam,
Como indivíduo do mesmo destino
Onde tudo parece que passava despercebido.

O aprendizado não evoluiu para maioria,
Sua vontade era aprender o seu próprio nome
Na escrita da vida.

Mostrando que foi um explorado sem eixo,
Sem rumo e com diversos desejos.
Guerreiro continua a vida com vontade de aprender.

E com a passa dos anos a geração crescia.
Maria via a vida com os olhos de sua mãe.
Por muito tempo vivia a sua maneira
E, é a ilusão onde ela se realiza.

Em seu próprio reflexo
Deu o mesmo exemplo que viveu
Para sua única filha.

Aquela que queria o mesmo desejo,
O aprendizado que sua mãe tanto desejou.
Da mesma pessoa que sonhou
E que não realizou

Já não via como prosseguir
O interrompimento de sua própria vida.
Por sua vez, nada prosperou

O sem rumo continuou

Exalando a mesma ingratidão.
Porque dias melhor não virão
Com o olhar ao sobre o passado
Tudo se repetia.

A vida de Maria prosseguirá a mesma
Como outras que já se passaram
Sem a luz no fim do túnel
Que não será realizada

Assim seguirá as vidas de Maria
Tudo sem eixo e sem linha
Aquela luz sobre a vontade de não ser.
Uma ilusão sobre aquilo que se realizará.

1.4 Existencial - Para você dar nome

Não ligue,
Minha está tão difícil.

Não sei o que fazer ainda
Tenho medo de me conhecer

Um vazio
Vazio
Me deixa assim
Longe de dados
Até de mim

Já tentei de tudo
Nada consegui
Espera aí
Ainda não desisti

É amores
Amores
De anos
Se tornam rancores

E se as forças
Minhas forças
Acabam
Simplesmente
O bem vou
Aos que desejam

Na covardia
Eu penso
Penso
Em resistir
Mais um dia

Vou tentar
Sorrir
Brincar
Tentar
Ficar

Não
Não quero me
Envolver
E depois
Depois enjoam de você

Vocês não pensam

Não pensam
No que EU
Tenho passado

Eu estou tentando
Ser menos
Paranóico
E mais simpático.

Ninguém tem culpa
Do EU
Ser
Problemática

Seria inocência
Tentam resistir
Faz parte
Do quebra-cabeça
Faz parte
De mim.

1.5 Existencial - Roubaram minha vida

Em uma hora qualquer,
De uma noite qualquer.
Iniciou-se o trajeto de uma pequena alma.
Já marcada pelo destino,
Que teria um caminho sofrido.

Sua vida pele era tão bela quanto seu branco sorriso.
Seus cabelos longos como as folhas de um salgueiro.
Era tão escura como a noite sem luar.

Tudo em si parecia tão perfeito,
Tão rico de olhar.
Nada que é tão bom tem o costume de durar.

Em uma hora qualquer,
De um uma noite qualquer.
Ao chegar em casa,
Deitou-se e caiu no sono.

Ao acordar, deparou-se
Com o pior dos pesadelos,
Sua boca que era tão rosada,
Já não tinha mais cor.
Pressionada com a maior das forças,
Seus gritar calou.

Naquela noite,
Com um ato de maldade,
O seu corpo foi violado.
E agora,
Sua pureza já não existe,
Deixou junto com a sua vida
Que na mesma noite acabou.

Tudo que sobrou um corpo gelado
Em um lençol branco ensanguentado.

Sua pele não tinha calor,
Seu sorriso tornou-se sem cor.
Seus cabelos perderam seu tom.
E ali, já não existia mais vida.

1.6 Existencial - O não nascido

Ninguém imagina o que se passa
O medo
Anseio
Desespero
Nada disso é estampado em seu rosto.

O medo do homem que agride
Da sociedade que julga
Da igreja que exclui
E das pessoas que apedrejam
Anseio de não serem entendidas

De serem espancadas,
Levarem a culpa
E ainda serem oprimidas

Desespero por não arrumar emprego
Ter que seguir padrões da sociedade
Ser considerada inferior,
Afinal, quem liga?
É só mais uma mulherzinha.

Já não se pode tomar decisões,
É necessário um homem
Que julgará todas as suas ações.

E se tiver um filho?
Se virá mocinha
Saiu da tua barriga
Vai ter que cuidar sozinha.

E nem pense em abortar
Abriu as penas, vai ter que aguentar
Bota mão na massa
Que ninguém vai te ajudar

Garota vê se não desiste,
Segue o baile
Não viva a vida triste
Erga cabeça, pense positivo.

E lembre bem
A trajetória é sua
Se você não luta
Tua ferida não cura.

Eles podem até tentar

Machucar esse mulherão
Não podem ignorar
O grito de um mulherão.

1.7 Existencial - Tempo

No tempo vivemos
No tempo estamos
Sem poder para-lo
Por ele nos passamos

Seja pra curtir
Seja pra estudar
Seja pra evoluir
Seja pra remediar

Todos temos 24 horas
Basta perceber
A vida é muito curta
Para se arrepender

Diante das regras e regras
Uma se sobressai
De peso universal
Para todos ela vale

Vivemos em mundo de causa e efeitos,
Tudo que se planta colhe
Seja vem, seja mal
Em dobro irá ter

Cada um lhe usa do jeito que quer,
Pressionado por aquilo que lhes convém
Seja família,
Seja trabalho
Seja amigos
Ou notas de cem

Diante a soberania do tempo
A reflexão me deixa insensível
Pensando em usá-lo
Do melhor jeito possível

Com vida de mão só
É o tempo não se volta
No passado
Não se olha no espelho do tempo.

Admiração do passado
Contestamento do presente
Expectativa do futuro
Assim que se entende
O tempo existente.

2. Questão Racial

2.1 Étnico-racial Violência urbana --- Genocídio

Essa é uma história surreal
Que não tem início
Já se tornou um vício
E que esperamos que tenha final

No Brasil, muita gente morre
Tudo se torna motivo
“não gosto da tua cor, da raça, do estilo”
Basta (ou não) um vacilo

Hoje tudo se tornou “fobia”
Medo ode gente!
Do diferente
Só de olhar, da agonia

Tudo surge de julgamento
Um pré-conceito mal elaborado
Um olhar alterado
De uma pessoa sem nenhum jeito

Mostro destruidores de futuro
Destrói a vida de sonhadores
Descontrói o amanhã de famílias
Como flores despedaçadas ao chão

Sonhos esquecidos
Por causa de pessoas más
Que compaixão não há
E nunca haverá

Almas desoladas por um coração amargurado
Sem amor, nem compaixão
Nem mesmo pelos seus próprios irmãos
Quando olho, só vejo sangue no chão

Uma covardia
Inimigos separados pela melanina
Religião, raça, origens
Tudo que era vão
Se tornou importante então

Genocídio em pele de justiça
Como lobos em pele de cordeiros
Quem nos protegia,
Não protege mais!

Atrocidade igual a essa não há
Se for da “favela”
É LADRÃO
Pode matar!!!

Deus me ajuda a entender
Porque é tão difícil viver?
Ah!!!! Mas me lembrei agora
É melhor eu pedir lá fora
Porque sem alma não tem como me atender!!!

Preconceitos, discriminação e muito mais
E se for inimigo político
Então ferrou!!!
Manda matar e finge que não notou

Então pra terminar,
Depois de tudo falado,
Tenho que deixar um recado,
O PRECONCEITO TEM QUE ACABAR!

2.2 Etíno-racial -- A cor que mais valia – Jenipapo

Desde aquela época quem decidiu?
A cor que mais valia
Quem dizia ter o poder de escolher
O que deveria rever e quem deveria morrer

Ninguém tinha o direito
De expressar seu descontentamento
Aquele que obedecia sofria
E o que não, um destino pior o aguardaria.

Foram presos e acorrentados
Mortos e judiados
Afastados de dias da família
Maltratados a preço de milhas.

Recepcionaram e aceitaram
E o que foi que ganharam?
Traição e sacanagem
Além disso, ser chamado de selvagem.

Olha só quem diria
O que dizia ser amigo
Era o maior inimigo
Que existia.

Aprisionaram sem dó
Matando pai, mãe e avó
Trapaceando a todo custo, sem custo
Pensando somente no seu lucro.

Tudo era mais importante
Do que a vida dos habitantes,
Aquele era o seu lar
Modificaram sem pensar.

Lutando para ser quem é
Lutando para ficar de pé
Lutando para não morrer em vão
Lutando para não ser doutrinado
Por um ladrão!

Junto com eles além da maldade,
Trouxeram as doenças em grande quantidade
Dizimando novos povos.
Queimando-nos na pólvora.

Coisas que nunca ouviram falar,
Agora assombravam o nosso lar.
Acabando com a vida que não era acolhida.

Ao poucos fomos nos esquecendo,
De como era a vida sem tantos sofrimentos.
Ainda conseguimos lembrar
No que de nós sempre devemos acreditar

Tentando superar
Toda a dor que causaram sem pensar
Tentando alcançar a liberdade
Sem nenhuma lealdade.

Alguém um dia decidiu
O que existia e o que não existia
Decidiu o que era “melhor”
E o que mais valia

Sem ligar para o coração
Ou para o sentimento de uma nação
Trouxe caos e destruição
Nem deu ao menos uma explicação.

Tudo que havia ali foi roubado
Por um golpista safado
Que enganava e mentia
O tal honra não tinha.

Dizendo não saí errado
Que era algo conquistado
Que lutava ensinando o que era “correto”
Religião, cultura e dialeto.

Que egoísta esse “amigo”
Que não pensa no próprio umbigo
E agora o que fazer?
Só que nos ver sofrer

Chegou de mansinho
Dizia não querer nada de nosso cantinho
Nós acreditamos sem hesitar

Mas de repente a amizade acabou
E sem nenhum pesar nos enganou
Matando nossos filhos da mata
Deixando nossa vida triste e sem graça.

Tirou de nós o direito de falar,
De rir,
De brincar
De cantar e até de andar.

De se fosse sua mãe ou sua irmã
A moça indígena que você tomou para si
Era do meu clã
Tinha família e você a levou.
Levou-se como se fosse um objeto.

2.3 Étnico-racial - Escravidão do passado

A escravidão do passado
Também chamado de escravismo
Onde humanos são prioridades do outro

Sociedades, desde o tempo mais distante
Humanos eram considerados produtos.

Europeus, navios,
Homens, África
Colocados à venda
Cruel, cruel

A escravidão do passado
Ficou apenas o legado.
Depois da assinatura no papel
Daquela tal princesa Isabel

Discriminação do passado
Hoje em dia não rola
Seja ela raça ou religião
Não faça disso uma opinião
Para não criar uma discussão.

Mulheres negras
Sofrendo com a escravidão
Trabalhos domésticos
Cozinheiras
Arrumadeiras
Amas de leite

Não se mede a qualidade do conteúdo
Pela cor do volume
Pode ser um poderoso veneno
Ou talvez um agradável perfume

Preto, branco não importa
Todo mundo é igual
Na presença infinita
Do nosso pai celestial

2. 4 Étnico-racial - Minha pele – Embaúbas

Você sairia bem vestindo a minha pele?
Sendo negro por um dia?
Passar o que passo?

Só pelo fato de ser negro
Olhar torto todo dia,
Em torta a direção da vida.

Vista minha pele...
Você sairia bem com o cabelo sarará?
E sendo negro por um dia?

Vistas a minha pele
Negro é ladrão e bandido
Não pode ter opção de ser
Ouvido, quando se manifestas acaba na prisão

Vistas a minha pele da cor que quiser
Vistas a minha pele
E sinta orgulho de ser negro.

Não é por que sou negra
Que vou roubar,
O jeito do cabelo tudo intercede
Carrego com orgulho a genética que segue

Não é estranho ser negro
Nem pardo, mulato ou pobre
O estranho é ser racistas
Somos todos iguais, sem conversas banais.

Nem preto, nem branco
Somos todos seres humanos
Não importa a cor
Precisamos de amor

Não importa a raça
A amizade que é importante,
A minha cor não importa,
o que importa é meu valor.

Todas as cores do mundo você pode ter
Porque na minha vida o racismo está morto.

Quantas vezes já vi,
Pessoa serem determinada por ter algo diferente.
Porque fazer isso sociedade,
Sociedade aparência não é tudo.

Em vez de olhar a cor dos olhos,
Olhe a o brilho deles
Em vez de olhar se sorriso é branco,
Olhe se são verdadeiros.

Cada pessoa é bela do seu jeito,
Jamais mude por alguém.
Fizeste tantas pessoas morrerem por depressão,
Ocasionalada pela sua discriminação,

Então diga não ao preconceito.

3. Sobre Gênero

3.1 Gênero - Mundo das aparências

Era uma vez Dom Juquinha
Desde de cedo taxado como menininha
Sempre muito educado, mas desde sempre encucado.

Com aqueles que haviam falado,
Sobre seu jeito afeminado
Mal sabia Dom Juquinha
Que dali para frente era comum

Sentir a dor das palavras
Sobre ser mais um
Mais que daqueles maltratados
Por ter sexualidade
Diferente daqueles malcriados

Mais tarde,
Dom Juquinha se assumia
Com um ardor amargo
De um preconceito escancarado.

Daqueles olhares nada disfarçados,
Ali o preconceito nascia
Agora o jovem entendia sua vida dali mudará.

Pela força das palavras
Ressoante de desejo
Dom Juquinha sentia
Um pouco de medo

Por um rapaz demasiado barbado
Demonstrando interesse
Queria que o tal rapaz conhecesse Dom Juquinha
Esquecesse do mal olhado.

Chegou o dia de dizer
A sua família
Sobre aquele com quem sentia
Desejo de vida

Sua família desgostosa,
Logo, espancaram Dom Juquinha.
Dizendo que aquilo não é permitido
Pela igreja

Dom Juquinha bem temente,

Tendo sempre em sua mente,
Que isso não lhe fazia menos gente.

“Eu não posso mudar”
O que já é parte minha.
E o laço foi desfeito
Enxergando ele com defeito.

Sua família sendo repulsaste
Desse jeito exilado
Do contato com aqueles
Que não havia criado

Agora morador de rua
Sentia sua alma nua
Sob a mercê da ruindade
Sentia-se transformar.

Toda vez que catava lixo pela cidade
Os olhares eram os mesmo
Sempre de desprezo
Dom Juquinha se sentia
Diferente de quando era menor.

A fome era gritante
Dom Juquinha com a cabeça martelante
Correu para um novo mundo
O dia era noite

Agora Dom se vestia de menina
Aqueles transeuntes lhe cercavam durante a noite.

O menino procurava por homens com dotes
Aqueles com dinheiro bem aventurados

O pagamento já foi ganho
Logo Dom comprava sua morada
Com dinheiro de cada noite mal passada.

E ali, reencontrava
Aquele rapaz de barba.
E agora um pouco raspada.
Logo, Dom namorava
O amor deles por todo canto exalava

Dom sentia uma dura ponta
Era da ponta de uma faca bem amolada.
E com isso, dom lembrará da sua infância.

Dali Cia o corpo do rapaz,

No chão escancarado.

E mas, um daqueles mal julgados.
Que sofre pelo julgamento alheio.
Não existe final feliz
Essa é a dor de cada homossexual.

3.2 Gênero - Abóbora da Feira - Erva Mate

Ela tava por aqui e acolá,
Assombrando, despreocupada
E com vontade de comer abóbora.

Tava apaixonada,
E ao mesmo tempo contando moedinhas pra ir à feira.
Buscar abóboras laranjadinhas.

Tava apaixonada pela moça que achava ser a mais graciosa das cidades.
E que adorava comer tudo que ela cozinhasse bem temperadinha.
É leve...

Ela gostava de muita coisa
De Abóboras, de futebol de bola de goma, de samba e da mocinha bonita.
Da cor vermelha e de vento que gela o nariz.

Buscou a bendita abóbora.
E balinha de goma.
Mas, não ventava de gelar o nariz.
Tava sol, quente e mesmo assim tava soltinha de tão feliz.

Controlava o samba mais bonito que conhecia.
A vontade era dançar, ali, nas ruas de Curitiba.
Porque hoje veria a moça bonita.
A vida tava sorrindo.

Podia cair chuva,
Podia nem mesmo ter abóbora na feira.
Que a vida ainda estava sorrindo.

Só deixa de sorrir pra vida.
Quando aparecem olhares
Sejam maldosos, sejam de julgamento
Fica cinza.

Não queria lembrar-se do receio
Do medo de cantar o samba.
Da precaução de existir.
Mas, as vezes, lembrava.

Vivia assim, se equilibrando.
Vez tranqüila
Vez lembrando
Mas continuarão ali.

Pra amenizar o cinza estava ali.
A moça bonita dizendo que as coisas iam melhorar
Ela quem deixava colorido

E a esperava do outro lado da rua

Faziam a abóbora

Laranja forte

Cantavam apesar de você

E lembravam que amanhã vai ser outro dia.

Os sambas, abóboras e as cores eram inspirações.

Esperança e felicidade

De dançar na calçada num instante sem medo.

Talvez samba seja mesmo

Som de resistência

E abóbora seja mesmo

Comida de conforto.

3.3 Gênero –

O que vão dizer?
Seus pais a coisas tais
Quando ouvirem rumores
Do nosso amor
Ninguém vai poder nos dizer
Como amar.

Num mundo banalizado,
Onde há padrões
Respeito a diversidade
E por si, afirmação.

A partir daqueles que vão
Buscar o direito de escapar
De tal manifesto

O capital habitualmente
Consumido transformado.
Inclusive a diversidade,
Todos terão por direito,
De dar sua opinião,
Opinião pejorativa é opinião?

Há diversidade em tudo
Não há o que discutir
Desde o comportamento
A etnia e a racial

Cada um ser diferente
Torna o mundo legal
Raças, povos e nações
Com igual e desigual
Entendemos que isso é diversidade.

Respeitar a diversidade
Não precisa ser perfeito
É conviver com o outro
Sem agir com preconceito
Do jeito que o colega for
Merece nosso respeito

Há quem nasceu para julgar
E há que nasceu para amar
Amar para respeitar
Amara para tolerar
Amara para compreender

Que ninguém tem o dever

De ser igual a você

Cá entre nós,
Falaremos de papo sério,
Há controvérsias de um lado,
Pela primeira vez
Em séculos mais negros em universidades federais

Por outro lado,
Mais chacinas de negros
Em manchete de jornais
Me diz, quanta ironia em duas notícias
Em um país só,
O que a gente faz?

4. Sobre o falso “Descobrimento”

4.1 Falso descobrimento - Sarandi

Ao horizonte algo viu
De onde veio?
Chegaram para explorar
Queriam dominar.

Nossa casa, nosso bem
Cortado e devastado
Como um arado
Ambição sem respeito.

Mediram e dominaram
“amigos” disseram
Nossa fé impuseram
Vocês estão errados.

Guerra por nossa terra
Montes e desgraças
Um ser que reza
Mudem, sejam como nós.

Não vivemos em jaula
Isso até hoje
Uma guerra sem fim
Para reconquistar nosso lar

Árvores e animais
Mortos por diversão
Pensam em lucro
Extinguindo tudo

Quando acabar
Vão se arrepender
Tudo o que fizeram
Todos vão morrer.

4.2 Descobrimento - Uma ganância – Crideúva

Descobriram uma nova terra,
E ela queria explorar
Não se intimidaram a entrar
E aquelas pessoas que ali moravam
Vieram a tirar

Tomaram conta de tudo
E começaram afirmar
Que a descoberta era deles
E jamais ninguém podia negar

Hoje nada mudou
Ainda ninguém sabe amar
E só querem dinheiro ganhar
Para seu grande poder demonstrar

Não param para pensar
O quanto pode prejudicar
E trazer dores para alguns carregarem
Morrendo, sem ainda entender
O que é realmente amar.

4.3 Descobrimento - Suposta Colonização – Mutambo

Vinte dois de abril,
O ano era de mil e quinhentos,
Lá ocorreu
O tal do descobrimento.

Veio nas embarcações
Expostas as questões
As descobertas
Realizadas pelas navegações.

Era uma suposição
Suposta colonização
Resultando em um início
Início do fim.

Um Brasil explorado
Desmatado e saqueado
Colonizado por exploradores
Explorado por todas as cores.

Descobriu ou invadiu?
Enganou ou negociou?
Escravizou ou libertou?
Cuidou ou exterminou?

Nas navegações violavam
Aves, plantas e índios
E quando retornavam
Contaminavam e exterminavam
Para nobre era simples
A tortura era extrema
E a cultura materna
Foi massacrada.

Transformará uma geração
Pensando e medindo
Quebrando e calando
Desmontando e modelando.

Os enganados
Os danos das terras
Em trabalho escravo
Independência apenas para o que roubaram

Os verdadeiros não foram roubados
Foram assassinados
Foram aprisionados.

Os brancos sabiam
Donos das verdades absolutas
Os principais emaranhados das verdades divinas.
Eles desmoralizaram
Pesaram e mediram
Conclusões categóricas
O ancestral estava na bíblia.

Imposta aos oprimidos
Que não os deu amor
Nem paz
Nem feitiço

Era a arma ideológica
Usada pelos opressores
Cujo os corações e cérebros
Precisavam mais de seus preceitos morais.

4.4 Descobrimento - Descobrimento e “estórias” - Jequitiba

Espanhóis, africanos, portugueses
Estórias do passado
Onde viviam todos fugindo
Sem respeito e falta de humildade

Indígenas com suas etnias
Portugueses com seus costumes
Africanos com seus corpos a serem domados
E o “Brasil” a ser explorado

Portugueses dominaram os indígenas
Indígenas escravizados
Seus pertences roubados

Choro e dor, momentos de horror
Pedro “Caravelas” atinge o Brasil.
Que cedeu?
Quem sofreu?
Pra quem doeu?

O desmatamento foi um desmantelamento,
Em busca de riquezas,
O que restou foi a tristeza.

Brasil,
Sua origem é a exploração
Explorar a natureza
Prática armada Brasil

4. 5 Descobrimento - Tormento - Capixinga

Índios que ali moravam
Sua cultura aproveitavam
Da natureza desfrutavam
E da harmonia compartilhavam

Estrangeiros ali chegaram
Suas riquezas compartilhavam
Da natureza exploraram
Com os índios não se importavam

Falsas ideias apresentavam
Suas liberdade foi torrada
Sua cultura explorada
A invasão iniciava

A religião ate imposta
Dizimada a cultura sem respostas
Escravizaram os moradores
Sem dividir seus clamores

Esse é o chamado descobrimento
Na verdade podemos chamá-la de tormenta
Muito acredito ser inovação
Prefiro chamar de “invasão”

4.6 Descobrimento - Descoberta – Palmito

Maldito o dia
Em que me aconteceu
Por causa de mentiras
A minha poesia se perdeu

Vocês foram descobertos
Disse o homem sem cor
No seu próprio dialeto
Sem sentir a nossa dor

Ah! Se eu soubesse
Só queria nossa riqueza
Isso me entristece
E minha alma não aceita

Nós fomos descobertos
Como um caranguejo de mangue
Roubaram nossa casa, nossa terra
E lavaram- as com sangue.

Açoitado sou aqui,
Sento fome, sinto frio
Só porque um homem branco
Disse que me descobriu

Trazidos da África, de outras terras
Preciosas rainhas e juízes.
Trazidos para a miséria
Impedidos de serem felizes.

Carregados como animais
No navio do animal sem cor,
Condições desumanas e surreais
Possibilitou aos humanos sentir a pior dor.

Esse povo é o meu povo.
Amarrados, maltratados, açoitados
Friamente executados
Em nome do ter, em nome do pai.

Isso é ainda mais
Aconteceu depois que ele nos viu
Aquele! Ele mesmo!
O homem que nos “descobriu”.

6. Feminismo

6.1 Feminismo

Feminismo é chato
Feminismo é mimimi
É querer atenção
É desnecessário.

Esse pensamento acima não é meu.
Mas, é da maioria
Muitos homens
É pior, de mulher também.

Eu não escolhi ser feminista
Não me educaram assim
Aliais, nem perto
Muito pelo contrário.

Educaram-me para falar baixo
Não usar roupa curta
Não beba muito
Ou nem beber

Porque condizem
Mulher bêbada é feio, né?
Shorts e decotes?
Oferecida, tá pedindo

Também me educaram
Para saber cozinhar
Lavar e passar
Se não, como vou casar?

Porque mulher deve casar
Vai morrer solteira?
Encalhada
Sem filhos?

Falei muito
Mas, ainda não me posicionei
Sou feminista?
Sou sim

Sou Marielle Franco
Sou Frida
Sou Joana D'Arc
As que lutaram por mim

Sou lésbica
Sou bissexual
Sou preta e pobre
Mas, sou mulher

O que importa é decidir
Não baixar a cabeça
Gostem ou não
Na deles a opção

Sexualidade da mulher
É a que ela quiser
E se não tiver tamb´me
Sem problema, viver sem

Ninguém tem que escolher
O que você veste
Ou se quer ter um filho
O coração é da mulher, é meu, é seu.

Muitos homens fazem filhos
E vão embora
Mas, é “normal”
A sociedade não liga

Agora se a mulher
Quer tirar o feto
É condenada por todos
E na maioria, se tirar, morre

Homens não têm necessidades
De se depilar
Mas mulher com pêlos
É suja, nojenta

Porque homem pode
E mulher não pode
Porque se “pega” várias mulher
É garanhão

E mulher que fica com
Vários homens é rodada?
Por que é obrigação da mulher cuidar da casa

E o homem não precisa fazer nada
Por que nós mulheres
Temos que sair sempre como medo
Sem saber se voltamos?

São perguntas e mais perguntas

Fica difícil de responder
Na verdade, não tem respostas.
Mas, isso tem que mudar.

Toda essa situação
Descreve o porquê do feminismo
Queremos mudar
Essas antiguidades
Tão presentes

Trazidas de uma história
Manchada pelo machismo
Com mulheres oprimidas
E eram sem voz

Mas, agora estamos lutando
Mostrando-se ao mundo
Que feminismo não é o oposto de machismo

Machismo busca o homem acima da mulher.
E o feminismo busca igualdade de direitos.

E o que tem ma nisso?
Em todas temos direitos?
O feminismo não faz mal
Busca igualdade.

Então, quanto te perguntarem
O que é feminismo
Você já sabe responder
E o porquê existe

Mesmo muitos achando
Que é mimimi, chatice
Não vão nos calar.
Sempre haverá um grito.

Nossos direitos
Nossas oportunidades
Vamos seguir
Vontades sem medo

Sem medo do seu julgamento
Sem medo de seus olhares
Sem medo de reprovação
Sem medo de ter medo

Vamos ser nós mesmas
Mulheres
Livres

Feministas

7. Sobre os Indígenas

7.1 O desabafo de um índio

Somo índios guerreiros
Lutamos para vencer
Lutamos para a nossa paz
Para ver nossa tribo crescer

Terra da mãe, terra da gente
Vou preservar a minha natureza
Porque ela me pertence

Exibo minha cultura
Sem vergonha de me aparecer
Sou índio da verdade
E não terei medo em ser.

Pode vir com flores
Ou venha com seu espelho
Ode vir com sua tribo
Mas não esqueça seu respeito.

Espírito da floresta
É o que me fortalece
Conheça a nossa festa
E se envolva no nosso ritmo

Homens brancos
Homens de má fé
Não me engane nos seus jogos
Não sou seu brinquedo de guerra

Respeito minha lança
Respeite minha alma
Vamos sobreviver
E mostra a todos quem somos.

Sinto-me em chamas
Igual colocam a floresta
Taca fogo lá de novo
Que eu te dou uma na testa

Meu coração é da floresta
Flora linda flores
Ar puro das árvores

Lá onde é meu lar

Meu Deus não é igual o seu
A energia da floresta me dá forças
Vou continuar lutando
E vou vencer sem medo de ser.